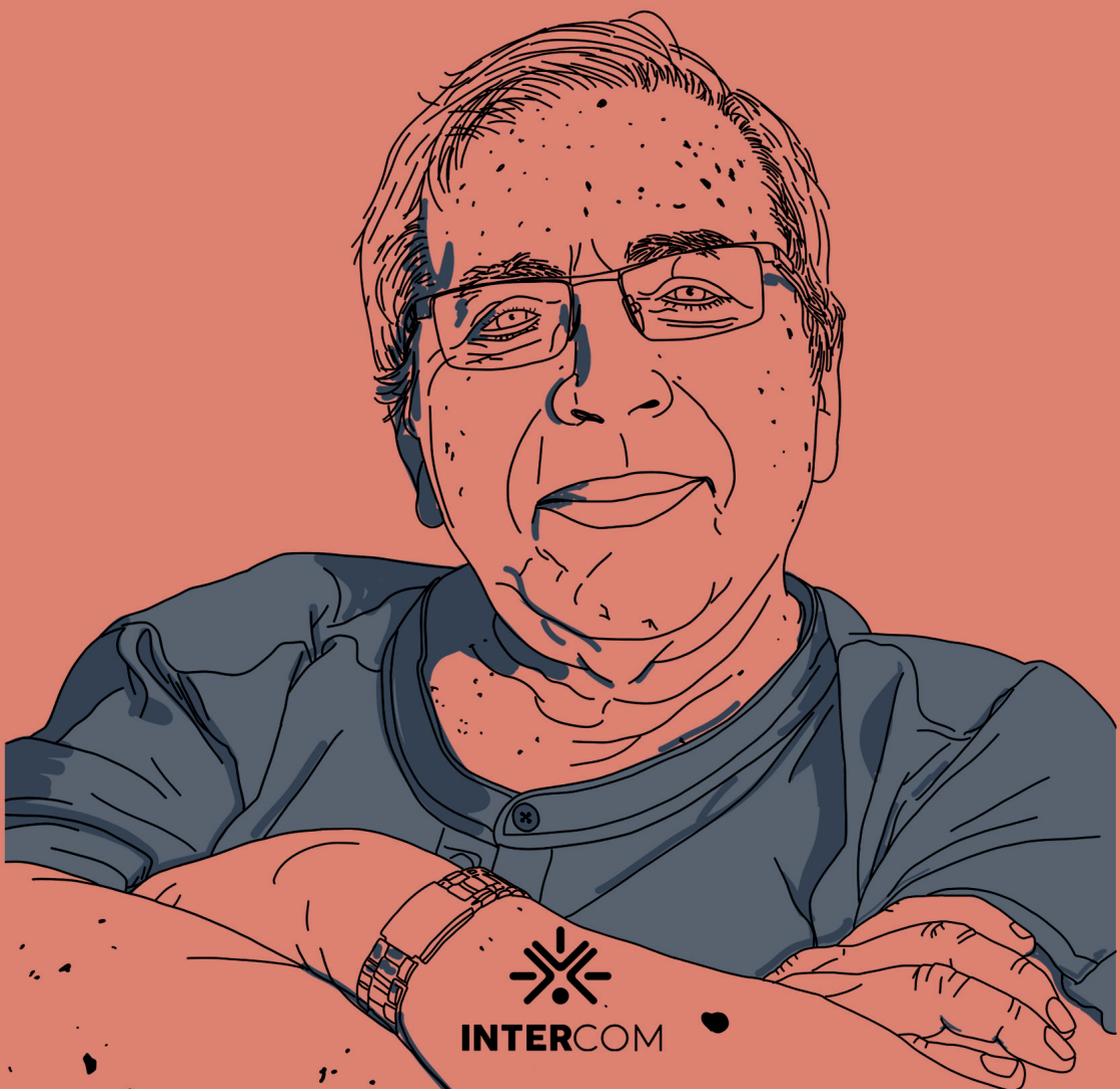


IVANISE HILBIG DE ANDRADE
NARA LYA CABRAL SCABIN
GENIO NASCIMENTO
(organizadores)

JMM, 80 ANOS

MEMÓRIAS E LEGADO NO
CAMPO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL




INTERCOM

IVANISE HILBIG DE ANDRADE
NARA LYA CABRAL SCABIN
GENIO NASCIMENTO
(organizadores)

JMM, 80 ANOS

MEMÓRIAS E LEGADO NO
CAMPO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



INTERCOM

Copyright © Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2024.

organização

Ivanise Hilbig de Andrade
Nara Lya Cabral Scabin
Genio Nascimento

edição, projeto editorial e capa

Gênio Editorial

revisão

Mariana Guedes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

JMM, 80 anos: memórias e legado no campo da Comunicação no Brasil
/ organizadores. Ivanise Hilbig de Andrade, Nara Lya Cabral Scabin,
Genio Nascimento . -- São Paulo, SP : Intercom, 2024.

Vários autores.

Contém bibliografias.

ISBN 978-85-8208-141-9

1. José Marques de Melo 2. Memórias 3. Legado I. Andrade, Ivanise
Hilbig de. II. Scabin, Nara Lya Cabral. III. Nascimento, Genio.

24-222248 CDD-300

Índices para catálogo sistemático:

1. José Marques de Melo : Memórias : Legado 300

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

IVANISE HILBIG DE ANDRADE
NARA LYA CABRAL SCABIN
GENIO NASCIMENTO
(organizadores)

JMM, 80 ANOS

MEMÓRIAS E LEGADO NO
CAMPO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



INTERCOM

São Paulo
2024

Sumário



Sumário

PREFÁCIO | 10

Margarida M. Krohling Kunsch

APRESENTAÇÃO | 18

Ivanise Hilbig de Andrade, Nara Lya Cabral Scabin e Genio Nascimento

CAPÍTULO 1 - LEMBRANÇAS E VIVÊNCIAS

José Marques de Melo, In memoriam | 25

Raúl Fuentes Navarro

Vivências com JMM | 31

Juçara Brites

Depoimento sobre o guerreiro midiático | 57

Sérgio Mattos

**O homem que sabia escutar e ver com profundidade:
minhas lembranças de JMM | 71**

Monica Martinez

**Professor Doutor José Marques de Melo em Sorocaba:
recordações de um Programa de Pós-graduação em
Comunicação | 82**

Paulo Celso da Silva e Fernanda Brugneroto Soares

**JMM e os eventos científicos no interior paulista: parcerias
com as Faculdades Adamantinenses Integradas - FAI | 97**

Ieda Cristina Borges e Sérgio Barbosa

Um dia na Imprensa Brasileira: memórias pessoais e afetivas ligadas ao professor José Marques de Mello | 108
Laianny Martins Silva Efel

CAPÍTULO 2 - CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO

O legado de José Marques de Melo em gêneros jornalísticos: inquietudes de um pesquisador visionário | 124
Marli dos Santos e Ana Carolina Temer

A atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo nas Ciências da Comunicação | 148
Flávio Santana

José Marques de Melo e Paulo Freire: dois nordestinos comprometidos com a educação | 168
Ricardo Costa Alvarenga

As grandes lições de um mestre que sempre se comportou como discípulo. José Marques de Melo e a consolidação do campo comunicacional no Brasil | 174
Orlando Maurício de Carvalho Berti

José Marques de Melo, os gêneros jornalísticos e eu: caminhos cruzados em autorreflexão | 187
Francisco de Assis

Sobre os autores e organizadores | 217

Prefácio



Prefácio

Margarida M. Krohling Kunsch

Muitas recordações e emoções me tomam ao escrever este prefácio. Relembrar meu convívio com José Marques de Melo, de 1978 até sua partida em 2018, me faz lacrimejar de saudades de uma vivência afetiva, acadêmica e construtiva ao longo desses 40 anos.

Ao ler os doze artigos desta coletânea, muitos dos depoimentos percorrem minha mente como testemunha viva das memórias vivenciadas pelos autores. Esta obra não só faz uma retrospectiva das trajetórias compartilhadas com José Marques, mas revitalizam suas inúmeras contribuições para o campo das Ciências da Comunicação nas suas mais variadas dimensões.

São muitas as lembranças descritas, desde a biografia dialogada, a relatos de convivência, memórias afetivas, depoimentos como alunos, orientandos e parceiros sobre dissertações e teses produzidas, livros publicados, correlação com Paulo Freire, eventos realizados em conjunto, incentivos para criação e fortalecimento de novos programas de pós-graduação, pesquisas em grupos por ele induzidas, exaltação como um guerreiro midiático, defesa da brasilidade e valorização da produção científica nacional e retrospectiva das contribuições efetivas nos estudos em gêneros jornalísticos.

Nesta obra coletiva, as abordagens se mesclam com referências e citações das inúmeras obras publicadas por José Marques e com manifestações de afeto e carinho pelo eterno

mestre que, certamente, fez a diferença na trajetória acadêmica desses autores. Ela complementa e revitaliza outros livros já publicados sobre sua biografia. A semente lançada por ele gerou muitas árvores robustas e frutos que nos induzem não só a celebrar sua memória, mas a continuar a batalha para consolidação do campo da Comunicação.

Meus primeiros contatos com José Marques se deram a partir de 1978, nos chamados Ciclos de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que por algum tempo aconteceriam em casa de encontros nas cercanias da zona sul da cidade de São Paulo. Em novembro de 1978, fui com meu marido fazer uma visita a ele e aos outros pioneiros reunidos em Santos (SP), no I Ciclo, quando foi tratado o tema “Estratégias de ensino em Comunicação”.

Desde então me chamava a atenção sua liderança e seu idealismo em fazer avançar a pesquisa em Comunicação e, ao mesmo tempo, reunir estudiosos e trazer para o debate os temas contemporâneos, em sintonia com a sociedade, no contexto da dinâmica das conjunturas nacionais. A Intercom promovia, nos encontros anuais, debates sobre uma comunicação de resistência à ditadura, até a transição democrática, iniciada com as “Diretas-já”, em 1984. Sempre também com a preocupação como ensino e a pesquisa da Comunicação nas suas várias áreas aplicadas.

Como visionário, e com a redemocratização do Brasil, ele percebeu que estava na hora de a Intercom ampliar seus encontros anuais e possibilitar uma participação maior de pesquisadores. Assim, a partir de 1986, o evento passou a se chamar Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, mantendo o ciclo como seu evento principal. Nesse mesmo ano, dentro do novo formato, acontece o IX Ciclo, que integra o IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e é realizado em parceria com a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Com o tema central “Comunicação para o desenvolvimento”, procurou redimensionar criticamente o papel da Comunicação no

processo de desenvolvimento, numa conjuntura de reconstrução democrática vivida pelo Brasil e por outros países latino-americanos. A partir daí, a Intercom realiza seu evento anual por meio de uma promoção conjunta com uma universidade, em vez de encontros fechados como ocorria na época da ditadura militar.

Desde então, os congressos anuais foram crescendo e sendo realizados em cidades de todas as regiões do país, em parceria com diversas universidades. A presença do José Marques em todos eles era infalível, mesmo com os problemas de saúde que o afetaram em seus últimos anos de vida. Sua alegria era estar presente, dialogar com todos, participar dos grupos de trabalho e compartilhar ideias e novos projetos de pesquisa.

Minha convivência com José Marques foi como parceira nas entidades nacionais e internacionais da área da Comunicação. Muitos foram os desafios que ele me colocou, tanto para assumir o cargo de presidente quanto para realizar conjuntamente inúmeras iniciativas e ações. Tudo movido sempre pelo objetivo de ampliar o espectro de atuação da Intercom, da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic), da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom), da Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação (Assibercom) e da Confederação Ibero-Americana de Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Confibercom). A crença na relevância do papel das associações científicas para o desenvolvimento do campo acadêmico da Comunicação era uma das suas características marcantes. De fato, nessas entidades encontramos espaço por excelência para a socialização das pesquisas produzidas e dos novos conhecimentos gerados nos programas de pós-graduação em Comunicação e em outros centros de estudos e espaços acadêmicos.

A Intercom surgiu no contexto das associações que respaldam e fortalecem a Sociedade Brasileira para o Progresso da

Ciência (SBPC), buscando articular os interesses da comunidade acadêmica de Comunicação. Ela foi criada em 12 de dezembro de 1977 na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. “Ela nasceu como alternativa possível para permitir a intercomunicação de estudiosos da comunicação que não encontravam ambiente favorável para a prática do diálogo, do debate e da crítica nos locais de trabalho. Esmagados pelo poder autoritário e desestimulados pela engrenagem burocrática, os professores e estudantes, que se sentiam motivados para repensar a ação pedagógica e científica exercitada nas escolas de Comunicação, compreenderam que somente poderia fazê-lo com liberdade e autonomia do próprio espaço acadêmico.” Buscava-se com a nova entidade construir um lugar onde se praticasse a reflexão pluralista dos temas emergentes da Comunicação em consonância com a sociedade e a cultura brasileira. (*Ideologia e poder no ensino de Comunicação*, 1979, p.8), organizado por José Marques de Melo, Anamaria Fadul e Carlos Lins da Silva).

Assim como a SBPC, que foi guarda-chuva para o surgimento das sociedades científicas das várias áreas do conhecimento, a Intercom foi a matriz para formação das entidades que hoje integram a Socicom. Evidentemente, o impulsionamento veio de José Marques como grande articulador. As Ciências da Comunicação cresceram muito no país e hoje incluem vários campos do saber.

José Marques, nos seus estudos e com suas contribuições, foi muito além do Jornalismo, sua área de formação na graduação e na atuação profissional no início da carreira. Ele trabalhou para o desenvolvimento e a consolidação das Ciências da Comunicação no Brasil. A abrangência temática de suas pesquisas e publicações perpassa várias vertentes que mereceram ser estudadas também por seus orientandos de mestrado e doutorado, como Comunicação e Religião, Relações Públicas, Folkcomunicação, Telenovela, Comunicação e Saúde, entre outras temáticas. Era

fascinado pelo estudo de biografias de autores pioneiros do campo da Comunicação, em nível nacional e internacional, e muitos dos seus orientandos se dedicaram a esse resgate. Sua preocupação com a história do campo e das áreas da Comunicação era também uma característica muito presente.

Como fundador e coordenador da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, na Universidade Metodista de São Paulo, realizou inúmeros eventos nas mais diversas temáticas e resgatou o pensamento dos estudos pioneiros da América Latina com colóquios presenciais e publicações específicas. Nessa Cátedra criou um acervo memorável sobre o Pensamento Comunicacional Latino-americano. Todas as iniciativas concretizadas expressam seu cuidado em dar base científica ao campo do conhecimento, assim como em contribuir com as novas gerações.

São muitas as lembranças construtivas de José Marques que para mim serviram de inspiração. A generosidade em abrir as portas para novas pessoas e gerações para integrarem projetos de pesquisa, criar e dirigir entidades, organizar eventos científicos, conhecer órgãos de fomento etc., era uma constante. Numa época fechada e restrita a poucos, quando foi representante da área da Comunicação no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e no Ministério de Educação e Cultura, levou até a comunidade as informações de como ter acesso e animava os professores a apresentarem projetos. Foi assim que conseguiu apoio do MEC para financiar laboratórios de práticas didáticas para os cursos de Comunicação Social, algo que não acontecia até então. Ele era um incentivador e articulador do campo comunicacional no ensino, na pesquisa e na extensão e cultura.

Nos seus contatos internacionais nas entidades e nos seus respectivos congressos, fazia questão de incentivar a participação brasileira com a apresentação de comunicações científicas. Como

presidente da Intercom em 1988, fui convidada a coordenar a parte brasileira do “Estudo comparativo dos sistemas de comunicação no Brasil e no México”, que reuniu 10 pesquisadores brasileiros e 10 mexicanos. Desse estudo resultou a publicação de livros com o mesmo tema, nos dois países. Foi uma experiência única e serviu de ponto de partida para colóquios binacionais com outros países que a Intercom passou a realizar.

Nesse mesmo ano de 1988, fui convidada para integrar o comitê de reconstituição da Alaic, juntamente com os mexicanos Raúl Fuentes, que se encarregou da reformulação dos estatutos, Enrique Sanches Ruiz, então presidente da Associação Mexicana de Investigadores de Comunicación (Amic), e Luís Nunes Gomes, presidente do Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (Coneicc), do México, e mais entidades do Brasil. Em setembro de 1989, realizamos a Assembleia de Reconstituição da Alaic, durante o congresso anual da Intercom, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, que contou com uma participação significativa de colegas latino-americanos. Na história da Intercom até então, este foi o maior congresso em número de participantes nacionais e internacionais. Lembro-me de que então, no discurso de abertura, afirmei: “A Intercom é a SBPC da Comunicação”.

A partir de então José Marques e eu atuamos em várias frentes para que a Alaic cumprisse sua missão como entidade internacional do continente latino-americano. Com o *Boletim Alaic* ela passou a ser conhecida na comunidade da região. Instituímos a realização de um congresso bienal, de forma ininterrupta, que cresceu e se repete até hoje, com grande participação de pesquisadores. A Alaic, após sua reconstrução e principalmente nas últimas décadas, tem se estabelecido como uma entidade realmente representativa dos investigadores de Comunicação na América Latina.

Em 1989, sob a liderança de José Marques, promovemos a filiação da Intercom com a International Association for Media and Communication Research (IAMCR). Nesse mesmo ano, se firmaria o primeiro convênio com uma entidade de comunicação do exterior, o Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (Coneicc), do México. Outros dois acordos seriam estabelecidos depois, já na minha segunda gestão como presidente (1991-1993): um com a Soci  t   Fran  aise des Sciences de l'Information et de la Communication (SFSIC); e outro com a Societat Catalana de Comunicaci  , da Espanha, ambos em 1992.

S  o recortes panor  micos para exemplificar a amplitude da vis  o e atua  o do amigo e saudoso Jos   Marques de Melo, que deixou um legado reconhecido e respeitado no pa  s e no exterior. Eu teria muitas outras parcerias da nossa conviv  ncia para descrever, mas este n  o    o objetivo neste pref  cio. Ter convivido com ele por tantos anos me fez crescer e aprender que vale a pena nos dedicarmos voluntariamente a causas coletivas e institucionais nas quais acreditamos. Conclamo a todas e todos a continuarmos a batalha para que a consolida  o da Comunica  o, como uma grande   rea no conjunto da   rvore das demais   reas do conhecimento, seja de fato concretizada no pa  s.

Margarida M. Krohling Kunsch

*Professora Titular Em  rita da Escola de Comunica  es e Artes
da Universidade de S  o Paulo.*

*Presidente do Conselho Curador da Intercom - Sociedade
Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunica  o.*

Apresentação



Apresentação

Ivanise Hilbig de Andrade

Nara Lya Cabral Scabin

Genio Nascimento

Em 2023, o professor José Marques de Melo, se estivesse vivo, completaria 80 anos de idade. Com certeza, ainda estaria organizando algum evento científico ou escrevendo um novo livro. Em sua trajetória, marcada por um trabalho pioneiro de pesquisa e de ensino da Comunicação no Brasil, Marques de Melo foi jornalista, professor, autor de dezenas de livros, além de um grande líder, fundando a maior e mais longeva entidade de pesquisadoras e pesquisadores em Comunicação da América Latina, a Intercom.

Para celebrar seu aniversário, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM - reúne, nesta coletânea, histórias da vida de José Marques de Melo contadas por ex-orientandos, colegas de trabalho, pesquisadores e jornalistas que, de alguma forma, tiveram seus percursos cruzados com o do mestre JMM.

Nascido em Alagoas, em 1943, José Marques de Melo formou-se em Jornalismo e iniciou sua carreira acadêmica no Recife, em 1966. Foi assistente do professor Luiz Beltrão, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco e, em São Paulo, fundou o Centro de Pesquisas da Comunicação Social, mantido pela Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero. Também foi o primeiro doutor em Jornalismo formado por uma universidade brasileira, tendo sido um dos docentes-fundadores da Escola de Comunicações e Artes da

Universidade de São Paulo (ECA-USP). Em 1977, idealizou e foi um dos fundadores da Intercom, em que exerceu a presidência durante três mandatos. No ano de sua morte, 2018, Marques de Melo era presidente de honra e líder do Conselho Curador da entidade.

Mais do que relatos de experiências, esta obra reúne relatos de (con)vivências. São 12 textos, em formatos diversos, que contam detalhes de momentos de convívio, de trocas de experiências, de aprendizado conjunto, orientações e reflexões que se tornaram conceitos, linhas de pesquisa, entidades, eventos científicos.

Raúl Fuentes Navarro, professor e pesquisador mexicano, recupera o discurso que fez no Congresso Nacional da Intercom de 2018, em Joinville, meses após o falecimento de Marques de Melo. Em sua fala, destacou os aprendizados e satisfações proporcionados pelos mais de 30 anos de convivência, com especial atenção às publicações e eventos realizados nos anos 1980, quando JMM inaugura o eixo temático que ele batizou, à época, de Pensamento Comunicacional Latinoamericano. Para Raul Fuentes, essa fórmula resume o sentido do trabalho de Marques de Melo, ao expor as posições, propostas e interpretações a respeito das tensões que são a força motriz do nosso campo acadêmico.

Em “Vivências com JMM”, Juçara Brites percorre e costura, de forma poética, entrevistas inéditas que José Marques de Melo concedeu à autora nas quais o professor relata sua vida profissional entre as décadas de 1990 e 2000. São registros de sua extraordinária dedicação ao estabelecimento de um ambiente acadêmico propício para o desenvolvimento das Ciências da Comunicação no Brasil e, na sequência, para a internacionalização da produção local para além das fronteiras da América Latina.

No texto seguinte, Sérgio Mattos, um dos biógrafos de José Marques de Melo faz uma reflexão sobre o papel desempenhado pelo primeiro doutor em Jornalismo do Brasil, detalhando como surgiu a ideia de produzir a biografia dele. A segunda parte do texto contém uma análise da primeira publicação em forma de livro produzida por Marques de Melo, obra intitulada *Da responsabilidade social do jornalismo* (1965), a partir da qual, pode-se afirmar, toda a obra de José Marques de Melo, construída ao longo de 50 anos de vida acadêmica, apresenta uma coerência conceitual contextualizada.

Em “O homem que sabia escutar e ver com profundidade: minhas lembranças de JMM”, a pesquisadora Mônica Martinez evoca, em linguagem muito próxima da literatura, lembranças pessoais sobre José Marques de Melo, em especial no período a partir de 2008. A intenção é a de resgatar os momentos importantes nos quais se pode debater o campo de estudos do Jornalismo Literário em relação ao gênero diversional. O texto também objetiva mostrar, por meio da memória e da narrativa biográfica, a importância de Melo como orientador de pessoas num nível muito profundo, encorajando os indivíduos a se perceberem em relação ao campo e a si mesmos.

Paulo Celso da Silva e Fernanda Brugneroto Soares realizam um exercício de memória da gênese e do desenvolvimento o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba e a participação do Prof. Dr. Marques de Melo nessa construção. Ao homenageá-lo, os autores buscam manter viva sua importante trajetória na área a qual propôs, construiu, labutou, lutou para desenvolver e fazer avançar tanto teórica quanto prática. A experiência sorocabana contou com participações variadas de JMM em eventos, bancas, publicação em revista.

Outro capítulo também evidencia a participação do Prof. Marques de Melo na idealização e realização de eventos científicos que marcaram a história do campo da comunicação no país. Ieda Cristina Borges e Sérgio Barbosa revelam como JMM colaborou, via iniciativa da Cátedra Unesco/Umesp das Conferências de Saúde que aconteceram na Faculdades Adamantinenses Integradas - FAI, como forma de fortalecendo a descentralização do ensino, da pesquisa e da extensão em tempo de globalização.

Laianny Martins Silva Efel apresenta memórias pessoais e afetivas relacionadas ao professor e pesquisador José Marques de Melo a partir da pesquisa “Um Dia na Imprensa Brasileira: estudo de Jornalismo Comparado”, realizada no ano de 2015. Neste artigo, a autora apresenta momentos vivenciados enquanto acadêmica e pesquisadora do campo do jornalístico.

Na segunda parte desta publicação, dedicada às contribuições de José Marques de Melo ao campo da comunicação no Brasil e na América Latina, destaque para suas pesquisas pioneiras acerca dos gêneros jornalísticos. Nessa perspectiva, as pesquisadoras Marli dos Santos e Ana Carolina Temer apresentam, a partir de pesquisa bibliográfica e de relato de experiência, o subcampo de estudos de gêneros jornalísticos. Com o objetivo de apresentar as contribuições desse jornalista, pesquisador, docente e mestre inspirador aos estudos de gêneros jornalísticos, o texto faz jus à sua contribuição intelectual ao campo da Comunicação e aos gêneros jornalísticos, particularmente as taxionomias que desenvolveu, debates que ensinou e sua influência sobre outros pesquisadores.

Em A atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo nas Ciências da Comunicação, Flávio Santana, relata aspectos da trajetória de vida de JMM que justificam a

atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo nas Ciências da Comunicação a partir da intervenção de experiências particulares do autor vivenciadas com o professor em cruzamento com algumas de suas principais ideias e conceitos por meio de evidências das obras do pesquisador.

Ricardo Costa Alvarenga apresenta apontamentos sobre as proximidades entre José Marques de Melo e Paulo Freire. Para tal, foi tomando para com referência frases de Paulo Freire e a prática, a “práxis”, como diria ele mesmo, do professor Marques de Melo, vivenciadas pelo autor do texto junto ao professor. O texto desenvolve-se a partir de relatos e estrutura-se a partir da interlocução entre o pensamento e a vivências de dois nordestinos que impulsionaram o campo da comunicação e a educação no Brasil.

Em um texto reflexivo e cheio de memórias, Orlando Maurício de Carvalho Berti fala das lições de um mestre que se comportou como discípulo. O relato trata das experiências de lições e momentos acadêmicos vividos com o professor José Marques de Melo durante convivência direta com ele por mais de uma década. Destaca-se o quão emblemático é o professor que praticamente tem laços diretos com todos os pontos e contrapontos relacionados ao avanço das Ciências da Comunicação no Brasil.

A partir de perspectiva crítica e com base em pesquisa bibliográfica, Francisco de Assis retoma o trabalho de José Marques de Melo a respeito dos gêneros jornalísticos e busca situar avanços e contradições contidos em sua proposta classificatória. Recorre, ainda, a reminiscências para demonstrar o significado da relação estabelecida entre o autor e o homenageado, reconhecendo o afeto como elemento que permeia essa história. Enfim, sinaliza o compromisso com a obra analisada, no sentido de preencher suas lacunas e zelar por seu legado.

Esta coletânea figura como uma homenagem prestada pela Intercom ao seu fundador, com relatos e memórias que contam partes da história dos estudos em Comunicação no Brasil dos últimos 60 anos. Obrigado, Prof. José Marques de Melo, por fazer parte de nossas vidas e pela sua inestimável contribuição com o Pensamento Comunicacional Latino-americano!

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Ivanise Hilbig de Andrade
Nara Lya Cabral Scabin
Genio Nascimento
Os organizadores

Capítulo 1

Lembranças e vivências



José Marques de Melo,

In memoriam

Raul Fuentes Navarro

Entre los gestos rituales con los que podemos expresar nuestro respeto y condolencia por la muerte de un colega apreciado, prefiero simplemente el de ponernos de pie en un espacio como este, en el que normalmente interactuamos sentados. Y más que lamentar la ausencia de José, prefiero celebrar algunos de los hechos significativos que conservamos como memoria y consecuencia de su presencia como uno de nosotros, ciertamente para el caso, como uno de los más influyentes y trascendentes entre nosotros, académicos de las ciencias de la comunicación en América Latina. Creo que el mejor homenaje que podemos ofrecer a la memoria del Profesor Marques de Melo es apreciar cómo aportó su trabajo al nuestro y cómo, con gratitud, respeto y afecto, lo seguiremos reconociendo entre nosotros por ello.

Personalmente conocí a José en septiembre de 1985, durante una reunión latinoamericana celebrada en Lima en ocasión de la presentación del informe final de la investigación coordinada por la Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social (FELAFACS) en veinte países de la región sobre la formación profesional de comunicadores sociales. En esos días, yo era presidente del Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (CONEICC),

1. Palabras pronunciadas al inicio del III Colóquio Latino Americano de Ciências da Comunicação, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Joinville, Santa Catarina, septiembre 2, 2018.

la asociación mexicana de escuelas de comunicación, y José fue invitado como representante de Intercom, de la que había sido fundador y presidente unos años antes.

Según los organizadores, la reunión no solo tenía como propósito analizar el informe sino además establecer algunas reflexiones sobre la problemática de la formación profesional de los comunicadores, que pudiese ser útil para las precisiones de las líneas de trabajo en las que se hallaba comprometida FELAFACS y para la propia tarea de formación cotidiana en las escuelas de la región. Antes de que una noticia de gran impacto y poco detalle nos hiciera saber del célebre terremoto del 19 de septiembre de 1985 en la ciudad de México, y que distrajo inevitablemente a los mexicanos presentes en la reunión, me llamó la atención la fuerte personalidad y el trato cordial de un colega cuyo nombre y aportes conocía, con la duda incluida sobre si “Marques de Melo” era un nombre compuesto o un título nobiliario, como algunos documentos parecían suponer, llamándolo “el marqués de Melo”.

Una vez despejada esa duda, pude establecer contacto personal con un académico que ya era una autoridad internacional (además, por supuesto, del periodismo, la comunicación popular y las relaciones internacionales), en los tres aspectos que a mí más me interesaban del campo: la teoría, la documentación de la investigación y la enseñanza universitaria de la comunicación, sobre los que él ya había publicado libros, que muy pronto, gracias a él mismo, pude leer directamente. Me llamó mucho la atención el conocimiento y el interés que José demostraba sobre México, y no solo sobre los medios mexicanos, sino sobre todo la cultura y la política mexicanas, esas dos dimensiones que han sido siempre relevantes en el estudio de la comunicación en América Latina.

En los siguientes años, pude compartir con mucha frecuencia e intensidad los esfuerzos de José para no solo acercar sino integrar en una escala latinoamericana a nuestras entonces incipientes comunidades académicas. A fines de 1988 se concretaba ya el inicio del primer proyecto formal de cooperación entre Brasil y México, la investigación comparativa acerca de los sistemas de comunicación en los dos países, propuesta por Marques de Melo, y un año después la iniciativa de reconstitución de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), impulsada por José con el apoyo de varias asociaciones académicas brasileñas y mexicanas.

Participé del proyecto “Brasil-México” durante todo el tiempo que estuvo vigente, como responsable del “subsistema” investigación de la comunicación en México, y en los cinco coloquios y diversas publicaciones que se derivaron de esta iniciativa, primera de una larga serie de estudios comparativos de Brasil con otros países auspiciada por Marques de Melo y la Intercom. En ALAIC, formé parte del comité de reconstitución, especialmente en la revisión y modificación del Estatuto, y así, de manera intensa y comprometida al estilo de José, tuve la oportunidad de hacerme un lugar en la comunidad académica latinoamericana, como un mexicano cercano siempre al Brasil, experiencia que sigo disfrutando tres décadas después.

En 1990, tuve el honor de ser invitado por José Marques de Melo, ya director de la Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de São Paulo, a participar en el equipo de consultores extranjeros del ambicioso proyecto de transformación de la estructura pedagógica y científica de la ECA, que incluyó diagnósticos en profundidad sobre los mercados de trabajo de los profesionales de la comunicación y la adecuación institucional necesaria para esa llamada

Transición a la Modernidad que propuso Marques de Melo a su Escuela, pero que tuvo alcances nacionales y regionales. Quiero subrayar que de los siete consultores extranjeros, tres éramos latinoamericanos (Luis Ramiro Beltrán, Marcelino Bisbal y yo), indicador elocuente de la intención de contextualizar los objetivos y las prácticas académicas en la amplia diversidad de realidades latinoamericanas.

Novoyaseguir detallando aquí mis ocasiones de contacto y colaboración con Brasil, ni los aprendizajes y satisfacciones que me han proporcionado estos treinta años, pero quería referirme a aquellas primeras iniciativas de proyección latinoamericana de José Marques de Melo, en las que tuve la suerte de participar desde los ya muy lejanos años ochenta. Y el eje temático que desde esas fechas hasta el presente, representa el *Pensamiento Comunicacional Latinoamericano*, esa afortunada fórmula con la que José resumió mucho del sentido de su trabajo y que constituye el alma polémica de su trascendente legado.

Recupero entonces, para terminar esta breve intervención, algunos de mis comentarios a propósito de la publicación en México, en 2007, de la primera edición del libro *Entre el Saber y el Poder. Pensamiento Comunicacional Latinoamericano*, de Marques de Melo, un libro en el que, en español, se exponen con amplitud “las posturas y las posiciones, las propuestas e interpretaciones, las iniciativas y los balances críticos” elaborados, con la particular asertividad de José, a propósito de esa intrincada tensión esencial que a veces amenaza con desgarrar, pero que es “el motor permanente de nuestro campo académico y sus objetos de estudio, situados entre el saber y el poder”.

En mi experiencia académica, como lo expuse en aquella ocasión en Monterrey (México), donde se publicó esa primera edición del libro, que después fue reeditado en España,

puedo reconocer con nitidez el impacto, la influencia de José Marques de Melo en por lo menos tres aspectos reflexivos sobre la práctica universitaria del estudio de la comunicación, que en mucho han contribuido a construir y cultivar el enorme respeto que le tengo y que comparto con tantos colegas, y que están fuertemente presentes en ese libro: primero, la estratégica necesidad del registro documental de la producción académica en centros de documentación que no sólo resguarden esa producción sino que la sistematicen y promuevan su conocimiento y apropiación; segundo, la búsqueda incansable y crítica de las mejores maneras de impulsar lo que José formulaba como “la afirmación de la mirada latinoamericana”; y tercero, la permanente insistencia en el fortalecimiento de los espacios de cooperación y reconocimiento, de discusión y acción conjuntas, de comunicación entre comunidades académicas, de otro modo alejadas entre sí tanto por factores del poder como del saber.

Creo, no importa tanto si con la misma fundamentación que José o con otra, en la urgente necesidad de invertir los mejores recursos disponibles en nuestras sociedades, y especialmente en nuestras universidades, en el fortalecimiento de los saberes críticos sobre la comunicación, más que en función de nuestra legitimación académica y científica, que ciertamente ha crecido en casi todas partes en las últimas décadas, gracias a agentes promotores de la institucionalización y la profesionalización avanzadas como José Marques de Melo, en función de la articulación y la pertinencia social de nuestros aportes.

La transición histórica por la que atravesamos, y que todavía no somos capaces de nombrar con toda precisión y claridad, parece incluir en un eje central muchos de los factores que nos hemos acostumbrado a llamar “comunicacionales”, en todas las escalas de la realidad contemporánea. Y no obstante la insuficiencia de los conceptos y los términos, las evidencias

flagrantes del ahondamiento de las “brechas” entre los seres humanos y los grupos sociales, de la injusticia y la dominación crecientes, nos exigen replanteamientos radicales de los modelos vigentes para entender y practicar las relaciones entre “comunicación” y “democracia” o, de plano, entre “comunicación” y sociedad.

Los “retrocesos, vacilaciones e incertidumbres” académicos que José denunciaba ante esta transición histórica son fácilmente explicables y rechazables, por los evidentes desfases sociales que manifiestan, y la crítica, en su sentido intelectual más puro, es una exigencia global que, asumida desde las universidades latinoamericanas, representa un desafío mayor incluso que el que enfrentan los políticos y otros dirigentes de la acción colectiva. Desde las esferas privilegiadas de nuestros países, paradigmas de la desigualdad, la responsabilidad social de los estudiosos de la comunicación y de las demás especialidades académicas, tiene que ponerse en el primer plano y convertirse en acción reflexiva e incluyente de maneras más eficaces que las experimentadas hasta ahora.

El pensamiento comunicacional latinoamericano, en diálogo abierto y constante con otros pensamientos y otras acciones, es un recurso invaluable para fortalecer nuestra participación, nuestro aporte específico, en un desafío que, por mucho, nos rebasa. Comparto esa convicción de fondo con José Marques de Melo, y espero que su aporte insistente y sólido a que enfrentemos colectivamente ese reto, tenga cada vez mayor resonancia y genere mayor y mejor interlocución entre nosotros, porque hasta ahora los avances no son suficientes. Él descansa en paz, pero su presencia entre nosotros permanece.

Vivências com JMM

Juçara Brittes

Neste capítulo, encontram-se entrevistas inéditas que José Marques de Melo me concedeu, nas quais o professor relata sua vida profissional entre as décadas de 1990 e 2000. São registros de sua extraordinária dedicação ao estabelecimento de um ambiente acadêmico propício para o desenvolvimento das Ciências da Comunicação no Brasil e, na sequência, para a internacionalização da produção local para além das fronteiras da América Latina. Tanto que a academia credita ao seu nome a existência da Escola Latino-Americana de Ciências da Comunicação, cuja gênese reconheceu e trabalhou por sua consolidação, com o fomento à pesquisa autóctone por meio da criação de centros de pesquisa e pós-graduação na matéria.

Concedo-me licença poética para fugir do formato acadêmico e costurar conversas, alguma delas imaginárias, mas confissões necessárias ao entendimento dos cenários e desdobramentos dos conteúdos das entrevistas aqui presentes.

Em tempo: estas não foram as únicas conversas com Marques de Melo. Muitas outras deram origem a várias publicações de cunho biográfico, enfocando, inclusive, sua vida pessoal.

1. Conversa póstuma

Querido professor,

Tenho uma confissão a lhe fazer.

Não tive coragem de ser sua biógrafa de verdade, nem de negar seus encorajamentos para que eu fizesse dessa tarefa¹ minha tese de doutorado. É que não me senti à altura. Pensei que, se me arriscasse, seria um trabalho aquém de seu merecimento, além de tender para o laudatório, por causa do apreço que tenho por sua pessoa. Uma biografia é mais do que um relato analítico das ações e obras de alguém. Requer pesquisa profunda e, sobretudo, imparcialidade para apontar, inclusive, características criticáveis do biografado. Certamente não me sentiria à vontade para descrever fatos denunciadores de sua tendência a centralizar decisões, ou de ser parcial diante de suas preferências, entre outros traços comportamentais absolutamente compreensíveis para um ser humano bem resolvido com suas questões pessoais.

O fato é que gosto dessas suas características, evidentes enquanto gestor da Intercom, por exemplo. Sim, você sempre esteve no comando, ocupando ou não a presidência da entidade, o que foi fundamental para a consolidação da associação e isso lhe trouxe uma e outra inimizades. Poucas, é verdade, porque acredito que a maioria de seus interlocutores e parcerias precisavam dessa liderança, dessa “parcialidade”, dessa desmedida de palavras quando quer dizer o que precisa ser dito. Nessa mesma linha, sua tranquilidade em defender aquelas pessoas que lhe são caras.

Não consegui escrever sua biografia em completude. Consola-me, no entanto, ter incentivado pesquisas sobre sua vida intelectual e pessoal. Surgiram várias publicações tendo-o

1. Estou procurando um adjetivo para qualifica o substantivo tarefa. Pensei em “nobre”, mas me recuso a ontinuar usando um vocabulário monarquista. “Grandiosa”, “elevada”, “insígne”?

como tema, incluindo um volume da *Fortuna Crítica*, editado pela Intercom².

Eis que agora a vida me coloca de novo a tarefa (qual o adjetivo?) de escrever algo em sua homenagem. Trago parte da memória de nossas conversas, algumas informais, outras no formato de entrevistas, as quais alimentaram os artigos biográficos que assinei, compartilhando sua história.

1.1. A descoberta

Essa história começa quando eu cursava o mestrado³ em Ciências da Comunicação, no então Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS)⁴, coordenado pelo professor Marques de Melo. Na ocasião, ele pautou os alunos de uma das disciplinas que ministrava – História das Ciências da Comunicação – para traçar um perfil dos *papers* apresentados nos GTs⁵ do XVIII Congresso Nacional da Intercom, que ocorreu em Aracaju, Sergipe, em setembro de 1995. Fiquei com o de Jornalismo.

Vejam só a minha ignorância. Foi aí que descobri quem era aquele cara gordinho, sorridente, brincalhão. Era o autor mais citado em todos os *papers* e assinava a maior parte da bibliografia consultada pelos congressistas. Foi o primeiro doutor em Comunicação no Brasil, fundador da Intercom – a maior associação de pesquisadores em Comunicação do mundo, além de criador de centros de ensino e pesquisa em Comunicação brasileiros, os quais, certamente, são citados em outros textos deste livro.

2. Disponível em: <portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/34b58911173c915e0f609f82e495fd5c.pdf>. Acesso em: 28/02/2024.

3. Cursei o Programa de Pós-Graduação em Comunicação no IMS-UMESP, sendo orientada por José Marques de Melo, entre 1995 a 1997.

4. Hoje Universidade Metodista de São Paulo-UMESP.

5. A parte acadêmica da Intercom estava organizada em Grupos de Trabalho, hoje Grupos de Pesquisa - GPs.

Os colegas me incentivaram a publicar o resultado daquela pesquisa. O artigo saiu no ano seguinte, na revista *Comunicação & Sociedade*, do Pós-Com IMS⁶. Naquele mesmo ano, 1996, apresentei *Contribuições de José Marques de Melo para as Ciências da Comunicação no Brasil*, na 48ª Reunião Anual da SBPC, em São Paulo. Desde a descoberta da importância do professor Marques de Melo para o campo da Comunicação no Brasil e na América Latina, por meio dos trabalhos apresentados na Intercom de 1995, até hoje, março de 2024, quando finalizo estas linhas, surgiram convites para escrever e falar sobre ele. Foram várias publicações assinadas por mim, divulgadas por outros autores que enriqueceram a pesquisa, como o professor Sérgio Mattos – e, também, alguns plágios. Seja lá como tenha acontecido, o fato é que a partir daí sua trajetória passou a ter maior visibilidade. Orgulho-me de fazer parte dessa história.

2. Primeiras cartas

As correspondências com José Marques de Melo começam em setembro de 1998. A que segue não foi impressa:

“São Bernardo do Campo, 28 de setembro de 1998.

Prezada Juçara

Com vistas ao Perfil que você está elaborando a pedido da Associação de Imprensa de Pernambuco, mando-lhe cópia da dedicatória que me fez o Prof. Dr. Steven Chaffee, um dos mais reputados cientistas da comunicação dos USA, que vem acompanhando o desenvolvimento dos estudos de comunicação na América Latina.

6. Brittes, J. G. José Marques de Melo e a construção de espaços de pesquisa no Brasil. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo - SP, v. 25, p. 229-255, 1996.

Senti-me gratificado e ao mesmo tempo desafiado, em face do teor dessa mensagem, que entendi como uma extensão da homenagem que me foi prestada, em 1997, através do Prêmio Wayne Danielson, uma espécie de reconhecimento simbólico pelo meu trabalho de reconstrução e fortalecimento da ALAIC.

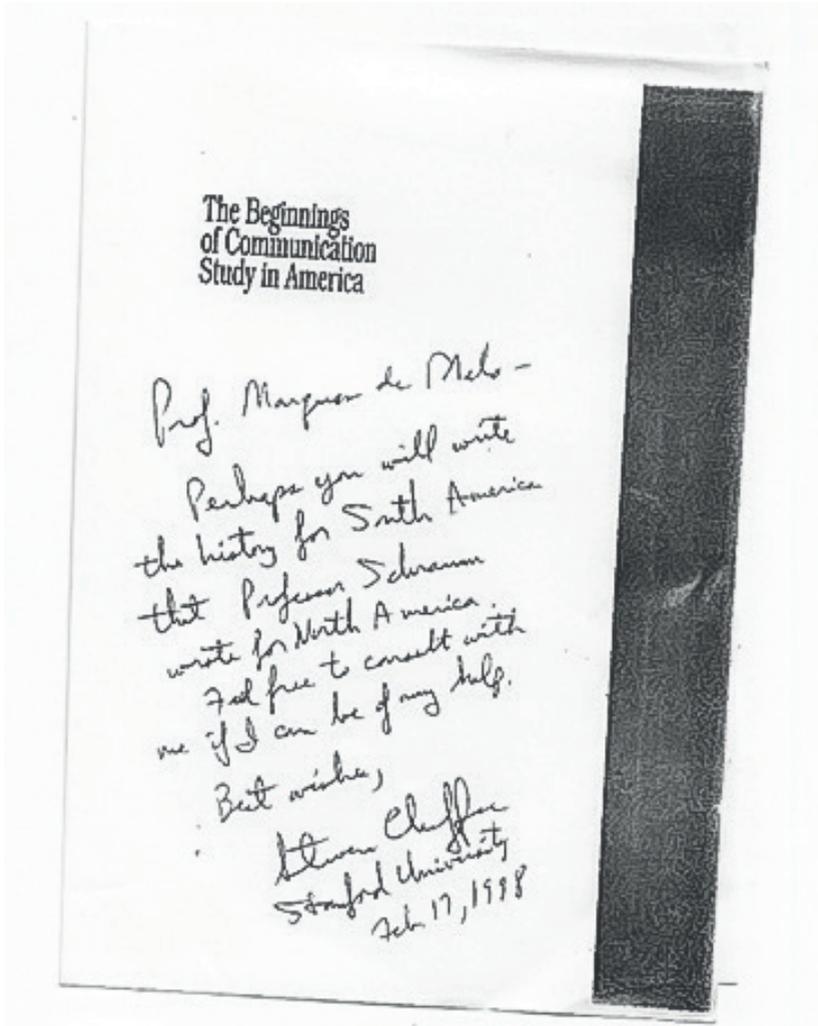
A mensagem de próprio punho que ele escreveu ao mandar-me o livro ‘Os Primórdios do Estudo da Comunicação na América Latina’, obra póstuma de Wilbur Schramm, que Schafee e Rogers, seus discípulos, organizaram a partir das anotações encontradas na memória do computador daquele pioneiro norte-americano. Tomo a liberdade de traduzir:

‘Prof. Marques de Melo – talvez você vá escrever, para a América do Sul, a história que o Professor Schramm escreveu para a América do Norte. Sinta-se livre para consultar-me se eu lhe puder ser útil. Os melhores desejos de Steven Chafee, Universidade de Stanford, 17 de fevereiro de 1998’.

Abraços

José Marques de Melo”.

Figura 1 - Dedicatória de Steven Chaffee para José Marques de Melo



Fonte: folha de rosto de exemplar da obra livro *Os Primórdios do Estudo da Comunicação na América Latina*, de Wilbur Schramm.

3. Tipos de produção⁷

Em complementos à entrevista aqui registrada, o professor Marques de Melo recomendou a leitura de seu artigo na revista *Comunicação & Sociedade*, n. 30, intitulado *Estudos de Mídia no Brasil, identidade e fronteiras*, cujo resumo diz: “A trajetória dos estudos brasileiros de mídia e natureza dos sistemas midiáticos no Brasil contemporâneo constituem os desafios que o autor vem procurando enfrentar na etapa da sua maturidade acadêmica. Este relato descreve os objetivos do projeto temático em fase de desenvolvimento, sua ancoragem bibliográfica, seus primeiros resultados”. O trabalho inclui uma competente revisão de literatura sobre os estudos midiáticos no Brasil e na América Latina.

Abaixo, transcrevo trechos da entrevista.

Prezada Juçara,

Aqui vão as respostas a tuas perguntas:

JB: *Não terminamos nossa conversa sobre uma tipologia de sua obra. Me ajude a construir uma classificação?*

JMM: *O conjunto de minha obra corresponde aos desafios intelectuais que enfrentei durante a tumultuada trajetória acadêmica que venho construindo. Articula produtos de quatro tipos:*

Disponível em: <metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7868/6805>. Acesso em: 28/02/2024.

Obras precursoras – ou seja, estudos e pesquisas que precedem minha inserção definitiva na academia. Neste item estão os livros “Comunicação Social: Teoria e Pesquisa” (Petrópolis, Vozes, 1970) e “Estudos de Jornalismo Comparado” (São Paulo, Pioneira, 1972).

Obras de formação – minhas teses de doutorado e livre docência, que geraram os livros “Sociologia da Imprensa Brasileira” (Petrópolis, Vozes, 1973) e “A Opinião no Jornalismo Brasileiro” (Petrópolis, Vozes, 1985).

Obras de Reflexão – esses trabalhos reúnem análises críticas sobre os fenômenos midiático-culturais, em sintonia com o Pensamento Comunicacional Latino-Americano. Nesse item estão “Comunicação – Direito à Informação (Campinas, Papiros, 1986); “As Telenovelas da Globo” (São Paulo, Summus, 1988) e “Comunicação e Modernidade” (São Paulo, Loyola, 1991).

Obras de Síntese – como é o caso de “Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos”. Esta última recolhe ensaios publicados em vários livros ou difundidos em periódicos nacionais e internacionais.

Linha de pesquisa: Midiologia Comparada

JB: Como você classificaria suas pesquisas nos temas “Avaliação e tendências da pesquisa em comunicação no Brasil”; “Sistemas de comunicação no Brasil”; “Leitura, livro, jornal e escola”; “Comunicação das classes

subalternas” e “História das indústrias culturais”. São linhas de pesquisa?

JMM: *Essas são mais vertentes do que linhas de pesquisa. Creio que me mantive coerente dentro de uma única linha de pesquisa: comunicação comparada (seja no sentido diacrônico, seja na dimensão sincrônica). Tais caminhos investigativos estão se cruzando, mais recentemente, para compor o mosaico que denominei “Midiologia Comparada”. Por um lado, restringi o escopo das minhas observações/reflexões, concentrando-as, sincronicamente no universo da mídia massiva. Por outro lado, privilegiei, diacronicamente, uma mediação desse fenômeno – o conhecimento midiático (ou seja, o recorte empírico de tal realidade, a partir do inventário e análise crítica do que produzem os pesquisadores nesse campo). Trata-se da opção que fiz ao concluir minha carreira na USP e ao enveredar pelo território da UMESP.*

Escola Latino-Americana de Ciências da Comunicação

JB: *Posso considerá-lo como o intelectual brasileiro que deu condições para a existência da Escola Latino-Americana de Ciências da Comunicação? Concorde que por esta razão tem sido aplaudido por uns e combatido por outros acadêmicos cujos trabalhos não estão sendo repertoriados por não se encaixarem no perfil teórico da Escola? E que, por esse mérito foi lembrado, em dedicatória ao livro póstumo de Wilbur Schram, que Steven Chaffe lhe ofereceu?⁸*

8. Conforme cito anteriormente.

JMM: *Tenho procurado demonstrar a hipótese de que existe uma Escola Latino-Americana de Comunicação, apesar da divergência de alguns colegas. Estes geralmente só acreditam em escolas localizadas (Frankfurt, Toronto ou Chicago). Meu argumento é de que essa Escola precedeu as comunidades virtuais, hoje ancoradas nas novas tecnologias (internet principalmente) cimentada pela práxis investigativa que hibridizou/ultrapassou as metodologias quantitativas (predominantemente norte-americanas) e qualitativas (predominantemente europeias) e, ao mesmo tempo, produzindo uma ação acadêmica conscientemente mestiça/plural (mesclando tradição e modernidade, confrontando capitalismo e socialismo, aculturando valores nativos e adventícios). Mais do que isso: assumiu claramente a prática científica como prática política (no sentido do interesse público), depurando a politização eventual.*

Chafee e Rogers defendem a tese que Schramm é o verdadeiro criador da Escola Norte-Americana de Comunicação, na medida em que pensou e consolidou estruturas que permitiram a formação de uma comunidade científica dedicada aos fenômenos comunicacionais.

Sem falsa modéstia, creio que meu papel no cenário latino-americano é muito mais o de um historiador crítico do que um protagonista paradigmático.

A construção da Escola Latino-Americana foi obra dos pioneiros como Jorge Fernandes, Luis Ramiro Beltrán ou Antonio Pasquali.

4. Puxando conversa

Em abril de 2002:

***JB:** Olá professor? Soube que você está na direção do Curso de Comunicação Social da FIAM. Gostaria de atualizar meu acervo de informações sobre sua vida profissional e acadêmica. Se tiver tempo, me conte tudo (rsrsr)*

***JMM:** Querida Juçara*

Fico contente ao saber que você não desistiu de continuar sendo minha biógrafa.

A respeito da Fiam, a questão é a seguinte. Sou consultor da empresa mantenedora da Fiam há vários anos. Trata-se do grupo Edvaldo Alves da Silva⁹. No ano passado, eles contrataram minha empresa de consultoria para elaborar o novo projeto pedagógico da Faculdade de Comunicação Social. O projeto foi aprovado e agora pedem para implantá-lo. Por isso tive que assumir a diretoria da faculdade, como condição sine qua non para implantar o projeto. Contratei novos coordenadores, renovei o corpo docente e agora estou em pleno processo de dinamização de cinco novos cursos que estavam precisando de oxigênio intelectual. Essa ofensiva vem sendo noticiada pelo Jornal da FIAM (edição semanal online e edição mensal impressa).

***JB:** Mas você continua na Metodista?*

9. Sistema Universitário FIAM-FAAM – hoje pertencente ao fundo de investimento Farallon Capital.

JMM: Sim, enquanto isso, permaneço na Metodista integrando o terceiro escalão, ou seja, apenas como docente¹⁰. O panorama ali não está muito claro. Renunciei ao cargo de coordenador da pós-graduação porque sentia que a atual administração pretende trilhar por caminhos que não correspondem plenamente aos meus ideais acadêmicos. Você sabe que só faço coisas com entusiasmo e paixão. Quando não encontro terreno firme, prefiro a retirada estratégica... ou se for o caso o afastamento funcional. Estou esperando para ver...

Abraços

4.1. Cenário

Esse descompasso entre os ideais acadêmicos de Marques de Melo e os da UMESP já estava anunciado desde 1997. Naquele ano, ele renunciou ao cargo de diretor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação daquela universidade, em função da estrutura mínima oferecida em termos administrativos, materiais e de recursos humanos. Nós, alunos de mestrado e doutorado (em vias de credenciamento), nos revoltamos com a possibilidade de perder o idealizador do curso, ainda mais porque sofríamos com a falta de espaço físico, não tínhamos sequer acesso suficiente a computadores. Estávamos acampados em cubículos do prédio. Nos movimentamos, elegemos uma comissão negociadora formada por Patrícia Kay e Rosângela Zamignan, e partimos para a luta.

10. Marques de Melo renunciou ao cargo de coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo em dezembro de 2001. Oficialmente anunciou ter optado por dedicar-se integralmente ao trabalho de direção científica da Cátedra Unesco de Comunicação, bem como aos projetos de pesquisa em desenvolvimento pelo Núcleo de Midiologia Comparada. O cargo foi ocupado por Sebastião Squirra.

Ocorreram várias manifestações até chegar a uma resposta positiva por parte da instituição. Marques de Melo recebeu inúmeras cartas de apoio dos alunos, professores (não todos) e autoridades; um abaixo-assinado pedindo sua permanência com correções infraestruturais foi dirigida à direção da UMESP; foi organizada uma vigília que durou alguns dias no campus de São Bernardo do Campo. Enfim, Marques de Melo ficou e o curso recebeu mais espaço físico, laboratórios entre outras melhorias.

A correspondência ao Vice-Diretor de Pós-graduação e pesquisa do então IMS, Prof. Dr. Jaci Maraschin, ilustra o pensamento de Marques de Melo a respeito da qualidade do ensino, pesquisa e extensão, que deve ser garantida pela autonomia acadêmica, condições de trabalho dignas incluindo plano de carreira, infraestrutura que atenda às demandas das atividades didáticas e de pesquisa, tais como laboratório, bibliotecas, liberdade de uso das taxas de bancada para estimular a produção científica dos alunos e professores, entre outras condições.

Transcrevo, a seguir, trecho da referida carta, datada de 6 de maio de 1997.

Prezado colega:

No dia anterior à minha viagem para Portugal e Espanha, fui convidado para um encontro com o Prof. Jacob Daghljan, Diretor-Geral do IMS, na sua presença, momento em que ele solicitou a reconsideração de meu pedido de demissão desta casa.

Como reiterarei naquela ocasião, meu gesto foi motivado pela deterioração das condições de trabalho acadêmico nesta instituição, ao longo da crise por que vem passando o IMS no último triênio, o que constitui um paradoxo nesta antevéspera de sua transformação em universidade.

Fiquei particularmente chocado com as medidas abruptas e arbitrárias tomadas pela Direção-Geral no início do corrente ano letivo, o que se traduziu não apenas por interferência administrativa na autonomia acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, mas em retrocesso infraestrutural, pela redução do nosso espaço de trabalho no novo edifício do Centro de Pós-Graduação e o não atendimento das promessas assumidas pela antiga administração do IMS. Tais fatos indicam que a instituição está deixando de considerar as recomendações feitas pela CAPES, desde a inspeção realizada pela comissão que deu parecer sobre o recredenciamento do Curso de Mestrado até a análise feita pelos consultores “ad hoc” sobre o credenciamento do Curso de Doutorado, sem contar as sinalizações contidas nos relatórios bienais que avaliam o nosso desempenho acadêmico.

Causou-me profunda consternação a reunião do Comitê Acadêmico da Cátedra UNESCO, no início de março, sem que a própria Cátedra estivesse fisicamente instalada e continuasse desprovida de recursos humanos para dar prosseguimento aos projetos iniciados.

Como a minha presença no IMS sempre esteve marcada pelo compromisso público em relação à qualidade do ensino, pesquisa e extensão, e como a atual direção tivesse fechado as portas para o diálogo e a negociação, criando um clima de desconforto generalizado, tanto para os docentes e funcionários quanto para os alunos, não vi outra alternativa senão optar pelo gesto extremo.

[...]

5. Vida profissional

Em 16 de abril de 2002:

JB: Olá professor. Como o senhor prefere ser importunado? Continuar pela Internet ou reunir questões e trabalhar tête à tête?

JMM: Podemos trabalhar duplamente. Pela internet. Ou tête à tête, sempre que você julgar indispensável discutir comigo nuances que se perdem no diálogo virtual.

JB: Vou elaborar questões para traçar um panorama da sua trajetória intelectual e lhe remeto. Na continuidade, podemos completar as informações pessoalmente.

5.1. Cenário

Não foi preciso enviar as perguntas que menciono anteriormente. À noite, naquele mesmo dia, recebi um relato completo de sua vida intelectual, como jornalista, escritor, professor, pesquisado e consultor.

Escreveu José Marques de Melo:

Juçara,

Minha trajetória intelectual tem sido marcada por ações multifacetadas, configurando fluxos paralelos e convergentes.

Jornalista

Em Alagoas e Pernambuco

Desde 1959, quando comecei a escrever para os jornais diários de Maceió – Gazeta de Alagoas e Jornal

de Alagoas – abracei um campo de trabalho movido pela paixão. Esse itinerário teve um capítulo pernambucano, especialmente situado na edição nordeste do jornal Última Hora e na edição recifense do Jornal do Comércio.

Em São Paulo

Retomei esse caminho em São Paulo, quando passei a escrever artigos para A Gazeta, O São Paulo, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e jornais de outras cidades brasileiras. Tem tido continuidade na minha presente atuação como colunista das revistas Imprensa (São Paulo)¹¹ e Etecétera (Cidade do México).

Editor

Como editor, dedico-me hoje com grande entusiasmo à série 200 anos da imprensa brasileira, contando com a participação de jornalistas-pesquisadores de todo território nacional¹².

Escritor

Comecei esta atividade em 1970, com a publicação do meu livro de estreia “Comunicação Social: Teoria e Pesquisa”. A revista Comunicação & Sociedade (ano 22, n.34) publicou artigo de Waldemar Kunsch resgatando a memória desse acontecimento. Desde então tenho

11. Atualmente, a publicação está acessível em: <portalimprensa.com.br>.

12. Essa iniciativa resultou em inúmeras publicações, entre as quais a 49ª edição da revista *Comunicação & Sociedade*, cuja leitura é recomendável para quem deseja conhecer a história da imprensa brasileira, de forma sintética e competente. A partir daí, surgiram também, importantes grupos de pesquisa sobre o tema, entre eles o Pensacom (Pensamento Comunicacional Brasileiro, já em sua IX edição - veja em <pensacom.intercom.org.br> e a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia - Rede ALCAR - acesse em <redealcar.org>.

lançado obras situadas nos gêneros ensaio, monografia ou coletânea, perfilando mais de três dezenas de títulos acadêmicos ou volumes de divulgação científica. Trabalho, agora, na preparação de dois novos livros: “História do Pensamento Comunicacional” e “Jornalismo: Teoria e Pesquisa”.

Professor – de monitor a titular

A aventura do magistério principiou no ano de 1962, quando me tornei monitor da cadeira de “Técnica de Jornal e Periódico”, dirigida pelo professor Luiz Beltrão, na Universidade Católica de Pernambuco.

Especialista pelo Ciespal

Logo depois de me diplomar em Jornalismo (1964), me preparei para enfrentar o desafio do ensino superior, fazendo o curso de pós-graduação ministrada no CIESPAL – Centro Internacional de Estudos Superiores para a América Latina, instituição mantida pela Unesco, em Quito, Equador. [...] Ao obter o diploma de Especialista em Ciências da Informação Coletiva, tive a chance de substituir o professor Luiz Beltrão na referida cátedra (1966) assumindo, no ano seguinte, a disciplina “Teoria da Comunicação”, criada pela Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, na cidade de São Paulo.

Fundador da ECA-USP

Nessa mesma ocasião, tornei-me docente fundador da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, onde criei e implantei os cursos de Jornalismo e Editoração.

Cassado pela ditadura

Atuei naquela Universidade, em regime de dedicação exclusiva à docência e à pesquisa, durante o período 1967-1974, quando fui atingido por ato arbitrário do governo militar, ficando impedido de lecionar em universidades públicas durante cinco anos.

Com a anistia de 1979, fui reintegrado como docente da USP, posição que mantive até 1993. Quando me aposentei por tempo de serviço público, após ter exercido funções executivas como Chefe do Departamento de Jornalismo e Diretor da Escola de Comunicação e Artes.

Durante o interregno da minha cassação política, atuei como professor da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero (graduação de pós-graduação) e do Instituto Metodista de Ensino Superior, depois transformada em Universidade Metodista de São Paulo - UMESP.

Centro de Pós-Graduação em Comunicação da UMESP

Naquela instituição, fui responsável pela implantação do Centro de Pós-Graduação, iniciando com a criação do mestrado em Comunicação Social. Retornei em 1993, quando me aposentei na ECA-USP, assumindo o encargo de implantar o Doutorado em Comunicação Social e instituir a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Posteriormente, exerci o cargo de Diretor da Faculdade de Ciências da Comunicação e da Cultura. Liderando o processo de atualização pedagógica dessa unidade acadêmica.

De São Paulo para o mundo

Ali (UMESP), permaneço hoje, como docente e pesquisador, orientando teses de mestrado e doutorado, além de dirigir a Cátedra Unesco de Comunicação.

Mantenho, ainda, o meu vínculo acadêmico com a Escola de Comunicação e Artes da USP, da qual me tornei professor emérito em 2001, colaborando voluntariamente em seus programas de pós-graduação e pesquisa.

Da mesma forma, permaneço colaborando com outras universidades nacionais e estrangeiras, ministrando cursos e dirigindo seminários, na condição de professor visitante.

Minha vinculação mais recente tem sido com a Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha), Universidade do Texas (Estados Unidos), Universidade Ibero-Americana (México), Universidade Andina Simon Bolívar (Bolívia), Universidade Diego Portales (Chile). Estão pendentes compromissos a serem desenvolvidos no próximo ano com a Universidade Eduardo Mondale (Moçambique) e Universidade Nacional de La Plata (Argentina).

Pesquisador

A pesquisa tem sido o núcleo gerador e inspirador de tudo que tenho desenvolvido no jornalismo, na literatura acadêmica e na sala de aula.

Unicap

Sua gênese remonta ao ano de 1963, quando me engajei no programa de iniciação científica em jornalismo,

dirigido pelo professor Luiz Beltrão, no Instituto de Ciências da Informação (Unicap, Recife).

Icinform

Particpei do estudo sobre a crônica policial na imprensa pernambucana, divulgado pela revista pioneira Comunicação & Problemas. Em 1965, assumi a direção do Departamento de Investigação Científica do ICINFORM, função que me habilitou a migrar para São Paulo e trabalhar como pesquisador profissional.

Inese

Fui contratado em 1966 como Diretor de Estudos Midiáticos do INESE - Instituto de Estudos Sociais e Econômico, ali atuando durante dois anos, sob a orientação madura do antropólogo Octávio da Costa Eduardo.

Cásper Líbero

Em 1967, fundei, na escola de Comunicação da Cásper Líbero, o Centro de Pesquisas em Comunicação, responsável pelo desenvolvimento de um conjunto de estudos sobre quadrinhos, fotonovelas, telenovelas, radiodifusão, imprensa de imigrantes e outros temas até então minimizados pela academia.

USP

Na USP, criei o Centro de Pesquisas em Jornalismo Comparado e o Museu da Imprensa, atuando em duas frentes investigativas: o trabalho de campo e a pesquisa documental.

Inscrito no Programa de Doutorado da Escola de Comunicações Culturais, desenvolvi, durante o quinquênio 1967-1972, o projeto individual que me habilitou a defender, em 1973, a tese “Fatores Sócio Culturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil”.

Universidade do Meio-Oeste dos Estados Unidos

Agraciado com bolsas de pós-doutorado da FAPESP, e grant complementar do consórcio das Universidades do Meio-Oeste dos Estados Unidos, realizei, entre 1973 e 1974, dois projetos concomitantes: um inventário crítico comunicacional estocado pelos scholars norte-americanos sobre o Brasil, e um estudo retrospectivo sobre a experiência norte-americana no campo acadêmico do jornal.

Fundação da Intercom

Durante o período em que estive afastado da USP, por motivos políticos, realizei vários projetos monográficos, enfeixados nos livros publicados durante toda a década de 70, e nas atividades desenvolvidas no âmbito da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), entidade que fundei em 1977 e presidi durante o primeiro quadriênio.

Livre-Docência em Jornalismo

Ao reassumir minha função acadêmica na USP, retomei o trabalho de pesquisa avançada, dedicando-me ao projeto “Gêneros Opinativos na Imprensa Brasileira”, defendendo tese e conquistando o título de professor Livre-Docente em Jornalismo, em 1983.

Professor Titular

A década de 80 foi bastante produtiva nesse campo da produção científica, ficando amplamente documentada no memorial com que me habilitei à conquista do Título de Professor Titular em Jornalismo da ECA-USP (1987) e que respaldou a decisão do CNPq de conceder-me bolsas de estudos para desenvolver os estudos comparativos Brasil-Espanha, empreendidos no biênio 1988/1989, posteriormente divulgados sob a forma de livros.

Diretor da ECA-USP

O quadriênio 1989/1992, marcado pela minha atuação como Diretor da ECA-USP, foi orientado, no plano científico, para contribuições às políticas públicas no campo da ciência e da tecnologia. Exerci, então, funções consultivas nas agências nacionais de fomento científico Capes, Finep, CNPq – além de haver projetado o Brasil no cenário da América Latina, presidindo a Alaic, Asociación Latino-Americana de Investigadores de la Comunicación.

Brasil no panorama mundial

A década de 90 foi inteiramente dedicada à alavancagem do Brasil no panorama mundial da pesquisa em comunicação, ocupando posições estratégicas como a IAMCR - International Association for Media and Communication Research; ICA - International Communication Association; Orbicom - World Network of Communication Unesco Chairs; Lusocom - Federação Lusófona de Ciências da Comunicação e Ibercom - Asociación Iberoamericana de Comunicación.

Nesse último, decênio coordenei projetos internacionais de pesquisa enfocando a imagem do Mercosul na imprensa da mega-região, a imagem do Carnaval Brasileiro na imprensa mundial e a natureza das festas populares como processos comunicacionais na América Latina.

Unicamp

Tenho atuado, também, como Pesquisador Sênior do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

Trajatória da Imprensa brasileira

O projeto para o qual direciono minhas energias, neste primeiro biênio do novo século, tem sido o resgate da trajetória da imprensa brasileira, através da Rede Alfredo de Carvalho para a preservação da Memória e a construção da História da imprensa no Brasil.

Consultor

Desde 1993, quando decidi aposentar-me da função pública, fundei uma empresa de consultoria denominada Marques de Melo Serviços Ltda. através da qual venho prestando serviços especializados a órgãos públicos, empresas privadas e universidades. Dentre os projetos desenvolvidos, destacam-se a avaliação dos programas de comunicação para a prevenção da saúde nos Estados de São Paulo e Ceará, com financiamento da USAID -United States Agency for International Development; a criação, implantação e treinamento do corpo docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Passo

(RS); a avaliação do programa de pós-graduação em comunicação da faculdade mantida pela Fundação Cásper Líbero (SP); a reformulação didática do curso de graduação em comunicação da UNIFOR (Universidade de Fortaleza - CE); a implantação de cursos de pós-graduação em comunicação da UCBC – Universidade Católica Dom Bosco e UNIDERP Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, ambas em Campo Grande (Mato Grosso do Sul); a criação do curso de graduação em jornalismo das faculdades de Campinas (FACAMP).

Atualmente estou dedicado ao projeto de atualização pedagógica da faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Alcântara Machado – UniFIAM (São Paulo).

O relato que José Marques de Melo enviou-me, naquele 16 de abril de 2002, me levou a colocar em xeque, mais uma vez, a tarefa de biógrafa. Me perguntava se a atividade estaria mais bem definida como editora/colaboradora da autobiografia do professor Marques de Melo.

Se assim for, conversava com meus botões, ainda assim me sinto lisonjeada por estimular essa figura essencial para o campo da Comunicação Social latino-americana a organizar suas memórias e compartilhá-las conosco.

6. Despedida

Querido professor,

Tive a honra de assinar o primeiro texto biográfico brasileiro¹³ sobre a sua trajetória acadêmica e o fiz porque era preciso divulgar a grandiosidade de seu trabalho para o campo da Comunicação no Brasil e fora dele. Não repetirei aqui, porque as suas contribuições, além de vivas e frutificando, estão largamente difundidas.

Escrevo agora para lhe agradecer. Desde que ingressei na academia, tive seu apoio e incentivo. Sorte a minha. Com paciência e carinho, recebi suas constantes orientações, do estímulo para fazer um curso de mestrado às inúmeras chamadas para continuar produzindo, depois de doutorada e prestes a aposentadoria. Foram longos anos, mas passaram depressa demais.

Lembro de uma das suas advertências na primeira reunião de orientação do mestrado, com outros orientandos seus: “Eu não sou psicólogo nem pai de vocês. Só sou orientador acadêmico”. Mas mentiu. Foi sempre alguém que ouviu, com paciências, minhas queixas e meus medos. E me deu orientações para além da academia, conselhos de vida que nenhum psicólogo saberia dar. E me recebeu em sua casa, com a querida Sílvia, lugar onde passei momentos agradáveis e divertidos.

Agora, nessa despedida, fico sem saber dizer adeus.

Meu consolo é que vou encontrá-lo nos “Intercons” da vida, nas Redes Alcar da vida, na bibliografia, na Escola Latino-Americana de Ciências da Comunicação, que nos mostrou a existência e o eurocentrismo dos estudiosos e currículos que não a (re)conhecem.

13. Seu pensamento foi estudado em 1995 por Jose Carlos Stolmeier, em tese de licenciatura apresentada ao Istituto di Scienze della Comunicazione Sociale, da Università Pontificia Salesiana de Roma.

Quando alguém que amo vai embora, retomo minha fé em outro plano de existência. E clamo para que encontre um universo sem dor, sem egoísmos, onde você possa viver como merece: feliz para sempre.

Um abraço bem carinhoso, querido professor, da sua aluna

Juçara Brittes

ANEXO – Textos publicados sobre José Marques de Melo

Brittes, J. G. José Marques de Melo e a construção de espaços de pesquisa no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo - SP, v. 25, p. 229-255, 1996.

Brittes, J. G. Breve História de Vida e Síntese da Trajetória Intelectual de José Marques de Melo. In: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. (org.). **Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional**. 7ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004, v. 1. p. 175-177.

Brittes, J. G. Criação e fortalecimento do Grupo de São Bernardo: o protagonismo de José Marques de Melo. In: José Marques de Melo; Maria Cristina Gobbi. (org.). **Pensamento Comunicacional Latino-Americano**. Da pesquisa-denúncia ao pragmatismo utópico. 1. ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004. p. 235-256.

Brittes, J. G. José Marques de Melo - perfil intelectual. In: Hohlfeldt, Antônio; Gobbi, Maria Cristina. (org.). **Teoria da Comunicação** - Antologia de Pesquisadores Brasileiros. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 83-97.

Brittes, J. G. Para aprender e ensinar comunicação. **Comunicação & Sociedade** (Online), v. 27, p. 201, 2013.

Brittes, J. G. Histórias da vida de um professor que construiu os caminhos da pesquisa e do ensino em comunicação no Brasil e foi cassado por culpa de Doris Day. In: Clarissa Josgrilberg Pereira; Eduardo Amaral Gurgel; Iury Parente Aragão; Osvando de Moraes. (org.). **Fortuna Crítica de Marques de Melo** - Liderança e Vanguardismo. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2015, v. 4. p. 245-253.

Depoimento sobre o guerreiro midiático

Sérgio Mattos

O objetivo deste capítulo, dividido em duas partes, é prestar um depoimento sobre o papel desempenhado por José Marques de Melo, primeiro doutor em Jornalismo do Brasil, além de detalhar como surgiu a ideia de produzir e como foi desenvolvido o projeto da biografia dele. A segunda parte contém uma análise de sua primeira publicação em forma de livro, um opúsculo intitulado *Da responsabilidade social do jornalismo* (1965), a partir do qual, pode-se afirmar, toda a obra de José Marques de Melo, construída ao longo de 50 anos de vida acadêmica, apresenta uma coerência conceitual contextualizada.

Durante um encontro promovido pela Associação de Imprensa de Pernambuco, no município de Paulista, na região metropolitana de Recife, no final da primeira década deste século, surgiu a oportunidade para que eu viesse a produzir também mais uma biografia, incompleta, de José Marques de Melo, que foi publicada em 2010 em uma edição conjunta entre Intercom e Editora Vozes, sob o título *O Guerreiro midiático – biografia*

1. Este capítulo se baseia em texto apresentado durante o 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, no dia 4 de setembro de 2018, na Univille, Joinville, Santana Catarina.

de José Marques de Melo². Àquela época, Marques de Melo já havia sido objeto de pesquisa biográfica e de construções de inúmeros perfis. Maria Cristina Gobbi e Juçara Brittes já haviam tornado público seus respectivos trabalhos. Vários perfis dele também já haviam sido construídos em cima das singularidades e pioneirismo do autor que hoje homenageamos, a exemplo do trabalho de Ruth Vianna, que andou vasculhando documentos da USP na fase da ditadura militar e que envolviam Zé Marques.

Como disse, foi no município de Paulista, em Pernambuco, que, bem ao estilo de Zé Marques, aceitei o desafio. Estávamos reunidos, eu, Manuel Carlos Chaparro, Audálio Dantas e Luitgard Cavalcanti Barros em uma animada conversa sobre as nossas experiências individuais na produção de biografias, quando José Marques se aproximou, puxou uma cadeira e interagiu com o grupo. No momento exato em que ele chegou, virei para o grupo e disse: “Eis aqui – apontando para ele – um excelente nome a ser biografado”, e continuamos a conversa enquanto Zé Marques nada disse sobre o meu comentário. No dia seguinte, ainda durante o café da manhã, ele se aproximou da mesa onde eu estava com uma pilha de pelo menos uns dez livros, colocou-os na mesa e, enfaticamente, disse: “Já que você vai ser meu biógrafo, comece a ler esses livros...”, e afastou-se. Foi assim que o projeto da biografia que fiz de Zé Marques nasceu. Aliás, como quase todos os projetos em que ele nos envolvia, bastava chegar junto dele, que havia sempre uma nova ideia, um novo projeto a ser executado e ele começava a distribuir tarefas às pessoas que ele acreditava estarem em condições de executá-las. Zé Marques sempre foi um moto contínuo, uma máquina de novas ideias. A partir daquele momento, passamos a estreitar nossos contatos (pessoalmente, por telefone ou por e-mail),

2. A segunda edição desse livro, ampliada e revisada, foi publicada em formato *e-book*, pela Intercom, em 2014, e está disponível para *download* no site: <sergiomattos.com.br>.

coletando dados necessários para a biografia, além do trabalho de colher depoimentos e levantar dados em fontes documentais, entre outras fontes, com o objetivo de sempre contextualizar cada um dos passos dele em épocas e ambientes ideológicos, sociais e geográficos diferentes.

Ao final, teria que criar um título que expressasse o que ele era, o que ele fazia, onde fazia e que representasse o líder que ele sempre foi. Depois de repassar vários livros, artigos e examinar inúmeras fotografias, comecei a vislumbrar um possível título baseado no fato de que ele, em alguns dos congressos da Intercom, brincava de colocar “Cocar de Índio” na cabeça dos amigos, quando não colocava em sua própria cabeça. A propósito, existem várias fotografias, belíssimas, de Zé Marques usando um Cocar – inclusive usei uma delas na segunda edição de *O Guerreiro Midiático*. O Cocar pode ser um simples adereço ou símbolo de status dentro de uma tribo. O Cocar representa a força do líder, o poder de mando e de chefia, e o mais belo é sempre usado pelo cacique, que também é o principal guerreiro da tribo. Foi, portanto, a partir desses símbolos que grafei o título *O Guerreiro Midiático*, que ele, Zé Marques, aceitou e que todos reconhecem como sendo um bom título, que exprime realmente tudo o que ele representa para todos nós. Ao apresentar-lhe o título, ele – que era exímio tituleiro – concordou integralmente. Acredito que fui feliz na escolha do título.

Na Introdução do livro, logo nas primeiras duas linhas, afirmei: “Considerando a pluralidade de José Marques de Melo, escrever uma biografia completa seria quase que uma missão impossível”. E ainda continua sendo um grande desafio, como também já havia reconhecido Maria Cristina Gobbi, que trabalhou anos seguidos com ele, na Cátedra UNESCO e na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, e tentava atualizar seus passos sem obter êxito.

Este desafio pode ser expresso em números. Imaginem que a primeira edição do livro saiu com 206 páginas. A segunda edição, de 2014, em formato digital, disponibilizada na internet para *download*, conta com 338 páginas. No entanto, isto não quer dizer nada, se considerarmos o que ele produziu nos últimos cinco anos de vida, senão vejamos: em 2013, data da atualização do livro publicado no ano seguinte, Zé Marques tinha 140 livros (individuais e organizados) publicados e, em 2018, este total subiu para 173 títulos, conforme seu currículo Lattes, atualizado em fevereiro daquele ano.

Em cinco anos, ele produziu 33 novos livros. Até 2013, ele havia registrado a publicação de 134 capítulos de livros, que, em 2018, atingiu o total de 154, ou seja, produziu e publicou 20 novos capítulos. Por isso que Maria Cristina Gobbi dizia que não conseguia atualizar os passos do professor Marques, e este ainda é o grande desafio de todos nós. Gostaria ainda de salientar que, entre a publicação da primeira e da segunda edição de *O Guerreiro Midiático*, Zé Marques publicou mais de 30 livros e 40 capítulos de livros, donde se pode concluir que sua fase mais produtiva foi nos últimos dez anos de vida e que, apesar de limitações físicas impostas pelo mal de Parkinson, ele nunca parou e continuou seu caminho, nos deixando um grande legado. Apesar de ele não concordar, as evidências que apresentei em sua biografia me levaram a concluir que ele era um *predestinado* e não apenas um *obstinado*, como ele acreditava ser, a exemplo do que foi sua avó Eufrosina.

José Marques de Melo foi um dos mais fecundos autores latino-americanos, nos deixando obras fundamentais sobre o jornalismo e a comunicação. Ele construiu a memória do campo, além de dar a ele visibilidade e legitimidade acadêmica. Um inventário da obra dele demonstra a transversalidade das reflexões e análises críticas. A interdisciplinaridade está presente

em toda a sua obra, bem como o espírito de lançar desafios, pois a expectativa dele era a de que “os fatos e ideias, hipóteses ou interpretações dele, constantes em sua obra, “pudessem estimular o pensamento midiático brasileiro a superar criticamente a inércia e a hesitação com que se vem debatendo”³, desde a passagem do século.

Ao longo de sua vida, Zé Marques sempre defendeu a livre circulação de ideias, garantindo a pluralidade e a diversidade de alternativas, mas não abdicava do direito à autodeterminação e do dever de projetar identidades no cenário mundial. Ele não se considerava nem vencedor, nem derrotado, mas reconhecia já ter sido mais combativo. Afinal de contas, a obra dele é referência em todo o mundo. No Brasil, ele consolidou o Jornalismo como campo de conhecimento, além de ter participado ativamente na construção de uma comunidade científica lusófona e trabalhou com afincamento para intensificar nossa autonomia teórica, fomentando a crítica metodológica e condenando “a atitude de deslumbramento em relação às teorias e metodologias estrangeiras” que fomentam o “complexo do colonizado.” Para evitarmos o complexo de colonizado, ele dizia: “Devemos dialogar com os parceiros hegemônicos, porém assumindo atitude clivada pela autoestima intelectual, esbanjando soberania e transparecendo altaneirismo”.

Além de precursor da Escola Latino-Americana de Comunicação, ele também é considerado o principal teórico lusófono do Jornalismo e da Comunicação. Dentro deste cenário, ele sempre esteve em sintonia com a realidade, com o contexto, com as necessidades da comunicação e seu desenvolvimento no Brasil. Quando não tínhamos livros, na década de 70 do século passado, ele dirigiu coletâneas, publicou e editou autores que se transformariam em clássicos da área. Zé Marques é um poço

3. Mattos, Sérgio. **O Guerreiro Midiático**: biografia de José Marques de Melo. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p. 249.

sem fundo, cheio de saberes, de conselhos e sugestões, do qual ainda vamos aproveitar muitas lições, pois, a cada instante, descobrimos novas facetas de seu brilhantismo intelectual, da capacidade que tinha de aglutinar pessoas em torno de vários projetos que foram pensados, estruturados, alinhavados e produzidos sob sua liderança.

Apesar disso, a obra completa de José Marques de Melo carece ainda de uma revisão criteriosa que demonstre para as novas gerações como ele sempre esteve sintonizado com as transformações da sociedade. A obra de Zé Marques apresenta coerência com as reflexões que ele fez ao longo dos últimos 50 anos sobre os fenômenos da comunicação. Enfim, ele era uma verdadeira máquina de ideias, que atuava na área de Comunicação como se estivesse regendo uma grande orquestra.

Fundamentos de uma trajetória⁴

Toda obra de um autor se constitui a partir de sua primeira publicação até o último livro lançado. Para demonstrar o quanto a obra de José Marques de Melo é coerente com seu pensamento e reflexões ao longo do tempo, esta parte do artigo será dedicada à sua primeira publicação em formato de livro.

Da *Responsabilidade social do jornalismo*, um opúsculo de 14 páginas de conteúdo, publicado como tendo sido o nº 1 da série de documentos do Instituto de Ciências da Informação (Icinform), em Recife, no ano de 1965, se caracteriza como a primeira publicação de José Marques de Melo no formato de livro. Trata-se do texto do discurso que ele pronunciou na condição de Orador da Turma, na solenidade de colação de grau dos Bacharéis em Jornalismo de 1964, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

4. Texto originalmente publicado no livro: Aragão, I. P.; Moraes, O. J.; Jaconi, S. JMM – Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Jornalismo e Midiologia. São Paulo: Intercom, 2013. p. 15-21.

No convite de formatura dos Bacharéis em Jornalismo de 1964, segunda turma do curso dirigido por Luiz Beltrão, está impresso o registro de que José Marques de Melo foi escolhido como Orador da Turma “para representar o pensamento dos novos jornalistas na solenidade de colação de grau”. Àquela época, ele já tinha experiência como jornalista, tendo em vista ter colaborado e trabalhado na *Gazeta de Alagoas*, no *Jornal de Alagoas* e na *Última Hora-Nordeste*, além de ter sido diretor do Movimento de Cultura Popular, assessor do ex-secretário de Educação Germano Coelho e, quando de sua formatura, exercia a função de Coordenador dos Serviços de Editoração da Sudene.

O opúsculo foi lançado durante a realização do I Curso Nacional de Ciências da Informação, promovido pelo Icinform com a colaboração da Sudene e de outros órgãos públicos do Nordeste. Apesar de não constar entre as obras do autor no currículo da Plataforma Lattes, podemos inferir que foi com esta publicação que a produção acadêmica de José Marques de Melo foi iniciada, inaugurando também a série de documentos publicados pelo Icinform.

O Icinform foi criado e instalado no ano de 1963 por Luiz Beltrão, quando da formatura da primeira turma de Jornalismo da Unicap, com o propósito de estimular a integração entre a Universidade e os profissionais da área, além de procurar estimular o interesse pela pesquisa e a divulgação científica. De certa forma, foi ele quem, direta e indiretamente, estimulou em José Marques de Melo o gosto pela pesquisa.

O pioneirismo e a dedicação de Luiz Beltrão, autor de *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (1960), que integra a coleção dos Clássicos do Jornalismo Brasileiro, publicada pela Edusp ao lado de outros autores paradigmáticos como Barbosa Lima Sobrinho, Rui Barbosa, Carlos Rizzini, Danton Jobim, Carlos Lacerda e Alceu de Amoroso Lima, entre outros, com

toda certeza muito influenciou na carreira construída por José Marques de Melo.

Beltrão criou o primeiro periódico científico em comunicação do país, *Comunicação & Problemas*, inspirado na revista *Journalism Quartely*, para funcionar como o veículo de divulgação do Icinform, que por sua vez foi inspirado do Centro Internacional de Estudos Superiores da Comunicação para a América Latina (Ciespal), onde logo após a formatura José Marques de Melo foi fazer curso de pós-graduação. Como Luiz Beltrão, primeiro doutor em Comunicação, José Marques de Melo foi o primeiro a defender tese de doutoramento em Jornalismo no Brasil.

Como discípulo de Luiz Beltrão, José Marques de Melo seguiu os passos dele no que diz respeito à sistematização do conhecimento estocado na literatura da área e, como resultado disso, colecionou, em seu currículo, inúmeros livros publicados e instituições criadas, a exemplo da Intercom. Como Luiz Beltrão dialogava e transitava entre autores paradigmáticos de sua época, o mesmo, e com maior intensidade, podemos dizer com relação a José Marques de Melo, reconhecido internacionalmente pelo trabalho consistente em benefício da área da Comunicação, em geral, e do campo do Jornalismo, em particular.

Mas, para chegar ao patamar que alcançou ao longo de sua vida, José Marques de Melo começou com a publicação do opúsculo *Da Responsabilidade Social do Jornalismo*, sobre o qual nos dedicaremos após contextualizar o clima em que se encontrava o país no ano em que ele foi o Orador da Turma. Assim sendo, a diplomação da segunda turma de Bacharéis em Jornalismo da Unicap ocorreu em dezembro de 1964, em uma época que o Brasil estava vivendo uma crise política que se arrastava desde a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, agravada pelas consequências da Guerra Fria, que estava no auge.

A diplomação, portanto, ocorreu no ano do Golpe de 1964, que afastou João Goulart da presidência da República e que se caracterizou pela supressão dos direitos constitucionais, pela censura, pela repressão, perseguição política e prisão de inúmeros intelectuais, políticos e jornalistas. Em Recife, o governador Miguel Arraes foi destituído do cargo e preso como traidor da nação. José Marques de Melo trabalhou no governo de Arraes exercendo a função de chefe de gabinete do secretário de Educação e, em seguida, foi coordenar o projeto de consolidação do Movimento de Cultura Popular, tendo também sofrido as consequências por ter participado do governo de Arraes (Mattos, 2010, 2014).

Considerando o contexto político e social do país no ano de sua diplomação, o discurso pronunciado por José Marques de Melo foi corajoso ao denunciar os atentados contra a liberdade de imprensa pelo poder político e as pressões econômicas no sentido de exercer o controle da mídia:

No momento atual [1964], o jornalismo brasileiro atravessa um período de crise. Crise, aliás, que é uma consequência da nossa condição de país subdesenvolvido, e que deriva de instabilidade política e econômica da nação. De um lado, vemos a pressão do poder político efetuando atentados à liberdade de imprensa, não obstante o dispositivo constitucional que declara “É livre a manifestação de pensamento, sem que dependa da censura”. De outro lado, vemos a pressão dos anunciantes e o controle dos nossos veículos de informação por poderosos grupos econômicos estrangeiros, o que representa uma investida atentatória à soberania nacional. Aliás, fatos dessa natureza têm sido denunciados largamente, sobretudo a partir de exemplos palpáveis como o controle dos veículos de difusão nos períodos eleitorais, sem que o poder público tenha tomado quaisquer providências para sanar esse mal. Nesse sentido é que o economista

Celso Furtado, reconhecendo as consequências nefastas provocadas pelo desvirtuamento dos objetivos da imprensa nacional, a serviço de grupos alienígenas, advertia com muito acerto: “Devemos ter um estatuto legal que discipline a ação do capital estrangeiro, subordinando-o aos objetivos do nosso desenvolvimento econômico e da independência política. Deve o governo dispor, ainda, de meios para conhecer os recursos aplicados nos órgãos que orientam a opinião pública” (Marques de Melo, 1965, p.12-13).

Em seu discurso de formatura, José Marques de Melo já evidenciava sua preocupação com a formação do jornalista e com o ensino do jornalismo – duas coisas às quais ele dedicou sua vida profissional, o que demonstra coerência de pensamento e o quanto ele já estava consciente do problema àquela época. Quase 50 anos depois, em 2012, ele defende a opinião de que o ensino do jornalismo precisa ser repensado para superar distorções existentes nos processos de produção e difusão jornalística. Em livro recente, *História do Jornalismo*, ele diz que precisamos:

1) Romper a tradição gutemberguiana que nos tem mantido prisioneiros dentro de estruturas tecnologicamente anacrônicas que ainda governam a lógica dos processos de ensino-aprendizagem. Precisamos potencializar os recursos oferecidos pelas novas tecnologias digitais, formando profissionais vocacionados para produzir conteúdos jornalísticos de interesse das maiorias iletradas, que permanecem excluídas do banquete civilizatório [...] 2) Ultrapassar a caricatura balzaquiana que nos tem induzido a privilegiar a formação aristocrática de jornalistas comprometidos com os interesses das elites cultas ou medianamente educadas. Precisamos engendrar estratégias discursivas sintonizadas com o repertório das populações subinformadas e aplicar táticas motivadoras do apetite cultural daqueles bolsões marginalizados da sociedade de consumo. [...] precisamos tomar como referência a Cultura

Popular, ao invés de persistir no domínio exclusivo da Cultura Erudita (Marques de Melo, 2012, p.136).

Baseando-se na argumentação de autores estrangeiros como Fraser Bond, Roger Clausse, Raymond Nixon, Walter Williams e até em Pio XII, além de citar os brasileiros Luiz Beltrão, Walter Ramos Poyares, Celso Furtado e Rui Barbosa, ele construiu seu discurso elencando conceitos e afirmações de inúmeros autores que considerava como básicos para o exercício do jornalismo, tais como os exemplos a seguir:

- Compete ao jornalista a tarefa memorável de lutar pela construção de uma sociedade cada vez mais justa e mais humana.
- O jornalista não deve permanecer passivo diante dos problemas, limitando-se a criticá-los. A posição do jornalista tem que ser ativa e participante na elaboração do Direito, da luta pelo desenvolvimento.
- A tarefa do jornalista exige abnegação e destemor, honestidade e exatidão. Coragem e Civismo.
- O jornalista só deve escrever o que julga ser verdadeiro.
- O jornalista tem que ser um profissional que não cede a pressões políticas ou econômicas.
- O jornalista e o jornalismo devem ser leais à verdade.
- O jornalismo deve estar a serviço do bem comum, da justiça e da verdade.
- Os jornalistas são os defensores do povo e, por isso, na vida profissional, a nossa posição deve ser exatamente a do vigilante.
- A defesa da liberdade de pensamento e expressão é uma guerra contínua.

Em seu opúsculo, José Marques de Melo reconhece que a solenidade de formatura em Jornalismo “significa também

um marco para a própria vida social e política da região”, pois, citando Walter Ramos Poyares, “nada contribuirá mais decisivamente para que a imprensa se torne respeitável do que o levantamento do nível de formação dos jornalistas”.

Ao longo do texto, José Marques de Melo deixa claro ter consciência de que o jornalismo brasileiro atravessava um período de crise como consequência do subdesenvolvimento, derivado da instabilidade política e econômica. E, exatamente por isso, condenou as pressões e atentados políticos e econômicos contra a liberdade de imprensa.

Em seu discurso, ele identificou o período de sua formatura como o período de transição entre o jornalista boêmio e o jornalista profissional. O período no qual o jornalismo romântico entrou em declínio, cedendo o espaço ao jornalismo mais técnico e destinado a informar e a formar opinião. Considerando-se como um “técnico em informação”, ele destacou mais uma vez a importância da formação de nível superior do jornalista ao exortar os novos jornalistas:

Meus colegas: a responsabilidade que assumimos neste momento histórico é de profunda significação. Ao dizer: “Eu creio no jornalismo como profissão a serviço do bem comum, da justiça e da verdade”, cada um de nós aceita uma tarefa memorável na luta pela construção de uma sociedade cada vez mais justa e mais humana. Pois, como diz o prof. Raymond Nixon, catedrático de Jornalismo da Universidade de Minnesota, dos Estados Unidos: “A influência da imprensa junto à opinião pública torna-se mais responsável e decisiva. O próprio desenvolvimento econômico e social dos povos está sujeito, em grande parte, à orientação criteriosa que lhes é proporcionada pelos homens que têm em suas mãos os recursos para a divulgação dos fatos e das idéias” (Marques de Melo, 1965, p.?).

Em síntese, o opúsculo *Da Responsabilidade Social do Jornalismo* representa a gênese, o marco referencial, o início de um pensamento do qual se originou a maior parte dos estudos e publicações acadêmicas de José Marques de Melo. Esse opúsculo evidencia ainda que, desde a época de sua formatura em Jornalismo, o autor já tinha pleno domínio conceitual e teórico do campo do Jornalismo, e que dialogava com os principais autores nacionais e estrangeiros do setor, demonstrando intimidade com o conteúdo abordado em suas respectivas obras, inclusive os clássicos. O autor também tinha plena consciência da época de transição e expansão do jornalismo, da indústria cultural e a formação de cadeias e redes nacionais e regionais.

Por fim, para concluir este texto, vale destacar a consciência e o conhecimento da história do jornalismo e dos jornalistas que fizeram acontecer no Brasil quando da exortação que fez, no final de seu discurso, sobre o papel de vigilância que os novos jornalistas deveriam assumir:

[...] a nossa posição na vida profissional deve ser exatamente a de “Vigilantes”. Vigilantes para que as informações fornecidas ao público sejam “verdadeiras e exatas”, vigilantes para que elas sejam cotadas de “honestidade e respeito à dignidade humana”. Vigilantes para que o jornalismo brasileiro continue aquela tradição nacionalista, de que são marcos o jornalismo incipiente de Tiradentes, de Cipriano Barata, de Frei Caneca, de Evaristo da Veiga, na luta pela independência do país, e de José Bach e Monteiro Lobato, na campanha pelo monopólio estatal do petróleo. Vigilantes, enfim, porque, no dizer de Fraser Bond, “a batalha pela liberdade de pensamento e de expressão não conhece armistício; a luta pela sua salvaguarda é uma

guerra contínua que existirá enquanto existirem as forças que a ela se opõem” (Marques de Melo, 1965, p.?).

Referências

Marques de Melo, J. **Da responsabilidade social no jornalismo**. Recife, Inciform, 1965.

Marques de Melo, J. **História do Jornalismo** – Itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

Mattos, S. **O Guerreiro Midiático**: biografia de José Marques de Melo. São Paulo/Petrópolis: Intercom/ Editora Vozes, 2010.

O homem que sabia escutar e ver com profundidade: minhas lembranças de JMM

Monica Martinez

Na véspera de escrever este texto, portanto no 29 de setembro de 2023, eu tive um sonho com José Marques de Melo. Eu estava sentada no meio de um auditório redondo e espaçoso, no que parecia ser a abertura de um evento de grande porte como o congresso anual da Intercom ou o do Ibercom em 2009. O auditório estava repleto e aguardávamos o espetáculo que seria apresentado, de cunho artístico e regional – estávamos no Nordeste. Havia uma expectativa agradável no ar e ao meu lado estavam muitos jovens, agitados e felizes. De repente, eu olhei para trás, como se buscasse alguém. E me recordei que José Marques de Melo não viria, pois não estava mais vivo. Foi uma dor muito grande e, no sonho, silenciosamente chorei. Os jovens ao meu lado estavam tão felizes de estar lá que nem perceberam.

Acordei surpresa com o sonho fresco na memória. Acho que surpresa agradável é uma palavra que sintetiza bem minhas lembranças do professor Marques de Melo. Ele era apenas alguém parte da bibliografia quando eu estudava na graduação em Comunicação Social na Metodista nos anos 1984 a 1987. Naquele momento, ele estava na USP. Quando eu fiz mestrado (1988-1994) e doutorado (1998-2002) na USP, ele estava atuando na Metodista de São Bernardo (UMESP). Então não foi, naquele momento, uma pessoa que fizesse parte

de meu convívio acadêmico nem social. E, apesar de ter uma memória muito prazerosa de ter participado de um congresso da Intercom na Metodista durante a graduação, andando em um Fiat Uno de uma colega de um lado para outro, a verdade é que somente comecei a participar do congresso nacional após o meu doutoramento, em 2003, em Belo Horizonte (MG), quando fui apresentar os resultados de minha pesquisa doutoral. O que me fez lembrar que este ano em que escrevo o texto, 2023, eu celebro 20 anos como sócia da entidade, da qual atualmente sou vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa em Teorias do Jornalismo.

Eu de fato tive a oportunidade de conhecer melhor Marques de Melo somente no meu pós-doutoramento, portanto a partir de 2008 e até 2009, que realizei na UMESP. Lembro-me como se fosse hoje quando, num encontro casual nos corredores da universidade, ele me cumprimentou, sabendo quem eu era e o que estava fazendo ali, e me convidou para falar com seus alunos da pós-graduação sobre o tema de meu doutorado: a estrutura narrativa mítica empregada na construção de histórias em jornalismo – que havia sido conduzido sob orientação do professor Edvaldo Pereira Lima (Martinez, 2008). Entendi que Marques de Melo era assim: direto, generoso, e com uma notável visão para acolher pessoas em seus times de pesquisa. Apesar de saber estar na frente de uma das mais importantes pessoas do campo, gostei da atitude na hora.

Confesso que me senti acolhida e honrada com o convite. Marques de Melo era direto e franco, tinha paciência para escutar a pessoa à sua frente, e era acolhedor. Eu me sentia confortável com seu jeito de ser. Uma coisa que aprendi ali é que, fizesse chuva ou sol, ele parava religiosamente de trabalhar no horário do almoço e se dirigia à praça de alimentação, em geral cercado de outros pesquisadores. Não me recordo jamais de tê-lo visto almoçando sozinho.

Uma coisa que nunca vou esquecer daquele momento foi que ele via o meu campo de estudos, o Jornalismo Literário, por outro prisma. Um dia, também em um dos corredores da Metodista, onde tinham me oferecido uma sala que eu ocupava uma vez por semana, ele estava tentando me convencer a migrar para seu modo de ver o que chamava deste gênero, o jornalismo diversional, e eu o questionei: Professor, é diversional de diversão?

Isso porque nas categorias que ele trabalhava em gênero jornalístico, de forma pioneira, desde o livro famoso de 1985, ele entendia o segmento como histórias de interesse humano (Melo, 1985).

Ao que ele respondeu:

Não, diversional de diverso.

Aquilo fez sentido para mim, aquele jornalismo diversional como explicado por ele (Assis, 2014, 2016; Melo, Assis, 2016), mas eu estava alinhada desde o final do mestrado com outra escola de pensadores, que pensa o Jornalismo Literário no âmbito internacional (Bak, Martinez, 2018; Lima, 2009), sabendo que o nome não é exclusivo nem o melhor, muito menos um consenso (Hartsock, 2000), mas por meio do qual os demais pesquisadores do mundo entendem os cânones do que estamos falando. Foi um teste de coragem para mim naquele momento, e um rico aprendizado a conversa. Não me recorde se foi naquele ou em outro momento, mas Marques de Melo era brilhante em compreender o perfil das pessoas, e ele em algum momento me definiu de uma maneira que nem eu mesma, naquela altura com 42 anos, conseguiria.

Você não é subserviente.

Confesso que tive uma ideia do que significa a palavra naquele momento, mas precisei olhar no dicionário depois para me certificar. Ele via em mim alguém que não consentia em

servir a outro de maneira humilhante; que não se prestava às vontades de outrem servilmente; que não era servil. Enfim, eu não era condescendente, não atendia às vontades alheias com facilidade. Talvez ele se visse desta forma também. Aquela sua observação certa, que entendi ser um elogio ao modo JMM, valeu por mil sessões de terapia para mim – que, aliás, eu só começaria a fazer bem mais tarde. Até hoje, em momentos cruciais de minha vida, eu evoco a fala do professor Marques, digo para mim mesma que não sou subserviente, e sigo resistente e resiliente, forte e flexível, ao que os sistemas desumanos querem tentar me impor. Não, o professor Marques de Melo viu em mim esta característica, que me faz sentido, e sigo exercitando-a, sempre que necessário. Do jeito dele, ele me ouviu e viu de uma maneira muito profunda, me aceitando da forma que eu era. Sem julgamentos nem recriminações, sem querer me mudar, simplesmente me observando e definindo como um cientista da ciência social ou das humanas relata um fenômeno observado. Foi libertador.

2009 - Ibercom na Ilha da Madeira, em Portugal

Outra memória importante para mim está associada ao XI Congresso Ibero-Americano de Comunicação, realizado pela Universidade da Madeira, Funchal, na Ilha da Madeira, em Portugal, no período de 16 a 19 abril de 2009, ano que eu estava concluindo meu pós-doutoramento. O voo da British Arlines que tomei de São Paulo a Portugal, tinha uma parada em Lisboa, de onde peguei imediatamente a conexão em um avião menor para a luxuriante ilha. Até hoje não visitei Portugal como se deve, falha que espero poder sanar em 2024. Nesta conexão minha mala se perdeu, coisa que aconteceu apenas duas vezes na vida, apesar das muitas viagens.

O resultado é que cheguei ao hotel e, atrasada, segui para a abertura com o mesmo moletom, camiseta e tênis que havia usado na viagem aérea. No caminho, aprendi que o idioma – o português – é o mesmo, mas um pouquinho diferente. Perguntei a uns passantes como eu chegava no Teatro que esqueci o nome, onde seria realizada a abertura.

O senhor sabe onde fica o teatro tal?

Sim.

E eu fiquei parada, na espera do direcionamento, até perceber que se eu não perguntasse ele não viria. Como um *jet leg* linguístico e cultural, que precisou de alguns dias para ser compreendido. A pergunta correta era:

O senhor sabe me informar como chegar ao teatro tal?

Claro, o português de Portugal era muito mais específico do que o nosso, que deixa uma pergunta embutida sem deixá-la clara. Assim, na entrada do local da conferência inaugural – que se parecia com o do sonho –, eu cheguei brava, de moletom, camiseta, tênis, atrasada e, agora, esbaforida, me deparo nada menos do que com o professor. Lembro-me como se fosse hoje que, como bom anfitrião, ele estava recebendo gentilmente as pessoas e, ao me ver, elogiou como eu estava vestida naquela noite.

— Professor, eu estou com o mesmo moletom e tênis da viagem de avião. Minha mala foi perdida pela British! — resmunguei. Numa certa medida, acho que tenho o mesmo jeito direto e franco dele, talvez.

Ele me olhou surpreso, evidentemente não havia percebido. Estava lá como o grande anfitrião que era, saudando seu povo que havia conseguido viajar além-mar, apesar dos limites financeiros de sempre, para apresentar seus resultados de pesquisa. Isso me fez sentir imensamente acolhida. Se nem

ele estava achando esquisito a forma que eu estava vestida, quem era eu para achar que não estava adequada? Respirei fundo, sorri, agradei e fui buscar um lugar nas poltronas, que o auditório estava cheio. Me sentindo bem melhor. Foi uma grande lição para mim, seguir apesar dos imprevistos, que eles sempre acontecem.

2012 - Chicago e a grande mulher por trás do grande homem

É interessante como o tempo nos faz conseguir perceber conexões que no momento não são visíveis. Ao ordenar minhas memórias fragmentadas agora para escrever este texto, o Marques de Melo que surge se revela como um homem que tinha uma escuta muito perspicaz e ativa. Pelo menos esta é a minha percepção. Por outro, que era mestre em abrir portas. Desta forma, em 2012, ano que ingressei no PPGCC da Uniso por meio de concurso, participei com ele do V Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação, que foi realizado na Universidade DePaul, em Chicago, Illinois, nos Estados Unidos. Do ponto de vista acadêmico, foi a oportunidade de estreitar relações com brasilianistas que se dedicam ao campo das comunicações, como Joseph Straubhaar, da Universidade do Texas em Austin e Samantha Joyce (Joyce, 2012; Martinez, Joyce, 2016), que se revelariam parceiros de pesquisa importantes, dentre outros. Em dúvida se aproveitava uma oportunidade de fazer um estágio pós-doutoral com o professor Straubhaar em janeiro de 2013, Marques de Melo foi enfático em me encorajar a aceitar o desafio.

Mas a memória mais tocante do V Colóquio em Chicago tem a ver com a excepcional mulher por trás de Marques de Melo: sua esposa Sílvia Briseno. Em várias conversas nos tempos livres, ela falava com entusiasmo e simpatia de como tinha se formado em economia e aberto mão de seguir a profissão para se dedicar à família. Tinha sido uma opção, não uma imposição,

e ela sempre me pareceu confortável com sua escolha. Naquela viagem, ela disse como Marques de Melo nunca tinha pagado um boleto na vida. Ela contou que ele era responsável pela entrada das receitas, mas, de forma orgulhosa, contou que era ela que fazia não apenas a gestão do lar, mas também da educação dos dois filhos e dos investimentos da família. Lembro-me da paixão dela por comprar imóveis que eram considerados mosca branca, isto é, bem localizados, em geral na região de Pinheiros, em São Paulo. Como estavam em mau estado de conservação ou os proprietários precisavam vender com alguma urgência, ela fechava o negócio, tocava as reformas e, portanto, fazia compras no mercado por um ótimo valor. Sílvia me pareceu a espinha dorsal do casal, permitindo que Marques de Melo usasse seus braços e pernas para implementar o campo da Comunicação no Brasil. Não fosse ela, provavelmente teríamos um perfil diferente do campo.

Sílvia era sempre vista nos eventos, sempre bancada pelo dinheiro do casal, acompanhando o marido de maneira discreta, mas presente. Lembro-me naquele ano de 2012, na mesa branca da Universidade DePaul no qual o colóquio foi realizado em Chicago, de ela estar atenta à caixinha de remédios que ele já tomava, assegurando-se de que ele estivesse ingerindo a medicação de forma apropriada. Em certo sentido, a história de Sílvia mereceria um dia ser contada de forma mais abrangente, pois ela também faz parte das mulheres invisíveis que apoiaram os grandes homens a fazerem o que fizeram.

Em 20 de junho de 2018, no falecimento de Marques de Melo, eu estava realizando pesquisa no exterior, na Europa, e infelizmente não pude comparecer ao funeral. Mas recordo-me vivamente de ter vivido o luto ao usar o bóton azul com a hashtag #SomosTodosMarquesDeMelo, uma marca do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação que foi

realizado de 2 e 8 de setembro de 2018 na Universidade da Região de Joinville (Univille), em Joinville (SC). O evento contou com uma programação oficial intensa de homenagens, com destaque para a abertura, na noite do dia 5 de setembro no centro de convenções Expoville, que contou com uma fala serena de Silvia, a viúva do professor. Lembro-me que, talvez na volta daquele dia, eu estava no ônibus que nos levava de volta ao hotel e notei Silvia num banco ao lado. Não consegui dizer nada, e meus olhos se encheram de lágrimas pela perda dela. Ela, que me parecia ter conseguido se manter firme até então, também se permitiu deixar os olhos marejarem. Senti-me envergonhada por estar fazendo-a sofrer. Mas também foi um momento, pelo menos para mim, de união que não precisou de gestos, nem palavras.

2015 - Passageiros da vida

Marques de Melo era um grande professor, mesmo quando achava que não estava em um tablado e nem imaginava estar ensinando. Tínhamos ido em maio de 2015 para o mesmo *65th International Communication Association Annual Conference da International Communication Association (ICA)*, onde eu participei do painel *O contexto importa: comparando práticas de Comunicação e Mídia no Brasil, México, Argentina, França, Tailândia e EUA*. Foi uma ótima oportunidade de debater com pesquisadores da área de Comunicação, como John R. Baldwin, Joe Straubhaar, Mauro Porto e a querida Laura Robinson (Martinez, 2016), entre outros.

Mas o que eu guardo mais fresco na memória (além da experiência única de ficar num Hilton, em San Juan, Porto Rico), foi de uma fala de Marques de Melo. Cruzei com ele num dado momento no saguão do Caribe Hilton, onde a conferência era realizada. Ele, como sempre, parou para me cumprimentar cordialmente. E mencionou, no meio da conversa:

Todos os meus colegas já se foram —enquanto olhava desolado para os corredores.

Naquele 2015, ele já estava com 72 anos. Eu entendi o significado existencial daquela conversa – e aquilo me partiu o coração. E, como ele havia me ensinado, apenas acolhi a fala. Ele suspirou, se me lembro bem, pediu licença e partiu em direção a algum compromisso.

Hoje a passagem me faz lembrar de um dos livros que mais gostei de ler, *Todos os homens são mortais* (Beauvoir, 2019), uma boa porta de entrada para a filosofia existencialista. Ou o filme *Highlander* (Mulcahy, 1986), sobre um guerreiro escocês imortal. O fato é que desde então procurei dar menos peso aos conflitos dos egos, com colegas e trabalho, pois sempre me lembro que todos somos mortais e um dia também partiremos. Talvez depois de termos nos sentido um pouco sós como Marques de Melo parecia se sentir em Porto Rico, pelo menos naquele momento.

Quatro anos depois, em 2019, escutei uma das últimas falas que me recordo de minha mãe, nas inúmeras intonações que marcaram o final de sua vida:

– Acho que nosso tempo está se acabando, disse ela para meu pai, no quarto do hospital.

Meu pai olhou para ela calado. Eu olhei para ambos calada. Como a pronunciada por Marques de Melo, são aquelas frases que ficam cravadas como com ferro quente em nosso corpo. Minha mãe morreria pouco depois, em 10 de abril de 2019. Meu pai meses depois, de maneira súbita, em 28 de agosto do mesmo ano. Ambos pouco depois de Marques de Melo.

As duas frases me remetem à famosa do replicante em *Blade Runner*, filme de 1982 dirigido por Ridley Scott.

– Eu vi coisas que vocês, humanos, nem iriam

acreditar. Naves de ataque pegando fogo na constelação de Órion. Vi Raios-C resplandecendo no escuro perto do Portão de Tannhäuser. Todos esses momentos ficarão perdidos no tempo, como lágrimas na chuva. Hora de morrer”.

Gosto de pensar que, tanto meus pais quanto Marques de Melo, não queriam partir. O que me consola é que sinto que se sentiam realizados. Marques de Melo porque tinha conseguido participar da estruturação do campo de estudos da Comunicação e, com o apoio de Silvia, constituir uma família. Seu legado segue presente em livros, registros de congresso e na memória de tantas pessoas. Pelo menos na minha, e apesar de terem sido poucos encontros, ele segue muito internalizado como a imagem de um pai ordenador, que abençoa e vê valor nos demais.

Talvez seja por isso que chorei no sonho. É difícil encontrar alguém que, mesmo que nos encontre por poucos momentos, nos veja tão fundo na alma, e nos ajude a nos entender melhor. De toda forma, como pedem os processos de luto, a dor vai se apagando e ficam as saudades desta imagem de pai bom, acolhedor, que conversa, que aponta caminhos, que testa nossos princípios, que nos convida para projetos. Tem funcionado em alguma medida, mas tenho de confessar que sinto saudades de vê-lo como uma abelha tarefaira nos eventos da Intercom e tantos outros. É uma saudade boa, de ter tido o privilégio de conhecer o grande estruturador do nosso campo de estudos da Comunicação no Brasil e de ter estas memórias para contar. Os jovens pesquisadores atuais, como os jovens sentados ao meu lado no sonho, certamente não terão ideia do que estou falando. Mas espero que tenham a oportunidade de ter seus mentores e suas mentoras como eu tive, e terão suas próprias memórias para narrar quando chegar o tempo.

Referências

Assis, F. **Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira.** [s.l.] Universidade Metodista de São Paulo, 2014.

Assis, F. O “ser autor” na prática do jornalismo diversional. **Alceu** (PUC-RJ), v. 16, p. 90–106, 2016.

Bak, J. S.; Martinez, M. Jornalismo literário como disciplina. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 3, p. 644–651, 2018.

Beauvoir, S. **Todos os homens são mortais.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Hartsock, J. C. **A history of American Literary Journalism: the emergence of a modern narrative form.** Amherst: University of Massachusetts Press, 2000.

Joyce, S. N. **Brazilian Telenovelas and the Myth of Racial Democracy.** Maryland: Lexington Books, 2012.

Lima, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4. ed. São Paul: Manole, 2009.

Martinez, M. **Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica na construção de histórias em jornalismo.** 1. ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

Martinez, M. Laura Robinson: uma comunicóloga “brasileira” no exterior. **Matrizes**, v. 10, n. 2, p. 93, 31 ago. 2016.

Martinez, M.; Joyce, S. N. BRICS and Mediated Narratives: The Proximity Between Brazilian News and Telenovelas. **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 1, p. 78–97, 2016.

Melo, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

Melo, J. M.; Assis, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39–56, abr. 2016.

Mulcahy, R. **Highlander, o guerreiro imortal.** EUA: Universal Pictures, 1986.

Prof. Dr. José Marques de Melo em Sorocaba (SP): Recordações de um Programa de Pós-graduação em Comunicação

Paulo Celso da Silva

Fernanda Brugneroto Soares

Lembranças

A memória pode nos trair e muitas vezes nem temos certeza de que é mesmo nossa a memória de um fato, acontecimento ou se é uma memória construída com base no que as pessoas de nosso entorno falaram. Contudo, uma lembrança que guardamos do Prof. Dr. José Marques de Melo nos coloca no Aeroporto de Foz do Iguaçu, na 37ª Intercom de 2014, e toda a sua força de vontade em suplantar as dificuldades físicas que naquele momento o afligiam. Estava aguardando o avião, mas não se resignava de fazer os exercícios, caminhava. Mostrava-nos um vigor de quem não está acostumado a se entregar. Voltamos para São Paulo no mesmo voo e os exercícios continuaram até o destino. Depois disso, não nos encontramos outra vez, mas a imagem da garra, dedicação e empenho ficaram.

Figura 1 - IV Encontro Internacional do Colégio dos Brazilianistas da Comunicação



Fonte: <portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/20173>.

As lembranças nos colocam, novamente, na situação vivida ou imaginada, porém, agora na posição de espectadores privilegiados do vivido, seja ela boa ou má lembrança. Quero crer que não na perspectiva pessimista de Emil Cioran, para o qual a lembrança é, geralmente, vista como uma carga, um peso vindo do passado para nos gerar mais angústia e melancolia (1998):

Lembro-me de ter sido uma vez uma criança. Isso é tudo. A memória não me ajuda a reencarnar a suavidade do sonho da vida. Antes, vejo-me gemendo sob os fragmentos do pensamento do que diante dele. Nada sobrevive ao tempo em que esperávamos pelo sentido... (Cioran, 1998, p. 63).

Melhor a lembrança leve, quase poética de observar as ondas do mar que vão e vêm, sempre desiguais e novas, no movimento do refazer, das águas que não desviam dos seus pés imersos, afinal, eles não perturbam ou proíbem os movimentos. Assim também com as lembranças.

Não radicalizemos, como fez Cosimo Piovasco di Rondò, o barão nas árvores, escrito por Calvino (2012), que ao discutir com seu pai resolve viver no topo das árvores por décadas, e estes são momentos com os quais se pode refletir acerca da liberdade, da lealdade, do amor, da revolta e, principalmente, da relação entre o indivíduo e a sociedade.

Que o presente imediato não nos proíba de re-viver momentos com a dimensão e sentimentos que a liberdade ensaística nos permite.

Agênese compartilhada de um Programa de Pós-graduação paulista

Sorocaba, interior do Estado de São Paulo, ano de 2006 na Universidade de Sorocaba. Professores das áreas da Comunicação, Educação e Letras e a Pró-reitora de Pesquisa, agitam-se para propor à CAPES um Programa de Mestrado Interdisciplinar. Contudo, atendendo orientações indicadas pela comissão de área, a estrutura e o corpo docente permanente sofrem alterações, “migrando” para a Comunicação, sendo que a área de concentração passou a ser Comunicação e Cultura com duas linhas de pesquisa: *Análises de Processos e Produtos Midiáticos e Teorias da Comunicação*.

Nesses momentos iniciais, antes mesmo da aprovação com a nota 3, a presença e a participação do Prof. Dr. José Marques de Melo acontecem de forma efetiva, indicando caminhos futuros, reafirmando o acolhimento de mais um

programa na Comunicação no estado de São Paulo e no Brasil. Quando a nota é atribuída com aprovação, a responsabilidade e o comprometimento dos participantes são cobrados, mas houve o apoio de uma retaguarda segura.

O programa caminha, aprende, apreende o fazer da área. Orientadoras e orientadores advindos de uma proposta interdisciplinar adequam seus trabalhos e pesquisa para atender à área de concentração e às linhas de pesquisa indicadas no projeto. Naquele momento, é algo novo para muitos deles, teoricamente fazia sentido, mas a prática cotidiana muitas vezes demonstrava a dificuldade de seguir essa regra básica.

Em 2007 acontece, na Universidade de Sorocaba, Campus Seminário, local de funcionamento do PPG Comunicação e Cultura, o *II Fórum Nacional em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação* (Endecom 2007).

Trazer o evento de dois dias para o interior de São Paulo, em um programa debutante, demonstrou um posicionamento político importante, integrativo e ao mesmo tempo questionador dessa relação entre graduação e pós-graduação no país, diante dos desafios que se impunham para a Educação no começo de um novo século. Então, ainda não se falava em *networking*, *coworking*, mas já se vislumbrava, na esteira de Manuel Castells (1999), a sociedade em rede na qual a área de Comunicação pudesse dialogar e se integrar.

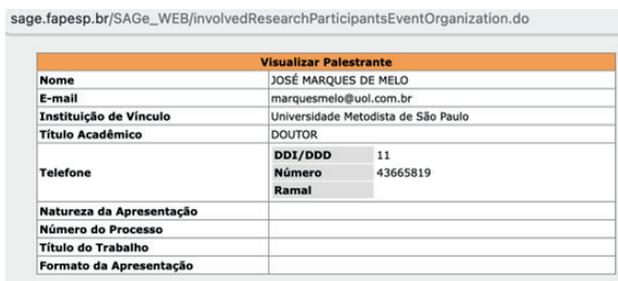
Na mesa redonda do primeiro dia de eventos, o Prof. Dr. José Marques de Melo pôde discorrer relativamente de suas experiências, perspectivas e expectativas de como integrar graduação e pós-graduação, tema cuja sua expertise acumulava desde a década de 1970, quando na Universidade de Wisconsin fez seu pós-doutorado pesquisando acerca dos cursos de pós-graduação nos Estados Unidos, já pensando em como implantá-los no Brasil. Os debates desse evento ainda consideraram a

implantação da TV digital no país, como um dos focos daqueles momentos.

Ainda nesse ano de 2007, acontece o *I Congresso Regional de Mídia, Comunicação e Cultura* na Universidade de Sorocaba, entre os dias 28 de novembro e 01 de dezembro, que contou com a presença do Prof. Dr. José Marques de Melo como palestrante na mesa do dia 29 de novembro, momento em que abordou os gêneros jornalísticos e suas cinco vertentes: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário ou de serviços e o diversional; na qual também incluiu suas experiências pessoais para ilustrar alguns pontos que considerava necessário clarificar ao público formado, na sua maioria, por alunos de graduação e pelos primeiros alunos e alunas de pós-graduação em comunicação.

Nesse evento tivemos a oportunidade de organizar e ser responsável pelo convite e vinda dos professores convidados, inclusive um professor argentino. Nessa ocasião, constatamos, mais uma vez a prontidão e a delicadeza com que o Prof. Dr. José Marques de Melo atendia as solicitações de dados, temática, resumo para enviar para a FAPESP. A seguir um pop-up gerado pelo Sage FAPESP, com a indicação do professor:

Figura 2 - Pop-up gerado pelo Sage Fapesp, com a indicação do Prof. Dr. José Marques de Melo



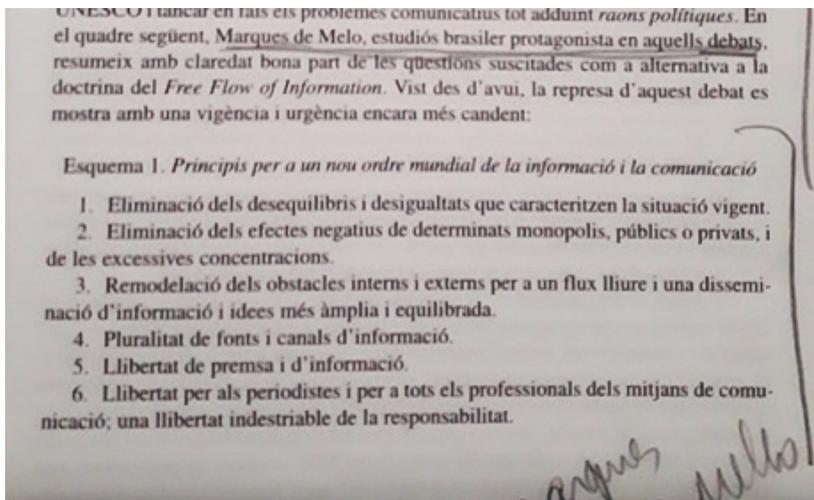
sage.fapesp.br/SAGE_WEB/involvedResearchParticipantsEventOrganization.do

Visualizar Palestrante		
Nome	JOSÉ MARQUES DE MELO	
E-mail	marquesmelo@uol.com.br	
Instituição de Vínculo	Universidade Metodista de São Paulo	
Título Acadêmico	DOUTOR	
Telefone	DDI/DDD	11
	Número	43665819
	Ramal	
Natureza da Apresentação		
Número do Processo		
Título do Trabalho		
Formato da Apresentação		

Fonte: Sage Fapesp.

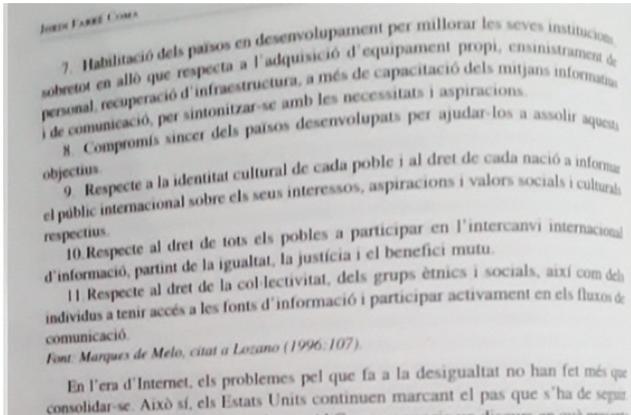
Desse momento da primeira década do século XXI, gostaríamos de destacar uma citação de Jordi Farré Coma em seu livro de 2005 em língua catalã, *Invitació a la teoria de la comunicació*, lembrando que uma das linhas de pesquisa do PPG era de Teorias da Comunicação, da qual este autor participava. Pois bem, e eis que folhando o livro, encontramos um quadro “Marques de Melo, estudioso brasileiro, protagonista naqueles debates, que resume com clareza boa parte das questões suscitadas como alternativa a doutrina do *Free Flow of Information*” (Farré Coma, 2005, p. 19, tradução nossa). Ele se referia ao debate promovido pela Unesco intitulado “Um só mundo, múltiplas visões” da Comissão para Estudos dos Problemas da Comunicação. A seguir, na Figura 4, uma imagem do livro, em catalão, com nossas anotações:

Figura 4 - Princípios para uma nova ordem mundial da informação e comunicação



Fonte: Imagem do Livro *Invitació a la teoria de la comunicació* 2005, p. 19.

Figura 5 - Princípios para uma nova ordem mundial da informação e comunicação



Fonte: Imagem do Livro *Invitació a la teoria de la comunicació* 2005, p. 20.

As anotações trazem as recordações de salas de aula, nas quais podíamos destacar o papel desempenhado pelo professor nos grandes debates contemporâneos demandados pela comunicação. Isso nos remete a Ricoeur que, ao investigar o funcionamento da memória no contexto histórico e explorar de que forma a identidade pessoal se constrói por meio da narrativa e da memória, defende que tanto a memória individual quanto a coletiva são fundamentais para a construção da identidade e para a compreensão do passado,

[...] lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la “fazer” alguma coisa. O verbo ‘lembrar-se’ faz par com o substantivo ‘lembrança’. O que esse verbo designa é o fato e que a memória é ‘exercitada’ (Ricoeur, 2007, p. 71).

Assim, Ricoeur enfatiza a natureza ativa da memória, na qual lembrar não é apenas receber informações do passado,

mas também envolve uma ação deliberada e uma transformação da lembrança em uma forma significativa de conhecimento e do reconhecimento que valida o exercício feito.

Conversando com colegas da área, eles são unânimes em reafirmar como as suas identidades de pesquisadoras e pesquisadores foram construídas também pelas teorias e propostas metodológicas desenvolvidas em tantos anos de carreira pelo Prof. Dr. José Marques de Melo. “Além do mérito acadêmico nas funções de professor, pesquisador e autor, Prof. Marques de Melo detinha duas virtudes que o diferenciavam de seus pares: a liderança carismática e a capacidade de conciliação”, nos afirmou o Prof. Dr. Paulo César Boni, do Departamento de Comunicação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), vencedor do Prêmio José Marques de Melo 2017, na categoria maturidade acadêmica regional.

Um destaque feito pelo Prof. Dr. Boni, que merece sempre ser citado é que:

Ele trabalhava muito e punha todos ao seu redor para também trabalharem. Se alguém lhe apresentasse um artigo, ele já mostrava a importância dessa pessoa conversar com outros pesquisadores, convencê-los a produzir outros artigos norteados pela mesma temática e, juntos, publicarem uma coletânea em forma de livro. Se alguém, de qualquer parte do Brasil, lhe comunicasse que estava desenvolvendo um trabalho em algum gênero específico do jornalismo, ele já convencia essa pessoa a promover, em sua cidade, um fórum, seminário ou congresso sobre essa especificidade. Era surpreendente a facilidade com a qual colocava todos a trabalharem em pró da comunicação social. E as pessoas trabalhavam felizes, se sentindo abençoadas por sua liderança carismática.

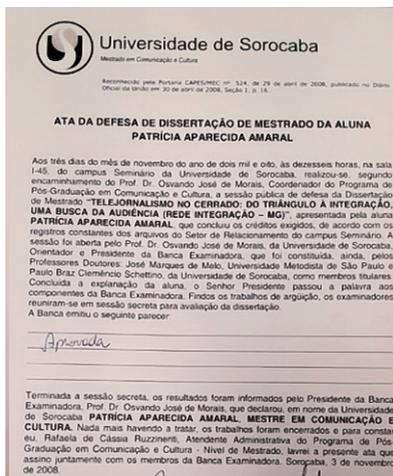
Era uma pessoa que sabia argumentar, contrapor, mas,

principalmente, ouvir o que as pessoas tinham a dizer. Acreditava no diálogo, vivia aparando arestas e buscando consenso. Por diversas vezes, com maior ou menor intensidade, houve divergências na condução da Intercom. Nada mais natural para uma entidade que reunia centenas de professores (centenas de modos de pensar, centenas de opiniões diferentes) de todas as cinco regiões do Brasil. Nesses momentos, prevalecia a capacidade de conciliação do Prof. José Marques de Melo. Por seu trabalho, sua atuação e sua capacidade de mediação, era um profissional respeitadíssimo e uma pessoa muito bem quista por todos (Boni, 2023).

Em Sorocaba, no PPG Comunicação e Cultura, nossa impressão era a mesma, admiração e espanto pela sua capacidade de nos fazer ir adiante, vencer nossa insegurança de programa iniciante e alçarmos um voo, não individual, mas em parceria com os demais colegas dos programas brasileiros e internacionais que pudessem dialogar conosco.

Outra contribuição do Prof. Dr. José Marques de Melo em Sorocaba foi a participação na banca examinadora de qualificação e final de uma das primeiras mestrandas a concluir o seu curso e apresentar a dissertação em 2008 com o título “Telejornalismo no Cerrado: do Triângulo à Integração, uma busca da audiência (Rede Integração - MG)”, Patrícia Aparecida Amaral.

Figura 6 - Ata da Defesa de dissertação



Fonte: Arquivo PPG Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

As emoções das primeiras dissertações apresentadas em um Programa de Pós-Graduação permanecem gravadas na memória como uma vitória coletiva, enriquecidas significativamente pela presença e contribuições dos convidados externos.

Ainda nesse ano de 2008, com a parceria da editora da Universidade de Sorocaba (EDUNISO) e a editora Provocare, foram lançadas duas obras: *Caleidoscópio Chinês - Comunicação, Educação e Turismo na Nova China* e *A Batalha da Comunicação*.

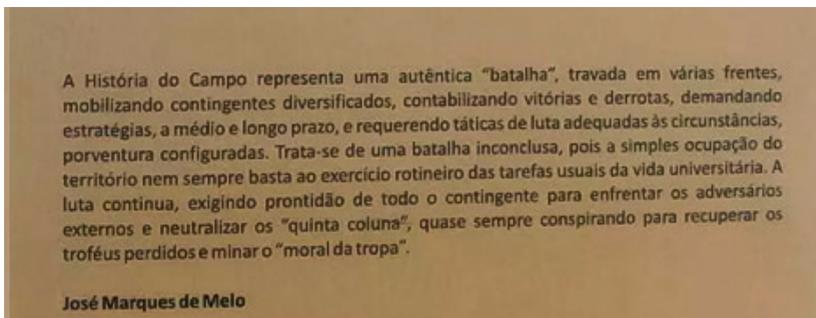
Figura 7 - Capas dos livros
Caleidoscópico Chinês e *A Batalha da Comunicação*



Fonte: foto dos autores.

Essa singela contribuição da Universidade de Sorocaba para sua bibliografia que atinge mais de 170 obras, entre publicadas, organizadas ou editadas por ele, reforça o que já vínhamos falando acerca de sua capacidade de movimentar pessoas para um trabalho em parceria com o intuito de fazer avançar ainda mais o campo da Comunicação. O título “A batalha da comunicação” retrata bem esse intuito, nas palavras do próprio autor:

Figura 8 - Contracapa da obra *A batalha da Comunicação*



Fonte: autoria própria.

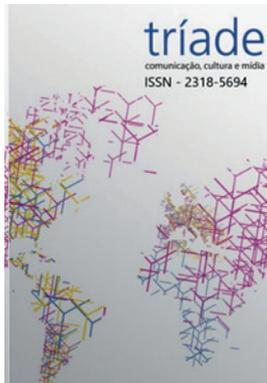
“A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, nos ensinou, em 1976, Yves Lacoste. Uma guerra epistemológica que as geografias da comunicação podem fazer na contemporaneidade. Com essa proposta, o Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação atuando na Intercom propôs e publicou o dossiê *Geografias da Comunicação na Revista Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, em 2014.

Na ocasião, como membros do GP Geografias da Comunicação e organizadores, contatamos o Prof. Dr. José Marques de Melo para participar com um artigo e ele nos brindou, como era de sua rotina de trabalho, com um artigo novo, inédito e percorrendo a historiografia da geografia da comunicação brasileira para chegar ao nosso grupo da Intercom:

[...] 2008 ocorre a institucionalização da interdisciplina, com a criação do Grupo de Pesquisa dedicado à Geografia da Comunicação. A Intercom atestou formalmente a importância adquirida pela Geografia no âmbito brasileiro das ciências da comunicação. Sob a liderança de Sonia Virginia Moreira, o novo espaço dá continuidade às ações históricas da nossa comunidade acadêmica, fomentando o diálogo entre geógrafos e comunicólogos (Moreira, 2007 apud Marques de Melo, 2008, p. 8).

Foi um dossiê que contou com a participação de comunicólogos, geógrafos, artistas plásticos, arquitetos, que vislumbraram a possibilidade do diálogo entre as áreas, suas espacialidades, territorialidades. Vislumbraram o que sintetizamos no editorial: “Geografias da Comunicação. Esta última equaciona sua própria natureza multidisciplinar a agregar estudos que justificam esse prefixo tão usado hoje nos discursos. Porém, de difícil aplicação quando se trata de dialogar interáreas” (Silva, 2008, p. 7). A imagem a seguir ilustra a capa do volume citado:

Figura 10 - Capa da *Revista Tríade Comunicação, Cultura e Mídia*



Fonte: autoria própria.

Nosso rememorar chega ao final, temos a limitação dos espaços e dos tempos de nossos afazeres. Mas, se o espaço editorial delimita um fim, a memória continua a trazer suas imagens e a construir outros textos, intertextos, pretextos para novas lembranças e novas memórias.

No poema “Esperança é a coisa com penas” Emily Dickinson (2014) nos faz voar, pois a esperança é como uma criatura alada, que pousa delicadamente na alma humana, trazendo consigo uma melodia suave e etérea. Ela permanece firme, mesmo nos momentos mais difíceis, como uma guia confiável que nos acompanha em meio às tempestades da vida. Sua presença, embora silenciosa, ecoa profundamente em nossa essência, iluminando os recantos mais escuros com uma luz suave e imortal. O poema diz:

A esperança é a coisa com penas
Que empoleirada na alma,
Canta a melodia sem palavras,
E nunca para,
E mais doce na ventania é ouvida;

E dolorida deve ser a tempestade
Que poderia abater o passarinho
Que manteve tantos aquecidos.
Eu a ouvi na terra mais gelada,
E no mar mais desconhecido;
No entanto, nunca, nos extremos,
Ela pediu uma migalha a mim.
(Dickinson, 2014, p. 73)

E esse voo da esperança e nunca nos extremos nos ensina a perseverar pelo que se acredita provável, possível de ser feito em conjunto com os pares encontrados pelos caminhos.

Por estes caminhos andamos e eis que avistamos o Prof. Dr. José Marques de Melo, acompanhado de Walt Withman, a nos dizer o início da Canção de mim mesmo, do poeta estadunidense: “Eu celebro a mim mesmo/ E o que eu assumo você vai assumir/ Pois cada átomo que pertence a mim pertence a você” (2005, p. 61).

Obrigado Professor. Grande abraço!

Referências

Amaral, P. A. **Telejornalismo no Cerrado: do Triângulo à Integração, uma busca da audiência** (Rede Integração – MG) Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, 2008. Disponível em: <uniso.br/mestrado-doutorado/comunicacao-e-cultura/dissertacoes/2008/patricia-amaral.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

Boni, P. C. **Entrevista online Prêmio José Marques de Melo de Maturidade Acadêmica**. WhatsApp, 15 out. 2023, 6,59h, 1 mensagem WhatsApp.

Calvino, Í. **Barão nas Árvores**. tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Castells, M. **A sociedade em Rede**, Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Cioran, E. M. **Breviario de los vencidos**. Traducido del rumano por Joaquín Garrigós. Madrid: tusquets editores, 1998.

Dickinson, E. **Duzentos poemas**. Tradução de Ana Luísa Amaral, Porto: Relógio D'Água, 2014.

Farré Coma, J. **Invitació a la teoria de la comunicació**. Valls: Cossetània edicions, 2005.

Marques de Melo, J.; Adghirni, Z. L. **Caleidoscópico Chinês-Comunicação**. Educação e Turismo na Nova China. São Paulo, Sorocaba: Intercom, EdUniso e Provocare, 2008.

Marques de Melo, J. **A Batalha da Comunicação**. Sorocaba: Provocare e EdUniso, 2008. 308p.

Marques de Melo, J. **Geografia da comunicação**: itinerário brasileiro. Triade: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, SP, v. 2, n. 3, 2014. Disponível em: <periodicos.uniso.br/triade/article/view/1929>. Acesso em: 19 out. 2023.

Ricoeur, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

Da Silva, P. C. Editorial. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 2, n. 3, 2014. Disponível em: <periodicos.uniso.br/triade/article/view/1932>. Acesso em: 19 out. 2023.

Whitman, W. **Folhas de relva**: a primeira edição. Trad. Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2005.

JMM e os eventos científicos no interior paulista: parcerias com as Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)

Ieda Cristina Borges

Sérgio Barbosa

Introdução

A pesar dos benefícios evidentes, a eficácia da comunicação na promoção da saúde pública também enfrenta desafios significativos. A disseminação de informações incorretas e a desigualdade no acesso à tecnologia são questões que requerem abordagens cuidadosas e inclusivas.

A integração dos sistemas de comunicação e tecnologias de informação no campo da Saúde Pública é uma tendência inevitável na sociedade contemporânea. Ao reconhecer e abordar os desafios associados a essa evolução, é possível avançar em direção a uma população mais saudável e bem-informada. A promoção da saúde como um bem coletivo depende, em grande parte, da habilidade de utilizar de forma eficaz os recursos comunicacionais disponíveis.

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (Brasil, 2001a). O direito à informação pública está expresso na Constituição de 1988 (Brasil, 2001a, p. 20). O artigo 5º afirma: “todos têm direito de receber dos órgãos públicos

informações de seu interesse particular ou de interesse coletivo/geral, sob pena de responsabilidade”.

A implementação da promoção de saúde, concebida após extensos debates nas conferências promovidas pela Organização Mundial da Saúde (Alma Ata/1977 e Ottawa/1986), e marcada pelo surgimento da Carta de Ottawa, representou um avanço significativo na saúde pública a nível global. Contudo, no âmbito nacional, a operacionalização das ações em Comunicação e Educação para a saúde, com ênfase na interação entre serviços e comunidade, continua a ser um desafio. Apesar da vasta e diversificada literatura existente no país, ainda se observa uma lacuna entre a teoria e a prática. Muitas vezes, tais momentos e os documentos resultantes deles têm sido utilizados principalmente para preservar a ideia de saúde para todos, sem uma efetiva concretização da promoção da saúde (Borges, 2015).

Diante desse desafio de garantir uma comunicação eficaz de ações de promoção e prevenção à saúde, foi idealizada e realizada pela Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, sob a batuta do professor José Marques de Melo, a Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde (COMSAÚDE). Neste trabalho, fazemos um resgate histórico, por meio de pesquisa documental nos Anais das Conferências, de duas edições (1999 e 2000) que foram promovidas pela Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI), eventos que promoveram, à época, não apenas a visibilidade dos debates sobre comunicação e saúde, mas também o fortalecimento e a descentralização do ensino, da pesquisa e da extensão para instituições localizadas no interior do país.

COMSAÚDE: contexto histórico e princípios

A partir de 1998, como resultado da pesquisa apresentada como *Projeto Comsalud*, executada em 1997, com

o apoio a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), surge a COMSAÚDE visando a investigação do papel da mídia frente aos desafios da saúde para os países latino-americanos. Neste contexto, os eventos foram realizados, anualmente, sempre em parceria com outras instituições acadêmicas, criando condições para uma reflexão entre a teoria e a prática nas áreas da Comunicação e da Saúde em tempo de globalização.

A COMSAÚDE, uma iniciativa da Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, teve seu início em 1998 e a partir daquele ano houve a tentativa de realizar anualmente tais encontros, sempre em parceria com outras instituições acadêmicas, priorizando a proposta inicial e a metodologia de trabalho, ou seja, criando condições para uma reflexão entre a teoria e a prática nas áreas da Comunicação e da Saúde em tempo de globalização.

A I COMSAÚDE: Mídia e Saúde Pública aconteceu no campus da UMESP entre os dias 21 e 23 de outubro de 1998. Participaram desta primeira iniciativa de evento 30 pessoas, entre pesquisadores, palestrantes e ouvintes, sendo que, os temas foram os seguintes: 1. Projeto COMSALUD; 2. A Saúde e a Mídia; 3. A Importância da Comunicação em Projetos de Saúde; 4. Projetos Latino-Americanos de saúde e Comunicação; 5. Propostas de Currículo Acadêmico de Comunicação para a Promoção da Saúde; Um *workshop*: Jornadas Universitárias em Saúde Reprodutiva e uma Mesa-redonda: O papel da Comunicação na promoção da Saúde.

A II COMSAÚDE: Comunicação e Saúde Comunitária realizou-se entre os dias 10 e 12 de novembro de 1999, na Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI) e contou com aproximadamente 50 pesquisadores/palestrantes divididos em 7 grandes temas: 1. Saúde na Televisão e no Rádio; 2. Mobilização Comunitária para a Saúde; 3. Pontos de Excelência no Brasil; 4.

Saúde na Imprensa Escrita; 5. A Ética na Informação da Saúde; 6. Saúde “on-line”; 7. Mídia, Saúde, Mulher e Violência. Participaram desta COMSAÚDE um total de 4.000 pessoas durante os três dias do evento, entre alunos, professores, convidados e pessoas da comunidade local e regional que prestigiaram as palestras, reforçando assim, o universo glocal, isto é, do global para o local.

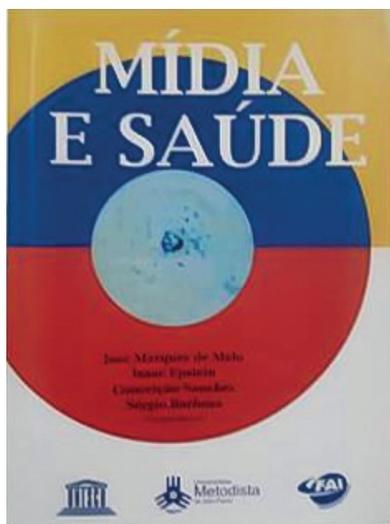
No ano seguinte, aconteceu, novamente, no Campus da FAI, a III COMSAÚDE: Comunicação e Promoção da Saúde, durante os dias 6, 7 e 8 de novembro de 2000. Esta conferência apresentou aos participantes três grandes temas, duas mesas redondas e quatro grupos temáticos com subtemas. Temas centrais: 1. A importância da Comunicação na Promoção da Saúde; 2. Comunicação e Saúde Pública e 3. Saúde na Mídia; Mesas redondas: 1. Políticas Públicas: Comunicação e Saúde e 2. Assessoria de Imprensa em Instituições Científicas. A participação com aproximadamente 1.200 inscrições ao evento, grande parte alunos e alunas das áreas de saúde da instituição (Fisioterapia, Farmácia, Nutrição, Enfermagem, Odontologia e Ciências Biológicas), além dos alunos dos cursos de graduação em Publicidade e Propaganda, Direito, Pedagogia, História, Geografia e Letras.

Nesta III COMSAÚDE, a comissão organizadora abriu o evento para apresentação de trabalhos de pesquisa nas áreas afins aos interesses da COMSAÚDE, totalizando desta forma, 60 trabalhos aprovados para compor os Grupos de Trabalho (GTs). Eles foram divididos em subtemas para facilitar o andamento e organização, tais como: Grupo I - A Comunicação Interpessoal (face a face) na Saúde; e Grupo I-B A Ética na Comunicação da Saúde. Grupo II - O Papel da Comunicação nos Grupos de Excelência; Grupo III - A Comunicação e Saúde Pública: A Cultura da Saúde. Grupo III-B Comunicação e Saúde Pública - Sistemas de Informação em Saúde. Grupo III-C Comunicação

e Saúde Pública: o Papel da Comunicação nas Epidemias e nas Endemias. Grupo IV - A: Saúde na Mídia: Saúde na Imprensa. Grupo IV-B Saúde no Rádio e TV.

Os anais com os trabalhos dos três primeiros eventos, organizados em parceria com a FAI, foram apresentados na obra *Mídia e Saúde* (Figura 1). As conferências “colocam a comunicação no plano que merece nas questões de saúde, isso é, em primeiro plano”, afirma o pesquisador Isaac Epstein, no texto de introdução da obra (Marques De Melo *et al.*, 2001, p.29).

Figura 1 - Obra *Mídia e Saúde*



Fonte: Marques de Melo et al., 2001.

Marques de Melo e Pessoni (2010) traçam um itinerário da evolução histórica da pesquisa em Comunicação e Saúde:

Foi sem dúvida, a pesquisa sobre difusão de inovações agrícolas (década de 40) que abriu

as portas do campo comunicacional, até então circunscrito aos estudos mercadológicos da mídia massiva (Lazarsfeld, anos 20) e seus usos políticos (Lasswell, anos 20-30), para a compreensão dos processos de persuasão social (saúde e educação). Salvo melhor juízo, o deslanchar da disciplina Comunicação aplicada à saúde vai se dar somente na década de 50, a partir do clássico estudo sobre o fracasso de uma campanha de saúde pública promovida na comunidade peruana Los Molinos. Trata-se da campanha da “água fervida” que encontrou fortes resistências culturais, muito bem relatada por Rogers, Everett no livro *Diffusion of Innovations*, New York, Free Press, 1961. Essa obra foi objeto de várias edições, revistas e atualizadas, sendo recomendável a consulta à 4ª. Edição (1995) (Marques de Melo, Pessoni, 2010, p.105).

Os autores comprovam os estudos sobre a interface Saúde e Comunicação com o detalhamento de cada edição COMSAÚDE até a sua última edição em 2010: IV COMSAÚDE (2001) com o tema *Comunicação para a saúde da família*; V COMSAÚDE (2002) com o tema *Saúde Pública na agenda midiática*; VI COMSAÚDE (2003) com o tema *Mídia, mediação e medicalização*; VII COMSAÚDE (2004) com o tema *Mídia, saúde e alimentação*; VIII COMSAÚDE (2005) com o tema *Mídia e ambiente de trabalho*; IX COMSAÚDE (2006) com o tema *Informação, saúde, cibercultura: mutirão para promover hábitos saudáveis*; X COMSAÚDE (2007) com o tema *Envelhecimento bem-sucedido*; e a última edição realizada: a XI COMSAÚDE (2008), com o tema *Comunicação, saúde e gênero* (Borges, 2015).

A proposta da COMSAÚDE é de colocar esses dois tipos de agentes em diálogo, fazendo com que os comunicadores possam entender a natureza dos problemas médico-sanitários e, ao mesmo tempo, os profissionais de saúde conheçam melhor o sistema midiático, para que possam interagir em proveito

da opinião pública. O entendimento entre as duas áreas pode contribuir de forma decisiva em questões prioritárias para a sociedade (Borges, 2015).

Marques de Melo (2010) destaca a dualidade da Comunicação e Saúde na América Latina, com destaque nas décadas de 70-90 do século passado, primeiramente, com as campanhas de controle da natalidade e depois com as campanhas de prevenção às drogas. Na primeira década do século XXI, a sociedade contemporânea tem testemunhado uma crescente dependência dos sistemas de comunicação e das tecnologias de informação. Incorporar essas novas perspectivas no âmbito da saúde pública representa um passo crucial rumo à materialização da concepção de saúde como um bem coletivo, visando uma população mais saudável por meio de estratégias de comunicação eficazes.

Ademais, é imperativo destacar que essa evolução transcende a mera dependência tecnológica. Ela abre portas para uma abordagem integrada e proativa na promoção da saúde pública. A comunicação, quando utilizada de maneira estratégica, pode ser uma ferramenta poderosa para disseminar informações essenciais sobre práticas saudáveis, engajar a comunidade e fomentar uma cultura de bem-estar coletivo. Neste cenário, é fundamental investir em políticas e práticas que fortaleçam a literacia em saúde, promovendo a autonomia dos indivíduos na tomada de decisões relativas ao seu próprio bem-estar.

Esta nova abordagem não só empodera os cidadãos, mas também colabora para a redução de disparidades de saúde, ao ampliar o acesso à informação e aos recursos necessários para a manutenção de um estilo de vida saudável. Em última análise, a interseção entre a evolução tecnológica e a saúde pública oferece uma oportunidade única de transformação positiva na

sociedade, alinhada com a visão de um futuro mais saudável e equitativo para todos.

José Marques de Melo: cidadão adamantinense

Adamantina, localizada na área geográfica conhecida por Nova Alta Paulista, distante aproximadamente 600 km da capital do estado tem proximidade com os estados do Paraná (200 km) e Mato Grosso do Sul (200 km). Destaca-se em sua economia a área de ensino superior regional com a instituição municipal Centro Universitário de Adamantina (FAI), além das diversas escolas nas áreas do ensino fundamental, médio e técnico (estaduais e particulares), bem como infraestrutura nas áreas comercial, industrial, agricultura e pecuária.

A autarquia municipal iniciou em 1968 como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Adamantina (FAFIA). Em 1999, aconteceu a unificação das faculdades FAFIA e FEO, surgindo assim, as Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI), que sediou as duas COMSAÚDE de 1999 e 2000. Em 2017, a faculdade foi reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) como Centro Universitário de Adamantina, contando com mais de 30 cursos de graduação, além de pós-graduação lato sensu, além de realizar diversos cursos de extensão e aperfeiçoamento para atendimento da comunidade acadêmica e das demandas regionais.

Em colaboração com a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, a Instituição promoveu duas edições da Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde (COMSAÚDE), aproximando-se muito do professor José Marques de Melo. Sua parceria com as Faculdades Integradas Adamantinenses e sua presença constante na organização e na realização das conferências, resultou em uma homenagem local: o título de “Cidadão Adamantinense”.

Em 31 de março de 2006, o Professor Doutor José Marques de Melo, Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) à época e titular da Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, recebeu a homenagem por relevantes serviços prestados à região (Portal Metodista, 2006). A solenidade aconteceu na Câmara dos Vereadores de Adamantina, presidida por Osvaldo Fiorillo, tendo outros vereadores e convidados na composição da mesa: a vice-prefeita da cidade, o coordenador do Departamento de Comunicação Social, Prof. Me. Sérgio Barbosa e o Diretor Geral, Prof. Dr. Gilson João Parisoto. A solenidade teve participação de convidados da comunidade adamantinense nesta reunião política e acadêmica.

Em seu discurso, o professor Marques de Melo destacou as conquistas que a UNESCO alcançou em parceria com a FAI desde 1999, principalmente em eventos importantes no cenário nacional e mundial, como a realização de conferências, colóquios e encontros voltados à pesquisa midiática brasileira no contexto comunicacional internacional. O catedrático ainda lembrou, aos presentes, que Adamantina está com ele desde os anos 1960, quando recebeu um convite para trabalhar na cidade como professor de geografia, reforçando, assim, que o compromisso dele com a cidade ultrapassava décadas. A indicação para a outorga do título de “Cidadão Adamantinense” ao catedrático Marques de Melo ocorreu pelo vereador Claudemir Cobo, respaldado pelos demais colegas, neste importante ato de cidadania para Adamantina e região da Nova Alta Paulista.

Conclusão

Os estudos promovidos nas Conferências Brasileiras de Comunicação e Saúde demonstram a relevância dos meios de comunicação como oportunidades significativas de

atuarem como instrumentos tanto na facilitação dos processos educacionais entre os serviços de saúde e a população, quanto na promoção do resgate e exercício da cidadania. Diversos estudos indicam a necessidade de avaliar a capacidade dos três principais agentes envolvidos no processo de comunicação: profissionais de saúde (produtores), comunicadores (divulgadores) e o público (cidadãos/ouvintes/usuários) para adaptarem à criação de conteúdo (mensagem), dada a discrepância nas culturas profissionais desses participantes na prática comunicacional.

Dentro da perspectiva da Saúde Pública, surge a oportunidade de um diálogo que aborda a identidade e o escopo da Comunicação, visando à exploração dos pontos de convergência entre esses dois campos. Dessa forma, ao promover uma nova visão da prevenção e promoção dos valores da Saúde, os eventos realizados na FAI em Adamantina, contribuíram para uma nova perspectiva local e regional sobre a interface Comunicação e Saúde.

Referências

Borges, I. C. **Saúde e comunicação no contexto de rádios educativas**: desafios na gestão. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.6.2015.tde-20032015-110414. Acesso em: 2023-10-23.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** [recurso eletrônico]: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 85/2015 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2015.

Brasil. **Promoção da Saúde**: Declaração de Alma-Ata, Carta de Ottawa, Declaração de Adelaide, Declaração de Sundsvall, Declaração de Santa Fé de Bogotá, Declaração de Jacarta, Rede de Megapaíses e Declaração do México. Brasília: Ministério da Saúde, 2001b.

Bueno, W. C. **Comunicação para a Saúde**: uma experiência brasileira. São Paulo, Plêiade, Unimed-Amparo, 1996.

Marques de Melo, J. *et al.* **Mídia e Saúde**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2001.

Marques de Melo, J.; Pessoni, A. Comunicação e saúde pública em processos de desenvolvimento sustentável. **Epoca II – Estudos sobre las culturas contemporáneas, vol. XVI**. N. 31, Colima, Verano 2010, p. 95-112.

Portal Metodista. Prof. José Marques de Melo recebe título de Cidadão Adamantinense, **Portal Metodista**, 03/04/2006, 10h27. Disponível em: http://portal.metodista.br/noticias/2006/03/news_1651. Acesso em: 20 fev. 2023.

Um dia na Imprensa Brasileira: memórias pessoais e afetivas ligadas ao professor José Marques de Melo

Laianny Martins Silva Efel

Introdução

Ao longo da nossa vida acadêmica nos são apresentados grandes teóricos, e no campo jornalístico não é diferente. Ao ingressar no curso de Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Goiás), no ano de 2007, não demorou muito para que eu pudesse acessar as obras de José Marques de Melo, referência nessa área, não só no Brasil como na América Latina. Observa-se que a adoção da perspectiva teórico-metodológica de Marques de Melo nas faculdades brasileiras é de extrema relevância. Posto isto, o tempo passou, e o interesse pela academia e pela pesquisa só reforçou o desejo de continuar os estudos no meio acadêmico.

Porém, foi no Mestrado em Comunicação, cursado na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), no período de 2015 a 2017, vinculado à Universidade Federal de Goiás (UFG), que eu teria uma das maiores, acredito que seja a maior, oportunidade da minha vida acadêmica: participar da pesquisa *Um Dia na Imprensa Brasileira: estudo de Jornalismo Comparado*, proposta por José Marques de Melo, por meio do Instituto de Ciências da Informação, através da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Trata-se de memórias pessoais e afetivas relacionadas ao professor e pesquisador José Marques de Melo, cuja trajetória intelectual é indiscutível para o jornalismo brasileiro. A partir da pesquisa *Um dia na Imprensa Brasileira- memórias afetivas*, realizada no ano de 2015, lembrança que habita minha memória desde o dia 14 de abril de 2015, momento em que li o e-mail, na época da minha orientadora, com o “chamado” para integrar o grupo de pesquisa.

Neste trabalho será apresentado esse momento singular da minha vida na condição de acadêmica e pesquisadora do campo do jornalístico. Este texto traz de forma concisa a minha participação, pontuado como memórias pessoais e efetivas intrínsecas ao um dos maiores teóricos do jornalismo brasileiro, na pesquisa idealizada por Marques de Melo.

Interessa-me, neste trabalho, contextualizar minhas memórias pessoais e afetivas, considerando a oportunidade que nos foi concedida durante o Mestrado em Comunicação, pela UFG. Para tanto, foram utilizadas, além de toda a narrativa, as imagens apresentando não só frutos como o resultado dessa iniciativa de um dos maiores teóricos do jornalismo brasileiro: Marques de Melo.

As contribuições de José Marques de Melo

Conforme menciona Woitowicz e Fernandes (2018), é preciso considerar a trajetória, bem com as contribuições do teórico e professor José Marques de Melo, para campo da Comunicação pela “reconhecença” do pioneirismo e envolvimento, compromisso também com as demandas sociais. Corroboram os autores:

O professor sempre esteve à frente das iniciativas que contribuíram para o reconhecimento da comunicação como campo

científico. Fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e membro das mais importantes entidades científicas do Brasil e do exterior - Associação Iberoamericana de Comunicação (Ibercom), International Association for Media and Communication Research (IAMCR), Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), entre outras -, foi também idealizador de redes nacionais e internacionais de pesquisa, entre elas, a Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Woitowicz, Fernandes, 2018, p. 70).

Ainda, segundo os autores, Melo teve uma carreira nacional e internacional, e encarregou-se do papel enquanto intelectual, de promover o conhecimento teórico bem como a pesquisa empírica no campo jornalístico.

Corroboramos com Sousa (2008) ao dizer que Marques de Melo, decerto, no que tange o pensamento comunicacional e enquanto pesquisador moderno, é o mais distinto da América Latina, assim como no âmbito lusófono. E segue afirmando: “[...] realça-se a sua devoção à causa do Jornalismo como [sic] objecto de estudo científico, campo específico no seio da Comunicação e nobre [sic] actividade técnica e profissional, passível de ser ensinada e aprendida – aliás [...]” (Sousa, 2008, p. 1737).

De acordo com o autor, Marques de Melo é importante para o “universo” das Ciências da Comunicação, “[...] foi ele o primeiro autor a reconhecer a existência de uma escola de pensamento comunicacional latino-americana, fundada, conforme se deduz na leitura global do seu livro *Teoria da Comunicação*” (Sousa, 2008, p. 1738).

Ao mencionar *Estudos de Jornalismo Comparado*, Sousa (2008) o descreve como sendo:

Em *Estudos de Jornalismo Comparado*, obra para a qual contribuíram alunos de jornalismo

da Faculdade Cásper Líbero, José Marques de Melo usa as unidades noticiosas (as matérias jornalísticas informativas) como unidades para a análise de conteúdo, conforme sugerido pelos mentores ancestrais da análise de conteúdo como método científico, mas adapta o seu procedimento analítico à tonalidade brasileira, criando categorias de análise para destrinçar, por exemplo, os diferentes modos de expressão da opinião no jornalismo brasileiro, as várias formas de retratar a violência e os diferentes tipos de violência sugeridos pela mídia do Brasil, as fontes e as origens das informações, etc. Conseguiu, assim, descrever com rigor, comparativamente, o conteúdo profundo dos diários paulistas, de cinco revistas semanais ilustradas e ainda, no que respeita exclusivamente à violência, de doze jornais e três revistas de São Paulo e do Rio (Sousa, 2008, p. 1741).

Em uma rápida incursão na trajetória de Marques de Melo já é possível compreender, e não resta nenhuma dúvida, a sua relevância para o campo da Comunicação, bem como o que ele representa não só para o Brasil, mas como para a América Latina. Melo nos que deixa um grande legado para o campo jornalístico, bem como vários discípulos.

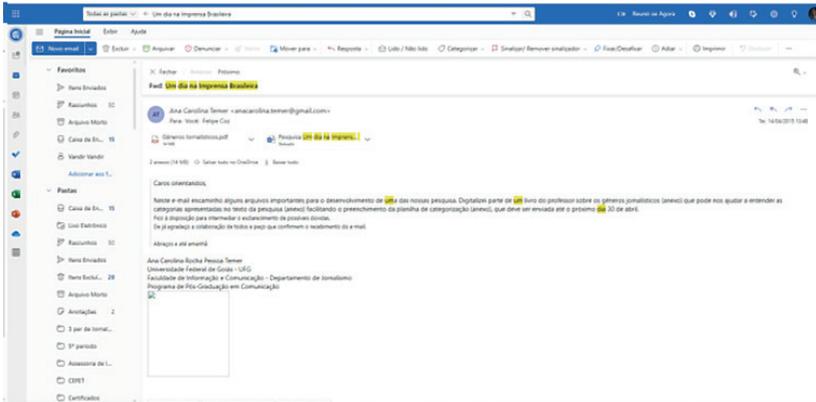
É a partir do então mencionado Estudos de Jornalismo Comparado, que seguimos com nossa missão de contextualizar minhas memórias pessoais e afetivas intrínsecas ao professor Marques de Melo.

Um dia na Imprensa Brasileira - memória em pauta

No dia 4 de abril de 2015 recebo na minha caixa de e-mail, intitulado - Um dia na Imprensa Brasileira, uma correspondência da minha então orientadora Ana Carolina Rocha Pessôa Temer, do Mestrado em Comunicação, pela Universidade Federal de Goiás (UFG): um 'chamado' para integrar o grupo de

pesquisadores voluntários – *Um dia na Imprensa Brasileira: um estudo de jornalismo comparado* —, uma iniciativa, e idealização, sob a coordenação de José Marques de Melo, uma realização da Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação e Instituto de Ciências da Informação (Icinform), conforme demonstra a Figura 1.

Figura 1 - E-mail de Chamamento



Fonte: Arquivo da autora.

Até então, algo que parecia tão distante da minha realidade, ao fazer um resgate na minha memória, o contato mais próximo com o professor Marques de Melo, se deu pelas suas obras estudadas e consultadas durante a minha graduação em Jornalismo, pela PUC-Goiás.

Alguns anos depois, e na condição de mestranda da UFG ter a oportunidade de integrar o Grupo de Pesquisadores, juntamente com professora Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, profissional pela qual tenho muita admiração e respeito, era um sonho de qualquer estudante/pesquisador da área de Jornalismo, sonho esse que eu estava prestes a realizar.

Posto isto, seguindo, conforme descrito no documento recebido – *Um dia na Imprensa Brasileira: estudo de jornalismo comparado*, trata-se de uma pesquisa a ser replicada 50 (cinquenta) anos depois da primeira versão realizada em 1966, em Recife, de um trabalho realizado pelo professor e pesquisador José Marques de Melo à época como pré-requisito empírico para a obtenção do Diploma de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, no Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina (CIESPAL).

Considerando a pergunta: “Passados 50 anos, emerge naturalmente a questão: o que mudou no jornalismo do nosso país?” (Temer, 2015, p.3). “Para corresponder a esse desafio, o Professor Marques de Melo consultou alguns colegas que o encorajaram a replicar o estudo, na tentativa de saber como se comporta a nossa imprensa diária na atualidade, comparando-a com o perfil esboçado em 1966” (Temer, 2015, p.3).

Para a pesquisa proposta deveria ser considerada a seguinte cronologia: data emblemática 17 de março de 2015; data referencial; e a data comparativa 17 de março de 2016.

Na perspectiva de Marques de Melo era chegada a hora de replicar o estudo, já que a primeira versão fora realizada há cinco décadas, com base na metodologia de jornalismo comparado elaborada pelos três autores:

Wilbur Schramm – *One Day in the World Press* (Stanford, 1957), Jacques Kayser – *Une semaine dans le monde* (Paris, Unesco, 1953) e Jorge Fernandez – *Dos Semanas en la Prensa de América Latina* (Quito, Ciespal, 1965), focalizando um período *normal* na vida cotidiana (Temer, 2015, p.3).

Em outras palavras, a proposição de Marques de Melo era compreender como a imprensa brasileira, responsável pela

comunicação diária, se comporta na contemporaneidade, visando contrastar o estudo proposto com o perfil delineado em 1966.

Conforme documento disponibilizado via e-mail – Um dia na Imprensa Brasileira, no decorrer do estudo comparativo, programado para o dia 17 de março de 2016, chegou-se à conclusão que poderia deparar-se com um “cenário imprevisito”. Segundo o informado no documento, na primeira versão da pesquisa, realizada, como mencionada anteriormente, em 1966, fora balizada pela “normalidade institucional”. [...] (tal como ocorrera nos clássicos estudos de Jacques Kayser – *Une semaine dans le monde* (Paris, Unesco, 1953) e *La Prensa Diária y la Comunidad Europea* (Quito, Ciespal, 1963), ambos focalizando dias típicos da vida cotidiana” (Um dia na Imprensa Brasileira, 2015, p.3).

Para tanto, o desenrolar dos acontecimentos no Brasil, naqueles dias, caminhava-se para um dia atípico, ou seja, para o dia 17 de março de 2015, no cenário político nacional, ao passo que expandia a concentração das forças oposicionista ao governo da então presidente Dilma Rouseff.

Diante da premente necessidade, e na perspectiva do professor Marques de Melo, fez-se essencial a alteração da data previamente estabelecida, e efetivar antecipadamente a pesquisa em 2015 em vez de 2016 – percebido como “ano de crise”, que significou, em outros termos, permitir, provisoriamente, a realização da pesquisa. Porém, foi definido ainda que no dia 17 de março de 2016, ano previsto, deveria voltar a realizar a pesquisa, na expectativa de ser um dia “normal” ou típico”

Em síntese, conhecer a amostra é importante para compreender os desdobramentos, bem como o que se propunha naquela pesquisa. Com base no documento norteador recebido, adaptamos nos Quadros 1 e 2 o que foi descrito como sendo o Mapa da Crise na Imprensa Diária do Brasil/2015 apresentado em sua composição.

Quadro 1 - Amostras Nacionais

AMOSTRAS NACIONAIS		
Amostra Referencial	Amostra Diacrônica	Amostra Sincrônica
Jornal do Brasil (RJ)	Diário de Pernambuco (PE)	Folha de S. Paulo (SP - Jornal de Prestígio)
Jornal do Comércio (PE)	Jornal do Comércio (RJ)	Super Notícias (BH - Jornal Popular)
Correio da Paraíba (PB)	O Estado de S. Paulo (SP)	Diário do Nordeste (FOR - Jornal macrorregional)
		NH - Novo Hamburgo (RS - Jornal microrregional)
		Valor Econômico (SP - jornal de economia)
		Lance - RJ - Jornal de Esportes

Fonte: Adaptação documento enviado por e-mail (2015).

O Quadro 2 toma como exemplo a Amostra Regional. Assim, se por um lado, estava a Amostra Nacional, no outro nos foram apresentados os jornais categorizados em: jornais de prestígio, jornais populares e jornais locais (cidades do interior), a serem pesquisados.

Quadro 2 - Amostra Regional

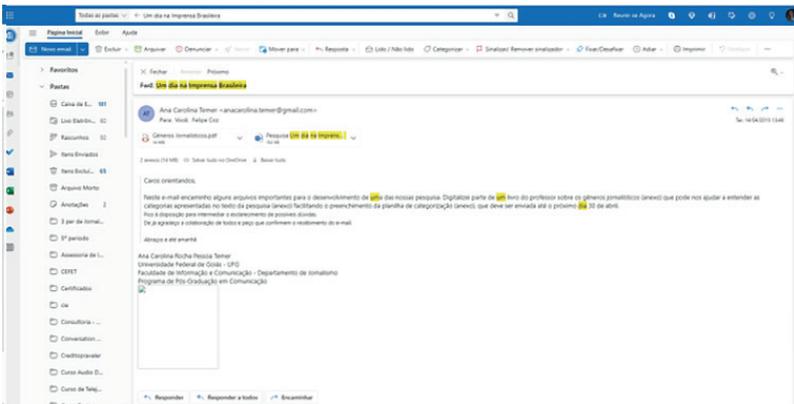
AMOSTRA REGIONAL		
Jornais de Prestígio	Jornais Populares	Jornais Locais (cidades do interior)
Diário do Pará (Belém)	Dez Minutos (Manaus)	Pioneiro Caxias do Sul (RS)
Correio (Salvador)	Aqui Pernambuco (Recife)	A Notícia Joinville (SC)
Correio Brasiliense (DF)	Daqui (Goiânia)	Folha de Londrina (PR)
O Globo (RJ)	Extra (RJ)	Correio Popular (Campinas/SP)
Zero Hora (RS)	Hora de Santa Catarina (Florianópolis)	Tribuna de Minas (Juiz de Fora MG)
		Diário do Grande ABC (SP)

Fonte: Adaptação documento enviado por e-mail (2015).

A consolidação da proposta desse documento se dá em jornais localizados por regiões brasileiras. Nessa lógica, conforme assinalamos anteriormente, o meu mestrado foi na Universidade Federal de Goiás (UFG), localizada em Goiânia. Isto posto, coube a mim, juntamente com mais um colega do Mestrado e nossa orientadora, Ana Carolina Temer, realizarmos a pesquisa no jornal da minha região, ou melhor, do meu estado, em Goiás – nesse caso, no *Jornal Daqui*, categorizado como jornal popular, com o *slogan Compacto até no Preço*, com circulação na capital goiana, Goiânia, e região metropolitana. À época, em formato tabloide, com média de 24 páginas, possuía as seguintes seções: Cidades, Política, Policiais, Esporte e Economia, com estrutura resumida e textos enxutos.

Posto isso, relembro que as orientações, as primeiras, bem como os materiais de apoio vieram por e-mail. Tivemos ainda orientações presenciais com a minha orientadora no prédio da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC). Conforme apresenta a Figura 2 o e-mail encaminhado em 14 de abril de 2015.

Figura 2 - E-mail de Orientação



Fonte: Arquivo da autora.

Como se pode perceber, a pesquisa proposta pelo Prof. Marques de Melo foi bastante relevante e minuciosa. Naquele momento entendemos que essa pesquisa exigia envolvimento, esforços e comprometimento dos pesquisadores/participantes, bem como a identificação do acadêmico com aquilo que estava sendo proposto.

Integrar esse grupo seletivo de pesquisadores, sobretudo proposto por um nome de peso para o jornalismo brasileiro como o de Marques de Melo, é algo difícil de descrever. E digo mais: quantos pesquisadores gostariam de ter tido a oportunidade de integrar esse grupo!

Com o roteiro em mãos para inventariar e mapear um “dia de crise” na imprensa diária brasileira, trabalhamos com muito afinco, por horas a fio, com o olhar atento e com bastante rigor, para que nossas contribuições estivessem de acordo com as orientações repassadas. Era uma responsabilidade muito grande a que nos foi incumbida. Foram dias que nos exigiram bastante enquanto pesquisadora; mas ao mesmo tempo nos deixou na memória excelentes lembranças, além, é claro, de muito aprendizado e gratidão ao professor Marques de Melo.

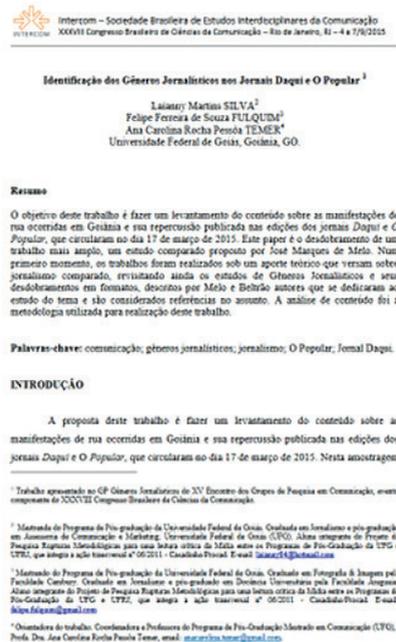
Participar dessa pesquisa assegura a importância do aprofundamento nos estudos teóricos e reforça a importância da pesquisa para construção do conhecimento. O sentimento é de gratidão ao professor por nos possibilitar participar da pesquisa e gerar em nós as memórias afetivas.

Os frutos colhidos viram acervo

Após concluirmos a nossa parte, a coleta, vieram as primeiras oportunidades de expor parte da pesquisa. A primeira durante o XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, no Rio de Janeiro, nos dias 4 a 7 de setembro

de 2015, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Apresentamos, como desdobramento da pesquisa, o artigo intitulado *Identificação dos Gêneros Jornalísticos nos Jornais Daqui e O Popular*, no Grupo de Trabalho Gêneros Jornalísticos¹, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 - Desdobramento da Pesquisa



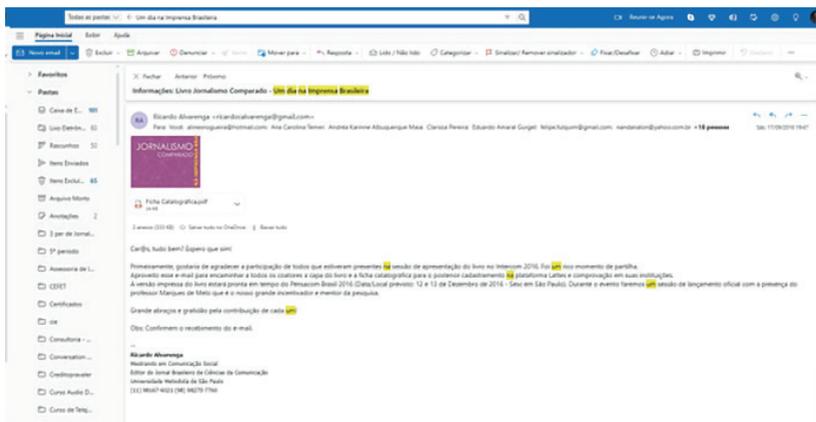
Fonte: Captura de tela.

Por fim, em 2016, é lançado o livro *Jornalismo Comparado: um dia na imprensa brasileira*, resultado da pesquisa. Na oportunidade recebemos o convite para participar

1. Artigo de autoria de Laianny Martins Silva; Felipe Ferreira de Sousa e Ana Carolina Rocha Pessoa Temer.

do lançamento, que ocorrera na cidade de São Paulo. A princípio o Prof. Marques de Melo estaria presente, conforme a descreve a Figura 4. Na data agendada para o lançamento do livro, peguei o voo de Brasília para São Paulo, para participar, mas infelizmente, por motivo de força maior o professor não pôde comparecer.

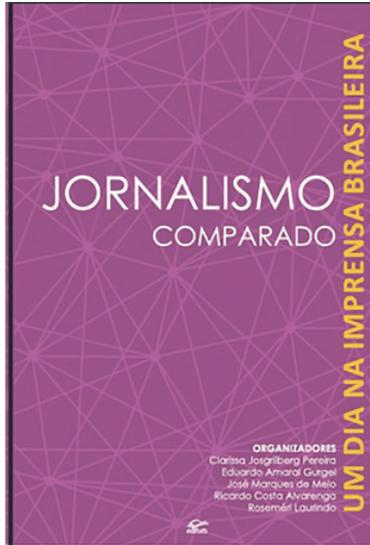
Figura 4 - Convite Lançamento do Livro



Fonte: arquivo da autora.

Ter um artigo publicado em um livro idealizado por Marques de Melo é uma oportunidade única para qualquer pesquisador/acadêmico. Enquanto pesquisadora me senti realizada: mais um momento que ficou na minha memória afetiva proporcionada pelo professor. A Figura 5 mostra o livro publicado.

Figura 5 - Convite Lançamento do Livro apresenta o livro publicado



Fonte: Arquivo pessoal.

A obra teve a colaboração de pesquisadores de mais de dez instituições de Ensino Superior, com a representação das cinco regiões do Brasil, entre elas da Universidade Federal de Goiás (UFG). Conforme descrito no livro, trata-se de um estudo “com base em dois clássicos da Comunicação Social (*Estudos de Jornalismo Comparado* e *Comunicação Social - Teoria e Pesquisa*, de 2016).

Considerações finais

Este artigo se propôs a fazer um resgate das memórias pessoais e afetivas relacionadas a um dos maiores teóricos brasileiros do campo do Jornalismo, José Marques de Melo, através da participação da pesquisa intitulada *Um dia na Imprensa Brasileira- memórias afetivas*. À época, na condição de

mestranda em Comunicação, pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), vinculada à Universidade Federal de Goiás (UFG), eu estava sob a orientação da professora e pesquisadora Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

A experiência de participar da pesquisa *Um Dia na Imprensa Brasileira: estudo de Jornalismo Comparado*, idealizada pelo professor José Marques de Melo, contextualiza aqui as memórias afetivas através do sentimento de gratidão. O que fica é a certeza do aprendizado, desde a graduação em Jornalismo já em contato com as suas obras até as contribuições do professor em minha vida acadêmica e de pesquisadora e profissional. E vou além, enquanto pessoa.

Referências

Alvarenga, Ricardo. **Informações: Livro Jornalismo Comparado – Um dia na Imprensa Brasileira**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <laianny84@hotmail.com> em 17 set. 2016.

Fulquim, Felipe Ferreira de Souza; Silva, Laianny Martins; Temer, Ana Carolina Rocha Pessôa. Identificação dos Gêneros Jornalísticos nos Jornais Daqui e O Popular. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio Janeiro, set. 2015. Disponível em: <portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2038-1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

Pereira, Clarissa Josgrilberg *et al.* (org.). **Jornalismo comparado: um dia na imprensa brasileira**. Santa Catarina: EdFurb, 2016.

Sousa, Jorge Pedro. Revisitando o pensamento jornalístico de José Marques de Melo. Porto, Portugal, **8º Congresso LusoCom**, 2018. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, Lisboa, Portugal. Disponível em: <jornalistadantonjobim.com.br/admin/template/upload/revisitando_o_pensamento.pdf>. Acesso em: 19 set.2023.

Temer, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Um dia na Imprensa Brasileira**. Um dia na Imprensa Brasileira: estudo de jornalismo comparado.

[mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <laianny84@hotmail.com> em 14 abr. 2015.

Woitowicz, Karina Janz; Fernandes, Guilherme Moreira. José Marques de Melo e a história da Folkcomunicação: contribuições para o estudo da comunicação dos marginalizados. In: **Revista Brasileira de História da Mídia**. v. 7, n. 2, jul./dez 2018. Disponível em: <revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/7643/4965>. Acesso em: 20 set. 2023.

Capítulo 2

Contribuições para o campo



O legado de José Marques de Melo em gêneros jornalísticos: inquietudes de um pesquisador visionário

Ana Carolina Temer
Marli dos Santos

Introdução

Os estudos de José Marques de Melo sobre os gêneros jornalísticos têm a dimensão de uma relação que se estende da amizade à admiração científica, e que se renova, adquirindo possibilidades a cada encontro com as suas pesquisas publicadas em artigos e livros, que marcaram diversas gerações. A partir das sementes plantadas por seu mestre Luiz Beltrão¹, os gêneros jornalísticos se tornaram objeto empírico e teórico na vida do pesquisador desde seu primeiro encontro com o jornalismo, aos 15 anos, tendo como referência central a prática dos profissionais de imprensa e o domínio dos diferentes usos dos gêneros e formatos jornalísticos.

O tema estava presente, ainda que de forma transversal, no seu trabalho acadêmico *A Crônica Policial da Imprensa do Recife*, sua primeira publicação em coautoria com Luiz Beltrão, na Revista *Comunicação e Problemas* (1965)², do Instituto de Estudos de Convergência Midiática e da Informação (Icinform),

1. Beltrão é autor de três clássicos do assunto: *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980) (Marques de Melo, 2010, p. 15-16).

2. Esse material foi posteriormente reunido por Osvando Morais e publicado em três volumes pela Intercom.

quando ainda era estudante de jornalismo, na Universidade Católica de Pernambuco (Nava, 2002). A partir daí, a questão do gêneros jornalísticos volta a ser tema de reflexões e publicações, livros que foram adotados para a formação de jovens profissionais.

Dessa forma, essa temática o acompanha em sua trajetória acadêmica e replica-se em questionamentos e aprofundamentos tanto por meio de seus ex-orientandos, como na suas decisões estratégicas como fomentador da pesquisa em Comunicação no Brasil, em particular, por meio da implantação do Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos, uma de suas últimas colaborações formais à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), na qual atuava desde sua fundação e que acompanhou com redobrada dedicação até sua morte.

Nesse sentido, este texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica, como também da experiência das autoras com o subcampo de estudos em gêneros jornalísticos e da convivência com o professor Marques de Melo. O objetivo é apresentar as contribuições desse jornalista, pesquisador, docente e mestre inspirador aos estudos de gêneros jornalísticos, porque esta é uma das formas de fazer jus à sua contribuição intelectual ao campo da Comunicação e aos gêneros jornalísticos, particularmente a partir das taxionomias que desenvolveu, de debates que ensinou e de sua influência sobre outros pesquisadores.

Neste percurso, serão apresentados certos marcos e outros elementos da trajetória profissional e pessoal de Marques de Melo, a partir de dados obtidos em seu site oficial, mas também em textos biográficos e os que abordam o estado da questão dos gêneros jornalísticos, além de aspectos das várias obras do autor sobre a temática aqui enfocada. Não se trata de levantamento exaustivo, e sim, da sinalização de aspectos significativos para o campo de estudos e aos que acompanharam o estudioso em décadas de ensino e pesquisa.

Entre o pessoal e o acadêmico: os estudos sobre os gêneros jornalísticos

Os gêneros jornalísticos começaram a ganhar espaço na academia e na imprensa graças aos esforços intelectuais de Jacques Kayser (França -1953), a partir de sua atuação, também, no Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (CIESPAL), em Quito, Equador. Kayser deu novo impulso ao estudo de gêneros entre 1960-1962 (Kayser, 1960, 1964), mesma época em que o jovem Marques de Melo começou a trabalhar como assessor cultural da Prefeitura do Município de Santana do Ipanema, em Alagoas, entre 1958 e 1962, e, logo em seguida, como jornalista, atuando como correspondente do *Jornal de Alagoas* e da *Gazeta de Alagoas*³.

A questão dos gêneros ganha particular impulso no Brasil no contato e pesquisas sobre jornalismo que Marques de Melo realizou sob os cuidados do mestre Luiz Beltrão – o primeiro pesquisador a discutir e categorizar gêneros e formatos, a partir da realidade do jornalismo brasileiro –, do qual o jovem pesquisador foi monitor na disciplina “Técnica e Prática de Jornal e Periódico”. O tema ganhou mais força ainda em 1964, quando Marques de Melo graduou-se em Jornalismo, formando-se ainda em Direito, no ano seguinte, momento em que inicia sua carreira de docente (professor assistente de “Técnica de Jornal e Periódico”, na Universidade Católica de Pernambuco) e é instado pelo antigo mestre a assumir a coordenação do Departamento de Investigação Científica do Icinform.

O desenvolvimento das pesquisas levou Marques de Melo a buscar embasamento teórico e metodológico no CIESPAL, onde a influência de Jaques Kayser ainda era muito presente.

3. Entre 1962 e 1964, Marques de Melo atuou como chefe de gabinete do Secretário de Educação do governo Miguel Arraes, depois diretor administrativo do Movimento da Cultura Popular em Pernambuco e, mais tarde, entre 1964 e 1966, na coordenação do Serviço de Editoração e Divulgação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

De volta ao Brasil, procurou dinamizar as atividades do Instituto no Recife, articulando-o com as tendências latino-americanas, em particular os aspectos ligados à comunicação, à cultura e aos movimentos populares. Essas abordagens foram questionadas no panorama político da época e, após ser preso diversas vezes sob a acusação de possível atividade subversiva, decidiu mudar-se de cidade e de estado.

Já em São Paulo, integrou-se ao corpo docente da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, entre 1967 e 1968, onde fundou o Centro de Pesquisa da Comunicação Social. Ministrou aulas de “Teoria da Informação” e “Metodologia da Pesquisa em Comunicação”, e continuou atuando como jornalista, particularmente por meio do Instituto de Pesquisas para Empresas Jornalísticas (INESE), além de acompanhar o lançamento da revista *Realidade* e a modernização da *Folha de S. Paulo*.

A proximidade entre a prática profissional e a docência despertou um novo olhar para o jornalismo, e o levou a uma postura diferenciada sobre essa atividade. Neste período, novamente, aproxima-se dos gêneros jornalísticos, realizando estudos comparativos sobre os jornais que circulavam na capital paulista, entre 1966 e 1967, e a imprensa dos imigrantes⁴, além de *Estudos Comparativos de Jornais de Bairro em São Paulo*⁵ (Brittes, 1996)⁶. O tema permanece latente também em um dos primeiros estudos comparativos sobre jornalismo realizados no Brasil, *Estudos Comparativos de Três Jornais Brasileiros*, no qual utiliza os paradigmas de Jackes Kayser e Wilbur Schramm para analisar

4. Este documento está desaparecido.

5. Os três volumes relativos ao estudo, abrangendo os anos de 1969 e 1970, podem ser encontrados na Biblioteca da ECA-USP.

6. Os *Estudos Comparativos de Jornais de Bairro em São Paulo* resultaram em três volumes, abrangendo os anos de 1969 e 1970. Podem ser encontrados na Biblioteca da ECA-USP.

o conteúdo, origem e fontes de informação do *Jornal do Brasil*, do *Jornal do Comércio* e do *Correio da Paraíba*⁷.

A questão dos gêneros jornalísticos emerge no estudo de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, apresentado em 1970 em Paris, no qual relaciona as mutações tecnológicas e padrões de codificação adotados no jornalismo brasileiro. O trabalho seria publicado e ampliado nos livros *Subdesenvolvimento, Urbanização e Comunicação* (1976) e *Estudos do Jornalismo Comparado* (1972), trabalho que o leva a refletir sobre a importância dos estudos de natureza comparativa e a importância de investigações globais. Justamente em função destas reflexões propõe ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) a realização de um projeto de pesquisa tendo como objeto a transição democrática da Espanha e do Brasil .

A partir dessa obra, Marques de Melo se dedica à sua tese *Fatores sócio-culturais que retardam a implantação da imprensa no Brasil* , porém o tema gêneros jornalísticos volta a ser o ponto central nos seus estudos sobre o jornalismo brasileiro, quando apresenta, no I Encontro Luso-brasileiro de Literatura e Jornalismo, um estudo sobre a crônica no jornalismo brasileiro, realizado no MASP (SP) em 1984 (Brittes, 1996). Logo em seguida, em 1985, publica o livro *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*, cuja importância é fundamental para o estudo dos gêneros e formatos jornalísticos no Brasil. Nessa obra, ele constata a existência de dois gêneros na imprensa: Informativo e Opinativo.

Ainda na mesma linha, participou de projeto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, sobre a cobertura dada pelos jornais brasileiros (Rio de Janeiro e São Paulo) ao debate sobre a Nova Ordem Mundial da Comunicação (NOMIC), durante a Conferência Geral da Unesco realizada em 1982.

7. Material que integra o livro *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970).

No avanço dos estudos sobre a questão dos gêneros jornalísticos, Marques de Melo ultrapassa os limites do material impresso. Alertado pelos avanços da televisão no Brasil, aceita o convite do Centro de Pesquisas de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e realiza, com Sérgio Caparelli e Alberto Verga, estudos sobre a televisão brasileira. Nesse contexto, a questão dos gêneros no jornalismo emerge novamente em 1983, quando, contando com a participação de alunos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) analisou a programação jornalística das tevês paulistas.

A centralidade da temática retorna ao estudo comparativo sobre a imprensa diária brasileira, trabalho que inaugura academicamente as atividades da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, instalada no dia 21 de maio de 1996 na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), no Campus Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo, estado de São Paulo. A investigação, que tem como base a metodologia desenvolvida na pesquisa sobre mutações na imprensa paulista, envolve pesquisadores de oito universidades brasileiras, sendo posteriormente ampliada para todo o país (1997) e países do Mercosul (1998).

Inspirações teóricas: balizando as reflexões de Marques de Melo

Como já foi dito, os gêneros jornalísticos ganham destaque nos estudos acadêmicos ligados à Comunicação e ao Jornalismo em função das pesquisas de Jacques Kayser entre 1960-1962⁸, no CIESPAL. Não se trata, porém, de um tema novo.

8. A síntese dessas pesquisas está publicada no livro póstumo *El Periódico: estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada* (1963) e em outros estudos e relatórios sobre *Comunicação Comparada* (Marques de Melo, 1985).

A tradição dos estudos de gêneros textuais reputa a sua origem a Platão (428-348 a.C) e Aristóteles (385-323 a.C) que, já no período clássico da Grécia antiga, entendiam que os gêneros refletiam a identidade dos textos, portanto, davam as distinções entre poesia, prosa, tragédia, comédia e outros tipos de discursos.

Os gêneros jornalísticos ganharam destaque nos estudos acadêmicos modernos com Bakhtin (2003), mas seu espaço de investigação e pesquisa ligados à Comunicação e ao Jornalismo se ampliam a partir das pesquisas realizadas no campo. No Brasil, como mencionado, a temática ganha impulso na análise e pesquisa sobre o jornalismo com Luiz Beltrão e, posteriormente, com Marques de Melo, que desenvolve trabalhos inicialmente inspirados por seu mestre e, posteriormente, pelos contatos com Jose Luis Martínez Albertos, da Universidade Complutense de Madri, Espanha, e Irena Tetelowska, da Universidade de Cracóvia, Polônia (Marques de Melo, 2010a).

O tema se consolida nas análises que mobilizam outros autores, com destaque a Manuel Carlos Chaparro (2008), que realiza pesquisas comparativas, propondo classificações diferenciadas com base na intencionalidade e na natureza estrutural dos relatos. São estudos que de certa forma desafiam Marques de Melo, gerando debates entre os dois pesquisadores, que são considerados os principais estudiosos da temática no Brasil, após Luiz Beltrão. Novos estudos e novas abordagens são desenvolvidos por Temer (2001, 2002), Seixas (2009), Lucht (2009), Vaz (2013), Assis (2014), Pereira (2018), entre outros, buscando entender e ampliar a questão do uso estratégico dos gêneros jornalísticos.

Seguindo a proposta teórica de Marques de Melo, gêneros são categorias, ou constructos modelares, a partir das quais podemos agrupar formatos semelhantes, possibilitando análises mais amplas sobre estratégias de produção. Nesse

sentido, os gêneros são importantes para o jornalismo – e para a mídia em geral – porque dizem respeito a estratégias de produção de conteúdo, que resultem em produtos coerentes, que atendam necessidades e, sobretudo, sejam produzidos com rapidez e sejam compreensíveis – ou de relativa facilidade de compreensão para o receptor. Nesse sentido, os gêneros são necessários para a organização do processo produtivo no jornalismo, cuja característica é a imprevisibilidade dos fatos a serem noticiados, mas também como estratégia de comunicabilidade (Martín-Barbero, 1997), uma vez que a formatação dos textos facilita a própria recepção desse material.

Paralelamente, como os gêneros são igualmente uma forma de controle da produção, o conhecimento estrutural de seus modelos permite aos produtores de informações agirem em função de um sistema de referência – uma identidade modelar – que é igualmente importante para os receptores reconhecerem os textos, facilitando uma leitura que forneça antecipadamente um contexto interpretativo. Como menciona Todorov (1988, p. 38), gêneros são modelos de escrita para o autor e horizontes de expectativa para o leitor. Portanto, a dimensão da comunicabilidade é essencial.

Compreender essas estratégias, no entanto, envolve delimitar o conteúdo temático da mensagem, pelo seu estilo verbal, a seleção operada nos recursos da língua e por sua composição interna. Assim, a categorização a partir dos gêneros vai além da análise do enunciado, trata-se de entender seu uso estratégico – tanto nos aspectos econômicos, quanto políticos e até mesmo ideológicos – dos tipos modelares e relativamente estáveis de enunciados. De uma forma ampla, podemos entender gêneros a partir de seu objetivo de ordenar e classificar conteúdos, visando fornecer elementos para entender as intenções e/ou estratégias do discurso, definindo funções, utilidades e categorias.

Uma vez que os gêneros jornalísticos são vetores de uma visão direcionada, uma orientação para as reações dos receptores, proposta de classificação do status ou até mesmo a urgência dos fatos abordados no material jornalístico – mas também uma estratégia para estabelecer uma realidade comum à sociedade –, conseqüentemente, constituem um espaço importante para os estudos sobre o jornalismo.

Nesse contexto, o jornalismo enquanto atividade profissional se desdobra em modelos, veículos e intenções múltiplas. Ao mesmo tempo, condicionada aos gêneros e formatos, a informação é uma mercadoria que envolve paralelamente um conjunto de formatos específicos e bem delineados – que inclui diversidade, estética e processos de identificação, um valor simbólico inserido em relações de poder (ou relações com outras instituições de poder). No entanto, os gêneros jornalísticos não são um constructo pétreo, imutável. São modelos que se adaptam e são reformatados em função dos espaços sociais nos quais circulam, mas também em uma resposta dinâmica às técnicas e tecnologias que atuam no jornalismo.

Essa dinâmica foi analisada e compreendida de forma ampla por Marques de Melo, que igualmente percebeu a diferenciação no uso dos gêneros no Brasil, e empreendeu diferentes pesquisas para entender como eles se adaptaram à realidade do jornalismo brasileiro (1972, 1976, 1983, 2003a, 2003b, 2008, 2009, 2010a, 2010b, 2016), e em estudos posteriores, latino-americanos (2005).

Segundo o autor, os gêneros jornalísticos podem ser definidos como

Um conjunto de parâmetros textuais selecionados em função de uma situação de interação e de expectativa dos agentes do fazer jornalístico, estruturado por um ou mais propósitos comunicativos que resulta em

unidades textuais autônomas, relativamente estáveis, identificáveis no todo do processo social de transmissão de informações por meio de uma mídia/suporte (Marques de Melo; Assis, 2010, p. 247).

Em 1966, Marques de Melo identificou três gêneros jornalísticos na imprensa diária: informativo, interpretativo e opinativo. Essa classificação ganhou maior reconhecimento na década de 1970, em particular quando Marques de Melo ministrou a disciplina Gêneros Jornalísticos na ECA-USP, tornando-se elemento curricular nas matrizes curriculares e disciplinas dos cursos de jornalismo. A categorização “obteve também reconhecimento corporativo, já que gêneros informativo-opinativo-interpretativo integram à “cultura jornalística” daquela “conjuntura histórica” (Marques de Melo, 2009, p. 4).

Na década de 1980, a proeminência dos estudos sobre gêneros jornalísticos nos trabalhos de Marques de Melo ganhou novo impulso com sua tese de livre-docência desenvolvida na ECA-USP, cujo resultado foi a publicação do livro *A opinião no Jornalismo Brasileiro*, lançado em 1983. Nesse trabalho – que, até os dias atuais, é uma referência nos estudos da área –, é apresentada uma análise sobre os gêneros jornalísticos no Brasil, as características específicas do jornalismo brasileiro e sua evolução, que “se modificam e se adaptam a novos veículos, novos contextos, novas formas de produzir e consumir os produtos midiáticos, e em particular, o jornalismo” (Santos et al., 2021, p. 11).

Na década de 1990, Marques de Melo prosseguiu nos estudos sobre gênero por meio de uma pesquisa em coautoria com o professor Paulo Roberto Botão, confirmando a vigência de formatos que correspondem “aos gêneros informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e utilitário (serviço),

e secundariamente aos gêneros opinativo (editorial, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta) e interpretativo (enquete)” (Marques de Melo, 2009, p. 7). No ano 2000, esses resultados foram replicados na pesquisa com Carlos Vogt, pesquisador do Laboratório de Jornalismo, LABJOR, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que também confirma os resultados da pesquisa de 1983.

Estes estudos introduzem novos questionamentos, pois mostram que o comportamento dos gêneros não se altera significativamente. Essa questão também emerge em pesquisa, em particular na comparação dos veículos impressos de maior tiragem nacional – o jornal diário *Folha de S. Paulo* (semana de 20 a 26/10/1997) e a revista semanal *Veja*. Em princípio, tanto o jornal diário quanto a revista semanal refletem o padrão convencional de jornalismo, privilegiando os gêneros clássicos – informativo e opinativo –, mas outros elementos, como o valor utilitário e interpretativo da informação, também são notados. Como consequência, Marques de Melo amplia as reflexões considerando que, embora muitos receptores associem o jornalismo somente às notícias, a sua produção abrange diferentes gêneros, e diferentes funções que transcendem o factual, e envolvem diferentes usos dos textos, diferentes estratégias e diferentes possibilidades de compreensão. Dessa forma, Marques de Melo (2003a, 2010b) trabalha uma reclassificação dos gêneros jornalísticos, em um processo que vai culminar na definição de cinco categorias ou usos: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Uma das marcas dessa redefinição é a relação de Marques de Melo com a empiria de suas pesquisas. Nesse sentido, a nova classificação proposta pelo autor está atrelada a observações na imprensa, que englobam, entre outros aspectos, a percepção de que as matérias focalizando “serviços” não mais cabiam e/ou se

limitavam ao formato “nota” do gênero informativo, sinalizando a emergência do gênero utilitário. Também se evidenciam matérias do tipo enquete, desgarradas dos formatos entrevista ou reportagem, denotando o reflorescimento do gênero interpretativo. Outro ponto foi o “aparecimento significativo de textos conotados pelo humor ou pela ironia que deixavam de perfilar no território pertencente ao gênero opinativo, ensejando o cultivo do gênero diversional”. (Marques de Melo, 2009, p. 5).

Intercom, Escola Latino-Americana e orientandos: as pesquisas prosseguem

O desenvolvimento das pesquisas de Marques de Melo foi marcado pela participação dinâmica nas diferentes instituições das quais ele foi fundador e nas quais exerceu diferentes cargos de liderança. Essa relação começa ainda quando ele era estudante, com as atividades desenvolvidas pelo Icinform no Recife, e cresce a partir de sua articulação com as tendências das pesquisas latino-americana, em especial, as ligadas à comunicação, à cultura e aos movimentos populares.

Em 1977, em um momento crítico da política brasileira, em plena ditadura militar, e de restrições impostas ao professor em Recife, ampliou sua preocupação com o desenvolvimento da pesquisa em Comunicação e o fortalecimento da área, atuando na criação e no fortalecimento da Intercom, que até hoje constitui-se como uma das principais associações científicas da área. O trabalho se desenvolve inicialmente como atividade voluntária, sem respaldo institucional ou lastro financeiro, mas guiado pelo objetivo de abrir espaço para ampliar a atuação dos pesquisadores em comunicação na luta pela liberdade e avanços científicos. Atualmente, a Intercom é reconhecida por entidades como Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES), Financiadora de Inovação e Pesquisa (FINEP) e Fundação de Apoio e Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP). A associação congregava em torno de mil associados em 2023, realizando congressos regionais e nacionais, além de outros eventos como o Pensamento Comunicacional Brasileiro (Pensacom). O Congresso Nacional da Intercom é o principal evento de comunicação do país, reunindo milhares de pesquisadores de vários níveis de formação, desde a iniciação científica ao doutorado, além de eventos dirigidos aos jovens universitários, como a Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, Expocom, e premiações, como o Prêmio Luiz Beltrão e o Prêmio José Marques de Melo. Em 2023, o Congresso foi realizado em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com 2 404 trabalhos inscritos e 3 108 participantes, números de grande impacto, considerando que este foi o segundo ano, após a fase de afastamento social durante a pandemia, em que o congresso nacional da Associação é realizado presencialmente.

Em termos teóricos, Marques de Melo se identifica com a Escola Latino-Americana, cujos traços diferenciadores envolvem uma proposta de polifonia metodológica, combinando métodos quantitativos e qualitativos, e a interatividade entre reflexão e ação na busca de resultados ao mesmo tempo críticos e que contribuíssem para diminuir as desigualdades sociais. Nesse sentido, contribuiu de forma fundamental para a consolidação da liderança assumida pelo Brasil na reconstituição da *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)*. O fortalecimento da comunidade latino-americana de Ciências da Comunicação ocorreu na gestão de José Marques de Melo (1989-1992) e foi consolidada por Margarida M. K. Kunsch (1998-2005) (Marques de Melo, 2005, p. 14).

Além dessas duas entidades, Marques de Melo atuou na criação e consolidação de outras entidades, como Associação Ibero-Americana de Investigadores de Comunicação (Assisbercom) e Rede Alfredo de Carvalho (Alcar), entre outras, para ampliar a representatividade nacional e criar espaços de interlocução entre a comunidade nacional e a internacional, com a realização de encontros e as trocas de experiências. A institucionalização dessas relações possibilitou a realização de pesquisas em conjunto, e inclusive levou ao surgimento de novas entidades, como a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom).

Em seu trabalho como professor e orientador de pesquisas em gêneros jornalísticos, há um legado importante para o campo, presente nas dissertações e teses orientadas nos anos 1990 e nas primeira e segunda décadas dos anos 2000, as quais aprofundam os estudos empíricos em veículos não só impressos, como televisivos, radiofônicos e internet. Essas pesquisas colaboraram para a evolução da proposição da nova classificação (em cinco gêneros e formatos, já mencionada), em uma fase de consolidação da internet.

Nos anos 2000, um dos primeiros estudos foi o de Ana Carolina Temer (2001, 2002), uma das autoras deste capítulo, que, em sua tese de doutorado sobre os telejornais da TV Globo, à época, analisou gêneros e formatos no telejornalismo em um momento de transformações. Nas palavras do professor, referindo-se à orientanda,

Ana Carolina Temer (2001) já empreendera instigante reflexão dedutiva sobre a natureza do jornalismo de serviço, quando fez observação participante do processo de produção e difusão dos telejornais da Rede Globo de Televisão, na central de jornalismo instalada em São Paulo. (...) Entretanto, a contribuição mais importante ensejada por Temer (2001) diz respeito à macro-

estrutura dos gêneros no telejornalismo daquela rede nacional (Marques de Melo, 2009, p. 9).

A pesquisa da autora, segundo Marques de Melo, confirmou os achados de Rezende (1997), que utilizou como referência em sua tese a classificação de gêneros jornalísticos do impresso (informativo e opinativo) para observar sua aplicabilidade no audiovisual, mais precisamente no telejornalismo.

Em continuidade às pesquisas realizadas nos anos 2000, seus orientandos Lailton Costa (2008), Virginia Salomão (2009) e Clarissa Josgrilberg Pereira (2013) estudaram os gêneros jornalísticos na sua dimensão regional. Costa abordou “o comportamento editorial do diário de maior circulação em cada uma das cinco macro-regiões *[sic]* do país” (Marques de Melo, 2009, p. 12), em que confirmou a predominância dos gêneros informativos e opinativos, além de observar a presença do gênero utilitário como relevante nesses veículos. Segundo Marques de Melo, “a contribuição oferecida pelo pesquisador é a localização de formatos ainda não catalogados: chamada, análise, memória, história de viagem, obituário, infográfico, texto-legenda, citação (frases), errata” (Marques de Melo, 2009, p. 12). Já a tese de Virginia Salomão (2009) investigou as identidades regionais em revistas brasileiras, realizando um estudo comparado que abrangeu os cinco gêneros jornalísticos propostos por Marques de Melo. Em Pereira (2013) vamos observar os conteúdos dos jornais em um lugar de fronteira, no Mato Grosso do Sul, em que a pesquisadora conclui que os aspectos da imprensa regional, interiorana, são muito mais determinantes nos jornais impressos que a diversidade cultural da região.

A orientanda Janine Marques Passini Lucht (2009) enveredou pelos estudos de gêneros radiofônicos, realizando um mapeamento dos conteúdos da Rádio Eldorado de São Paulo,

no qual buscou entender como uma emissora segmentada orienta sua produção a partir da audiência. Concluiu que os gêneros informativos tinham predominância, mas não deixou de constatar a presença dos gêneros opinativo e utilitário, este último marcadamente presente com outros formatos como a previsão do tempo, e os gêneros diversional e interpretativo, porém, com baixa presença. A pesquisa de Lucht tem precedentes nos estudos de Nivaldo Marangoni (1998), com foco em uma rádio *allnews*, a recém-criada Central Brasileira de Notícias (CBN), à época, na qual identificou apenas dois gêneros, informativo e opinativo; e de André Barbosa Filho (1996), obra de referência para os estudos de gêneros no rádio (pesquisa orientada por Gino Giacomini Filho no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UMESP).

Destaca-se, na segunda década dos anos 2000, a tese de doutorado de Tyciane Viana Vaz (2013) em jornalismo utilitário, abordando como os periódicos impressos trataram os formatos que atenderam às necessidades de consumo dos leitores e os orientaram nas atividades do cotidiano, reafirmando a necessidade de uma classificação que contemplasse o gênero utilitário.

Já a tese de Francisco de Assis (2014) abordou o gênero diversional, em que o autor discute o jornalismo e a diversão por meio da forma, a partir das práticas jornalísticas. Apresenta uma cuidadosa revisão bibliográfica sobre termos como diversão e entretenimento, e realiza uma pesquisa empírica com jornalistas experientes e renomados, corroborando a sua hipótese de que o jornalismo diversional imbrica formatos da atualidade jornalística com entretenimento. Assis publicou em coautoria com Marques de Melo o livro *Gêneros jornalísticos no Brasil* (2010) e *Gêneros Jornalísticos. Estudos Fundamentais* (2020), este após a morte do professor.

Por fim, a última tese de doutorado orientada por Marques de Melo na UMESP foi a de Clarissa Josgrilberg Pereira (2018), que aborda os gêneros jornalísticos nos sites e portais de grandes veículos jornalísticos e de sites considerados alternativos e/ou independentes. Partindo da Teoria Fundamentada, a pesquisadora utiliza como referência a classificação de seu orientador em cinco gêneros para testar hipóteses sobre os conteúdos jornalísticos na internet, constatando novos formatos, ainda sem classificação naquele momento.

Na somatória dessas ações, Marques de Melo se torna uma síntese daquilo que se estuda, pensa e escreve sobre comunicação no Brasil⁹, e um modelo a ser seguido pelos seus amigos, colegas e orientandos, que continuam a desenvolver pesquisas a partir das bases deixadas por ele, inclusive por meio do Grupo de pesquisa *Gêneros Jornalísticos*, estrategicamente proposto como forma de nucleação, intercâmbio, atualização e sistematização das pesquisas.

O Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos

Em 2009, o GP Gêneros Jornalísticos, um dos grupos de pesquisa da Intercom, foi criado por José Marques de Melo. Curiosamente, mais de três décadas se passaram para que o grupo surgisse como proposta do pesquisador mais referenciado em estudos brasileiros sobre o tema. Mas, como atuava em várias frentes na pesquisa, nas associações de pesquisa, nas instituições de ensino superior, na pós-graduação, em cargos de gestão ou não – sempre participando ativamente –, o grupo de pesquisa veio depois, para justamente cumprir papel de agregador e sistematizador do que já havia sido produzido igualmente como projeto de futuro.

9. Termo utilizado por José Carlos Stollmeier na tese sobre José Marques de Melo defendida em 1995 no Istituto di Scienze Della Comunicazione Sociale (Iscos), da Università Pontificia Salesiana de Roma.

No 32º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro, em Curitiba, Paraná, na Universidade Positivo, ocorreu a primeira reunião de pesquisadores do Grupo. A temática geral do evento talvez tenha sido inspiradora para essa iniciativa: *Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital*. Conforme menciona Assis (2009, p.1), a criação desse espaço de discussão visava “sistematizar as reflexões nacionais existentes a respeito de gêneros jornalísticos e, conseqüentemente, tornar o assunto acessível não só a professores, alunos e profissionais da área, mas também a alguma parcela interessada da sociedade”, com os seguintes objetivos:

- 1) revisar criticamente o conhecimento acumulado sobre gêneros jornalísticos, elaborando relatos periódicos sobre o estado da arte; 2) observar sistematicamente a natureza dos gêneros jornalísticos cultivados pela mídia brasileira, disseminando estudos que possam suscitar o diálogo com os seus produtores e usuários; 3) elaborar material didático sobre gêneros jornalísticos para uso nas universidades e escolas de segundo grau de todo o país; e 4) manter permanente diálogo com os membros da comunidade acadêmica mundial que se dedicam ao estudo desse objeto (Assis, 2009, p. 1).

A ementa propunha abordar:

O conceito de gêneros e seus usos no jornalismo. Pesquisas sobre gêneros em quatro categorias: 1) Gêneros no jornalismo impresso; 2) Gêneros no rádiojornalismo; 3) Gêneros no telejornalismo; 4) Gêneros no ciberjornalismo e outros espaços digitais. Gêneros jornalísticos e suas relações com outros conteúdos midiáticos. A questão da hibridização e a formação de novos gêneros. Formatos e categorias jornalísticas. Novas formatações e gêneros no jornalismo alternativo. O jornalismo especializado e suas características de linguagem e formatação (Assis, 2009, p.1).

Conforme analisam Santos *et al.* (2021), em seus primeiros dez anos de existência completados no ano de 2018, o GP contou com 218 trabalhos apresentados, o que resultou de uma média de 22 trabalhos aprovados por evento. Marques de Melo e Francisco de Assis foram os primeiros coordenador e vice coordenador, respectivamente, de 2009 a 2012. Em seguida, Roseméri Laurindo e Demétrio de A. Soster, de 2013 a 2016; Ana Carolina Temer e Clarissa J. Pereira, de 2017 a 2018; Clarissa J. Pereira e Marli dos Santos, em 2019; Marli dos Santos e Clarissa J. Pereira, de 2020 a 2021. Em 2022, houve reativação dos grupos de pesquisa, e a proposta de ementa foi aprimorada para atender também à dinâmica do jornalismo em contexto de ambiência digital, sendo elaborada coletivamente pelos pesquisadores proponentes:

As mudanças estruturais no jornalismo apontam para a emergência de novos gêneros e formatos jornalísticos em diversas plataformas e linguagens midiáticas. Assim, nos interessa identificar e refletir criticamente sobre esses fenômenos e avançar no conhecimento acerca dos gêneros e formatos jornalísticos no contexto da convergência tecnológica. São temas de pesquisa do GP: aspectos epistemológicos nos estudos de gêneros na contemporaneidade; a relação entre práticas profissionais, gêneros e formatos jornalísticos; metodologias para pesquisas de gêneros no ambiente da convergência tecnológica midiática; formatos jornalísticos em dispositivos móveis e redes sociais; gêneros e formatos jornalísticos híbridos; novos formatos em narrativas transmídia; participação e colaboratividade como formatos jornalísticos; e gêneros, desinformação e educação midiática (Intercom, 2023).

Nesses 14 anos de existência (de 2009 a 2023), foram feitas três pesquisas coletivas que resultaram na publicação dos livros *Gêneros jornalísticos - teoria e práxis*, lançado em

2012; e *Jornalismo comparado – um dia na imprensa brasileira*, publicado em 2016 – duas obras com participação ativa do professor. Já *Jornalismo, gêneros e formatos: estado da arte e diálogos* veio depois de sua morte, em 2021, e se propunha a fazer um balanço do papel do GP na pesquisa sobre gêneros, as tendências temáticas, os principais pesquisadores.

As conclusões indicaram que alguns enfrentamentos precisam ser feitos no âmbito da pesquisa, ou seja, “temas como hibridização de conteúdos, inovação nos formatos em contextos midiáticos desafiadores, as condições de produção desses gêneros e formatos e a recepção dos mesmos pela sociedade” são novas pistas que precisam ser seguidas, em seus contextos e realidades, assim como Marques de Melo preconizava, “porque [os gêneros jornalísticos] são dinâmicos e se transformam de acordo com a vida que pulsa no cotidiano das nossas ações e relações com o outro, nos processos comunicativos do jornalismo” (Santos et al., 2021, p. 35). Esse legado é uma inspiração para todas e todos nós.

Referências

Assis, F. Jornalismo com traços de literatura: alguns apontamentos sobre o gênero diversional. *Anais... XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Curitiba: 2009. Disponível em: <intercom.org.br/premios/2009/franciscoassis.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2019. Acesso em:

Assis, F. **Jornalismo diversional**: função, contornos e práticas na imprensa brasileira. 2014. 445 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, 2014.

Bakhtin, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306

Barbosa Filho, A. **Gêneros Radiofônicos**: tipificação dos Formatos em áudio. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, 1996.

Brittes, J. G. José Marques de Melo e a construção de espaços de pesquisa no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo - SP, v. 25, 1996, p. 229. Disponível em: <metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8107>. Acesso em: 10 out. 2023.

Chaparro, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

Costa, L. A. **Teoria e prática dos gêneros jornalísticos**: estudo empírico dos principais diários das cinco macro-regiões brasileiras. 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

Gobbi, M. C. José Marques de Melo e o Pensamento Comunicacional Brasileiro. Proposta de uma cartografia nacional. **Revista Brasileira de História da Mídia**, Vol 7 | Nº 2 | jul./dez. 2018.

Intercom. **Grupos de pesquisa Gêneros Jornalísticos**. Disponível em: <portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-generos-jornalisticos>. Acesso em: 12 out. 2023.

Kayser, J. L'information écrite dans les pays en voie de développement, **Revue Tiers Monde**, v. 3, p. 269-284, 1960.

Kayser, J. **Une semaine dans le monde**. Étude comparée de 17 grands Quotidiens pendant 7 jours, UNESCO, 1953.

Kayser, J. **Estudios de morfología**, de metodología y de prensa comparada. Quito: CIESPAL, 1964.

Kayser, J. **One week's news**. Comparative study of 17 major dailies for a seven-day period. Paris: UNESCO, 1953.

Lucht, J. M. P. **Gêneros radiojornalísticos**: análise da Rádio Eldorado de São Paulo. 2009. 179 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

Marangoni, N. **Programação jornalística vinte e quatro horas por dia**: o pioneirismo da CBN – Central Brasileira de Notícias. 1998. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

Marques de Melo, J. Estudio Comparativo De Tres Diarios Brasileños”,

Revista Española de la Opinión Pública, núm. 13 (1968): 95-109. Disponível em <jstor.org/stable/40181060>. Acesso em: 10 out. 2023.

Marques de Melo, J. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

Marques de Melo, J. **Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1976.

Marques de Melo, J. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1983.

Marques de Melo, J. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003a.

Marques de Melo, J. O desafio do estudo dos gêneros. **Pauta Geral**, Salvador, n.5, p.11-20, 2003b. Entrevista concedida a Tatiana Teixeira.

Marques de Melo, J. Memória e movimento: a participação brasileira na comunidade mundial das ciências da comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de [et al.]. **Pensamento comunicacional brasileiro**. São Paulo: Intercom, 2005, p. 9-15

Marques de Melo, J. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

Marques de Melo, J. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. **Anais...** Congresso Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010a. Disponível em <intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R52215-1.pdf>. Acesso em 20 set. 2023.

Marques de Melo, J. Assis, F. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010b.

Marques de Melo, J. Assis, F. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos: Teoria e Práxis**. 1. ed. Blumenau: Edifurb, 2012

Marques de Melo, J. Assis, F. (Orgs.). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, n. 39, 2016. p. 39-56. Disponível em: <scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/#>. Acesso em: 10 out. 2023.

Marques de Melo, J.; Trigueiro, O. M. (org.). **Luiz Beltrão**: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Ed. UFPB/Intercom, 2008. 262 p.

Martín-Barbero, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

Martinez Albertos, J. L. **El zumbido del moscardón**. Sevilla: Comunicación Social, 2006.

Morais. O. J. (org.). **Comunicações & Problemas**. Luiz Beltrão. V.6. Parte 1,2 e 3 São Paulo, Intercom, 2013.

Nava, R. **Comunicações & Problemas**: o primeiro periódico científico em comunicação no Brasil. São Paulo, UEMESP, 2002.

Pereira, C. J. **Jornalismo digital e novas tecnologias**: estudo de gêneros e formatos nos principais sites jornalísticos brasileiros. 2018. 198 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo 2018.

Rezende, G. J. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

Santos, M. *et al.* (org.) **Jornalismo, gêneros e formatos**: estado da arte e diálogos contemporâneos. Blumenau: Edifurb, 2021.

Salomão, V. **Identidades regionais em revista**: um estudo comparado de revistas das regiões brasileiras. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

Seixas, L. **Por uma outra classificação**: uma proposição de critérios de definição de gêneros jornalísticos por impressos e digitais. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

Stollmeier, J. C. **Comunicação Social e Sociedade Brasileira**. O pensamento de José Marques de Melo, 1995. Tese (Doutorado em Comunicazione Sociale) Università Pontificia Salesiana/ Istituto di Scienze della Comunicazione Sociale (ISCOS), Roma, 1995.

Temer, A. C. P. **Notícias e serviços**: um estudo sobre o conteúdo

dos telejornais da Rede Globo. 2001. 339 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001.

Temer, A. C. P. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

Temer, A. C. P. Gêneros e gêneros: apontamentos teóricos sobre os conceitos e sua atribuição ao jornalismo feminino. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, ano 30, n.51, p.177-200, jan./jun. 2009.

Todorov, T. El Origen de los Generos. In: M. G. Gallardo (org.), **Teoria de los Generos Literarios**. Madrid: Arco Libros, 1988, p. 31-48.

Vaz, T. C. V. **Jornalismo utilitário** – teoria e prática: fundamentos, história e formatos de jornalismo utilitário na imprensa brasileira. 215 f. Tese (Doutorado em Processo Comunicacionais) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

A atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo nas Ciências da Comunicação

Flávio Santana

Por que escrever esse texto?

Por mais de 50 anos José Marques de Melo, professor e pesquisador, se dedicou às Ciências da Comunicação, ensinou a mim e a tantos outros a caminhar em um campo fértil e, por vezes, movediço. Quem o conheceu sabe bem de sua contribuição humana intelectual ao desenvolvimento do campo da Comunicação no Brasil ou do que o próprio professor chamou de Pensamento Comunicacional Brasileiro e Latino-americano. Sua partida em junho de 2018 deixou aos pesquisadores e pesquisadoras contemporâneos a responsabilidade de honrar e perpetuar um grande legado registrado na história e no coração das pessoas que assim como eu tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Meu primeiro contato com Marques de Melo foi pouco mais de um ano antes de sua partida, mas sua pesquisa chegou antes mesmo de trocar suas primeiras palavras comigo. O professor, de alguma forma, participou da minha iniciação à pesquisa, quando, ainda na graduação, iniciei minhas primeiras buscas por uma produção genuinamente brasileira em comunicação diante um vasto acervo de pesquisa internacional.

No dia 22 de novembro de 2017, adentrei a sala de José Marques de Melo na Cátedra Unesco de Comunicação para o

Desenvolvimento Regional na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) para fazer uma entrevista cujo objetivo era meu ingresso no curso de mestrado oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (Póscom) daquela instituição. Nervoso, inseguro e, por alguns momentos, sem acreditar que estaria diante de um dos maiores comunicadores que esse país já tivera, fui tomado por uma imensa dúvida: o que um rapaz jovem, de tão longe, estaria fazendo ali?

Assim que vi sobre a mesa de Marques de Melo todos os meus documentos, projeto de pesquisa e produções científicas, me dei conta que aquilo era tão real quanto o professor que olhava fixamente para mim. Com sua voz baixa, Marques de Melo folheava meu projeto e fazia-me algumas perguntas. Dentre os seus questionamentos, guardo um em especial. Lembro-me exatamente do momento em que me perguntou como minha proposta de investigação poderia contribuir para o desenvolvimento da minha região.

Carrego comigo o questionamento de José Marques de Melo em todo projeto científico que tenho desenvolvido como forma de gratidão ao mestre, em respeito às Ciências da Comunicação e consideração à minha responsabilidade social enquanto pesquisador, meu maior propósito. E o faço não por falta de resposta, mas por usá-lo como lição, uma lição não muito comum dentro dos espaços universitários. Não costumamos identificar, com facilidade, motivos para encontrar uma maneira de transformar a sociedade se não nos dão evidências de como essa transformação pode ser possível.

Pensar um projeto de pesquisa como um primeiro passo para transformar a sociedade tem sido um desafio no Brasil, uma vez que nossa cultura de educação bancária, concepção do educador Paulo Freire, tem raízes históricas que até a contemporaneidade limitam pesquisas dos mais variados

níveis dentro de bibliotecas, ao invés de lançá-las ou aplicá-las à sociedade. É por essa concepção que carregamos o fardo de conviver em uma sociedade onde a universidade e a pesquisa científica pouco ou quase nada significam, o que é um tanto contraditório, já que a transformação social exige a construção e propagação do conhecimento.

Por mais que José Marques de Melo não tenha tido tempo de concluir a minha orientação, minha dissertação carrega muito do que aprendi ao seu lado no tempo que passamos juntos. Posso apresentar dois grandes motivos. Primeiro porque seu questionamento me perseguiu e serviu de base para modificar a abordagem da pesquisa¹. A partir daquele momento, passei a olhar para a minha proposta de investigação como mecanismo de intervenção social, ainda que essa possibilidade não seja possível a curto prazo. Segundo, considere que os estudos latino-americanos são capazes de responder aos fenômenos apresentados, todo o aporte teórico da dissertação correspondeu a esse recorte, em defesa do Pensamento Comunicacional Latino-americano e contra a “síndrome do vira-lata”, como bem pontuou Marques de Melo.

Não tenho dúvidas de que a relação entre orientando e orientador interfere na construção e na qualidade das pesquisas e garante eficácia, sobretudo na pós-graduação. Desta nossa convivência, seja através do desenvolvimento de projetos ou das trocas de experiências pessoais e humanas, resulta a minha inserção efetiva no campo acadêmico e científico, o reconhecimento daquilo que me propus a desenvolver ao lado do professor e a contribuição que deixo com a pesquisa que desenvolvi.

O interesse do professor Marques de Melo em oportunizar e delegar funções a jovens, assim como eu, a buscar

1. A isso chamo de processo de amadurecimento intelectual, sobre o qual discuti e justifiquei na introdução da minha dissertação (Santana, 2020).

não só uma carreira de destaque no mundo do trabalho, mas fazer aquilo que se relaciona aos interesses do que tanto pregou Paulo Freire: conscientizar cidadãos autônomos e ciente de seu compromisso com a sociedade².

O trabalho intelectual de Marques de Melo se destaca pelos lugares em que esteve, cargos e ofícios que ocupou e o grande respaldo acadêmico-científico das suas pesquisas na formação do Campo da Comunicação no Brasil. No entanto, tratá-lo unicamente como professor e pesquisador muitas vezes dá margem para torná-lo um modelo acabado, imutável. Isso impede, de certa forma, de entender seu papel não apenas como um profissional que fazia parte da elite acadêmica brasileira e internacional, mas como um ser humano que se preocupava em fazer do mundo um lugar de respeito e com igualdade de direitos.

Por isso, não pretendo resumir este texto a uma biografia³ de José de Marques de Melo, tampouco torná-lo mais um texto de homenagem, afinal essas tarefas muitos outros pesquisadores e pesquisadoras assumiram e desenvolveram muito bem. Não desenvolvi um estudo apurado de sua vasta bibliografia e nem pretendo trazer contribuições efetivas. Este esclarecimento é necessário para evitar possíveis mal-entendidos, equívocos e frustrações.

A minha experiência com Marques de Melo foi o meio que a vida me ofereceu para, em 2023, ano que o mestre completaria 80 anos, recobrar minhas lembranças e retomar algumas das lições que nutrem a pujança do meu caminhar. O que eu procuro neste texto, inicialmente, é, a partir dessa reconstrução que faço

2. Sobre esta perspectiva, o educador discute em *Educação e mudança* (Freire, 2018).

3. Recomendo a leitura de dois importantes trabalhos com este propósito: *O Guerreiro Midiático - Biografia de José Marques de Melo*, de Sérgio Mattos (2010), e *José Marques de Melo* (Grandes Nomes da Comunicação), organizado por Maria Cristina Gobbi (2001).

da nossa primeira conversa – momento que traçou um caminho e que nos fez andar juntos no processo do meu amadurecimento intelectual e humano –, apresentar aspectos da trajetória de vida que justificam a atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo nas Ciências da Comunicação.

Para organizar a linha de raciocínio – principalmente para evitar tomar outros rumos diante de sua vasta trajetória –, busco percorrer alguns aspectos históricos de sua trajetória e algumas de suas principais ideias e contribuições. Assim, apresento, nas páginas que seguem, três perspectivas que estão relacionadas ao que considero “o grande diferencial” do mestre e que, para mim, justificam o seu maior legado: a atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo.

Devido às limitações de tempo e espaço e em reconhecimento ao que se tem produzido sobre a atuação do professor Marques, não será possível apresentar tudo o que ele já desenvolveu, mas busco abraçar os aspectos de sua atuação humana que o tornam singular e desbravador de seus próprios pensamentos e indagações.

A atuação de José Marques de Melo

A atuação de José Marques de Melo não começa e nem termina na busca pelo estabelecimento de um campo da Comunicação. Inclusive, essa atuação não se restringe apenas ao que ele produziu, aos seus inúmeros cargos, ofícios e escritos, mas também à forma como desenvolveu seu trabalho – que parte de entender sua atuação humanizadora e sua busca pelo bem e respeito ao próximo.

Advindo de um gueto alagoano, Marques de Melo começou sua carreira na comunicação como “jornalista comunitário” aos 15 anos. Este aspecto demonstra que sua atuação se perpetuava de forma diferenciada, uma vez que o

próprio Marques relacionou a prática jornalística a este âmbito. Este fator demonstra que a interferência do espaço em que conviveu foi significativa ao escolher atuar como jornalista e decidir, mais tarde, seguir carreira de pesquisador.

Lá em Alagoas fui repórter da Gazeta de Alagoas, cobrindo a minha comunidade, Santana do Ipanema. As pautas eram aquelas coisas corriqueiras: casamento, eleição, velório... eu ia prestando atenção nos temas ligados a estagnação da comunidade. O pessoal fazia muita festa, muita comemoração e a escola estava caindo aos pedaços. Havia uma série de problemas ligados à economia, política etc. Essa orientação já era meu desejo de contribuir para a comunidade melhorar. Esse desejo de contribuir para a comunidade melhorar. Esse desejo veio da minha família, que é de classe média, e da influência que eu recebi na escola e na igreja. Eu fui vinculado aos movimentos católicos. Na adolescência, eu já pertencia à cruzada eucarística infantil, que fazia atividades comunitárias (Marques de Melo, 2018, p. 169-170).

Seu interesse pelo jornalismo começou com a paixão pela leitura de livros e jornais diários. Movido pela curiosidade sobre os fundamentos do jornalismo, a partir da influência de Rui Barbosa em *A imprensa e o dever da verdade*, “decide passar da reflexão à ação” (Gobbi, 2001, p. 11). O que se destaca é o valor da atuação de Marques de Melo em encontrar na sua formação uma maneira de intervir na sociedade onde vivia, ainda que fosse desafiador lidar com a verdade dos fatos na prática jornalística, que por vezes não é uma tarefa simples.

No espaço universitário, percebeu a importância da formação jornalística para uma prática responsável baseada em princípios éticos e optou por um jornalismo independente. Dentre suas experiências, destacam-se a aproximação com o

pernambucano Luiz Beltrão e sua experiência no Departamento de Pesquisas do Instituto de Ciências da Informação (Icinform) da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), no qual desenvolveu sondagens sobre o público que consumia informação, como leitores e telespectadores. Essa experiência justifica a atenção aos ensinamentos que até hoje tornam Beltrão referência nos estudos do Jornalismo e da Comunicação na luta pelo aperfeiçoamento dos métodos de comunicação em uma sociedade que buscava se desenvolver, mas não atendia às necessidades profissionais e sociais de um campo ainda muito pouco conhecido no Brasil.

Catedrático no *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL)*, Luiz Beltrão deu aulas sobre metodologia do ensino de jornalismo, até então uma metodologia questionada, mas também muito cobiçada.

Como o Nordeste não tinha recursos para instalar uma escola de Jornalismo, não tínhamos nem sequer uma máquina de escrever no curso. Então, ele engendrou um método que se chamava Jornal Cobaia. [...]. Nas escolas de Medicina, o aluno entra e recebe um cadáver para dissecar e trabalha quatro, cinco anos com aquele mesmo cadáver. Ele fez a mesma coisa, cada grupo recebia um jornal e mandava a gente dissecar e fazer as críticas. Nos fazia entrevistar os editores, os repórteres, os anunciantes, os leitores. [...]. Depois a gente tinha de criar um novo jornal a partir dessa crítica. Não era só uma pesquisa de denúncia. Esse é um método típico de Beltrão, muito sintonizado com a comunicação para o desenvolvimento (Marques de Melo, 2018, p. 176).

Essa experiência justifica seu interesse pela Folkcomunicação e o quanto o autor dedicou sua carreira acadêmica aos estudos de uma comunicação voltada para o desenvolvimento

em atenção aos métodos de comunicação com os diferentes grupos sociais, o que ascendeu também o desenvolvimento dos estudos folkcomunicaçãois⁴. “Beltrão também me inspirou na área da cultura popular. Eu sempre tive predileção pela cultura popular. Desde a minha infância, eu lido com aqueles grupos folclóricos e tal” (Marques de Melo, 2018, p. 176).

A relação de proximidade com Luiz Beltrão justifica a forma como Marques de Melo passou a lidar com os estudantes no espaço universitário, desde o incentivo ao curso de jornalismo, já que naquela época a prática jornalística não oferecia muitos benefícios financeiros, a aproximação concretizada nas atividades que desenvolveram juntos dentro e fora da Unicap⁵.

Ao percorrer as experiências profissionais do professor Marques de Melo, é possível perceber que muitas das funções que assumiu justificam seu lugar no campo científico. Enquanto ainda cursava jornalismo, Marques de Melo viveu uma experiência profissional na Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene)⁶, criada em 1959 pelo governo de Juscelino Kubitschek e João Goulart, onde atuou na assessoria técnica, diretamente com Celso Furtado.

À frente da Sudene, coube a Furtado (1959) preparar uma política de desenvolvimento para o Nordeste, a partir de uma análise a respeito da região dentro do quadro do desenvolvimento econômico nacional com algumas

4. Sobre isso, sugiro leitura do artigo que desenvolvi junto a Guilherme Moreira Fernandes e Karina Janz Woitowicz, intitulado Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional, publicado pela *Revista ALAIC* (Fernandes *et al.*, 2021).

5. Sobre isso, sugiro a leitura do livro *José Marques de Melo* (Série Grandes nomes da Comunicação), organizado por Maria Cristina Gobbi (2001).

6. Na época, o órgão foi criado com o intuito de “intervir na região através de um planejamento para o desenvolvimento, principalmente devido a problemas mais urgentes, como a constante seca, fator de irregularidade do clima; o elevado número de mão-de-obra; as políticas de desenvolvimento adotadas do país; e a transferências de recursos para fora da região” (Santana, 2020).

considerações e recomendações que objetivavam modificar e solucionar os problemas da região.

O método de Furtado (1974) partia de explicar o caso do subdesenvolvimento brasileiro como uma situação de dependência a partir de uma visão da economia mundial em contraste com a dinâmica das economias dominadas e um aprofundamento a respeito das raízes históricas. A dependência e o subdesenvolvimento tratam-se, assim, de dois processos que causam crescentes desequilíbrios sociais, políticos e econômicos.

Para Furtado (1974), muito mais que um processo de evolução econômica, o desenvolvimento deveria tratar-se de adaptação das estruturas sociais a uma abertura de novas possibilidades ao ser humano, sem que a dimensão econômica se desvincule da dimensão cultural. Ou seja, em qualquer concepção o desenvolvimento deveria resultar do avanço econômico paralelo à melhoria na qualidade de vida, na busca constante pela diminuição da pobreza, do desemprego e da desigualdade, e na promoção de condições de saúde, alimentação, educação e moradia.

Esse pensamento foi significativo para os primeiros estudos da Comunicação no Brasil que se desenvolvia aos poucos, sobretudo a partir dos anos 1960. A maior aproximação de José Marques de Melo com a literatura de Comunicação para o Desenvolvimento aconteceu após a conclusão da graduação, no curso de Pós-graduação em Ciências da Informação Coletiva, promovido pela CIESPAL.

Eu queria fazer comunicação para ajudar a resolver os problemas da minha comunidade. Foi com essa noção de desenvolvimento que percebi o desenvolvimento comunitário. Eu não faço essa separação entre comunicação para o desenvolvimento e comunicação. Não há comunicação para o não desenvolvimento. Comunicação é a essência do desenvolvimento.

Sem liberdade, sem democracia não podemos ter progresso (Marques de Melo, 2018, p. 171).

O cenário político brasileiro levou Marques de Melo a São Paulo e a sua vocação de professor o permitiu entrar e fundar a Escola de Comunicações e Artes (ECA) na Universidade de São Paulo (USP). Foi escolhido para comandar o recém-fundado Departamento de Jornalismo da ECA, no qual estruturou a grade curricular, implantou laboratórios e contratou professores, funcionários e monitores. Ganhou projeção internacional por sua participação na revisão do currículo mínimo do curso de Jornalismo, pelo Ministério da Educação, e na regulamentação da profissão de Jornalista no Ministério do Trabalho (Gobbi, 2001).

O interesse por sua área de investigação em um período de forte pressão política, devido às consequências do Golpe Militar de 1964, só foi plenamente efetivo quando, cassado seu cargo na USP – onde permaneceu em um primeiro momento entre os anos de 1966 e 1974 –, passou a atuar na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Foi na Metodista que ele desenvolveu a linha *Comunicação para o Desenvolvimento* e construiu um espaço alternativo de envolvimento com os estudos da América Latina em um projeto de internacionalização dos estudos de Comunicação do Brasil. Embora sua trajetória como jornalista fosse significativa, Marques de Melo viu a necessidade de priorizar o trabalho acadêmico, ainda mais quando percebeu que sua trajetória havia sido impactada pelas atribuições em um campo que vivia um processo de construção. Com orgulho, se dedicou à sistematização e à legitimação das Ciências da Comunicação, sobretudo quando esta área entrava em uma condição marginalizada no panorama universitário brasileiro.

Na contramão dos momentos de tensão e forte repressão vividos pelo Brasil, Marques de Melo seguiu fiel à sua paixão e não permitiu que o cansaço o impedisse de superar sua ambição em fazer do país um lugar mais justo. Ainda que tenha retornado à USP após sua anistia e se aposentado em 1993, permaneceu na instituição até 1999, em atenção ao trabalho de orientador de estudantes dos cursos de mestrado e doutorado.

Além disso, no meio desse período participou da fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), um legado que foi semeado e atualmente deixa inúmeros jovens (outros nem tão jovens assim) que seguiram no campo da pesquisa científica nos centros de investigação e universidades ou nos mais variados postos de trabalhos. Sem dúvidas, um dos seus maiores legados.

A brasilidade no trabalho de José Marques de Melo

O que poderia definir a brasilidade senão a lealdade pela identidade cultural de um povo? Qualidade própria daquilo que nos faz brasileiros e brasileiras, uma das maneiras de compreendê-la é por meio do reconhecimento de toda produção concreta ou simbólica daquilo que carrega o sentido da concepção identitária.

O que chamo de brasilidade tem a ver a com a luta de José Marques de Melo pela nacionalização da pesquisa em Comunicação desenvolvida no Brasil, em consideração ao reconhecimento da produção local dentro de um campo legitimamente brasileiro e sua consequente internacionalização – através da projeção de destaque no âmbito mundial a partir da Escola Latino-Americana de Comunicação.

A discussão sobre o campo científico da Comunicação não é nova, mas a formação de uma comunidade acadêmica mundial só ganhou respaldo no século XX, depois da Segunda

Guerra Mundial. Historicamente esse campo se constituiu um pouco antes desse período nos Estados Unidos da América (EUA). Marques de Melo (2008b, p. 8) reconhece que o Brasil até participou desse momento histórico, “mas ficou ausente da vida comunitária por falta de uma comunidade nacional organicamente constituída”.

Mas como desenvolver um novo campo do saber em uma sociedade tão complexa como a brasileira? Justamente por compreender essa realidade que Marques de Melo (2003, p. 33) entende que o nascimento de um campo surge como consequência das demandas coletivas em um processo de compreensão e controle dos fenômenos sociais emergentes. “Começa na base da sociedade, robustecido pelo senso comum. Amplia-se e desenvolve-se no interior das organizações profissionais, culminando com uma legitimação cognitiva por parte da academia”. De forma breve, a formação do campo requer a efetiva convergência entre a *práxis*, a partir da aplicação do saber acumulado, e a teoria, apropriação do saber prático, através do ensino e da pesquisa.

A problemática do não reconhecimento da produção local vai justamente em direção às metodologias insuficientes para interpretar a realidade brasileira, que possuía significativa particularidade frente ao cenário mundial no que se refere ao cenário social e comunicacional. “A natureza continental e a topografia acidentada do espaço brasileiro inibiram, durante vários séculos, a interiorização dos fluxos comunicacionais” (Marques de Melo, 2015b, p. 17), uma vez que “a institucionalização do cenário midiático brasileiro está relacionada ao período histórico de desenvolvimento econômico (Marques de Melo, 2011).

É por esta perspectiva que os estudos de Marques de Melo seguem a noção de uma comunicação voltada para um desenvolvimento numa perspectiva social, principalmente

porque historicamente a industrialização transforma o ritmo da sociedade, acelera a urbanização e atinge a comunicação, juntamente com as novas determinações político-ideológicas. Essa forma, segundo Marques de Melo (1976), demonstra que a alta concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos e grandes empresários e políticos se torna ameaça à pluralidade da mídia e um risco à democracia.

O outro lado da moeda vai ao encontro do que Luiz Beltrão (2014) propôs ao demonstrar que muitos indivíduos seguiam à margem, invisibilizados econômica, política, social e culturalmente, frente a uma elite dirigente que desconsiderava as alternativas de organização destes, pensamento que deu base para a formulação da folkcomunicação.

Por reconhecer a urgência de avaliar essa realidade, a atuação pela democratização do conhecimento foi marco na vida de Marques de Melo. Essa ideia partia da necessidade de fortalecer os estudos da Comunicação focados na realidade brasileira a partir das investigações científicas e reflexões do campo comunicacional, bem como a vida e a obra daqueles e daquelas que se destacaram no estudo, na divulgação e, principalmente, no fortalecimento do conhecimento da comunicação no país⁷.

Tendo em vista a escassez de obras em circulação no mercado nacional que pudessem suprir as carências intelectuais dos jovens ingressantes em nossas faculdades de comunicação, empreendi uma ambiciosa cruzada para divulgar suas ideias, tanto através de antologias quanto de opúsculos editados pela gráfica da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. [...]. Fazia falta uma obra de referência contendo o inventário crítico das contribuições humanísticas ao campo comunicacional, considerando que a escassez de cabeças

7. Uma característica dessa atuação se baseou na preferência por livros físicos, ao invés de artigos científicos, por exemplo, por considerar o grau de acessibilidade a essas obras nas bibliotecas distribuídas nas universidades do país.

pensantes inibia a exposição pública dos que tinham acumulado conhecimento nessa área (Marques de Melo, 2015a, p. 28).

Essa perspectiva se baseia em nutrir os espaços universitários com uma produção local que instituisse mecanismos de cooperação e intercâmbios, no sentido de acabar com o “complexo de inferioridade” ou “síndrome do colonizado” e estimular a pesquisa crítica em consideração ao “[...] legado humanístico dos pensadores brasileiros que antecederam a constituição do campo acadêmico da comunicação” (Marques de Melo, 2015a, p. 37).

Frente ao pensamento científico colonial no âmbito da cultura e da comunicação, da clareza da exclusão dos estudos voltados realidades locais e regionais, impostos pela ciência moderna, José Marques de Melo questiona as diferenças entre os marcos teóricos e a realidade estudada, por considerar, principalmente, que tanto o campo da Comunicação no Brasil quanto na América Latina correm riscos de serem esquecidos em seus próprios territórios, fenômeno típico das sociedades periféricas.

Corroídas pelo complexo do colonizado, suas universidades se estruturam segundo modelos forâneos, deles constituindo muitas vezes aparelhos a-críticos. Mais grave ainda: seus intelectuais padecem da doença infantil do reprodutivismo deslumbrado, preferindo buscar referências (defasadas ou impróprias) apenas nas fontes do conhecimento d'além fronteiras. Vacilam, portanto, em reconhecer as singularidades dos pensadores regionais ou nacionais que os procederam, legando-lhes contribuições inovadoras ou problematizantes (Marques de Melo, 2003, p. 43).

O alcance de visibilidade mundial só acontece a partir da década de 1990, quando o Brasil obteve “condições de participar

do debate internacional sobre as questões comunicacionais no mundo contemporâneo (Marques de Melo, 2015a, p. 30) em uma virada de chave em sua história ao receber o Congresso Bienal da *International Association for Media and Communication Research (IAMCR)* no Guarujá, em 1992.

Marques de Melo (1999) reconhece o papel fundamental do Ciespal na realidade latino-americana na realização de projetos descritivos ou interpretativos sobre as estruturas comunicacionais das nações da referida região, que mais tarde são reproduzidas nas universidades locais. A formação e a legitimação do campo no âmbito brasileiro se devem às iniciativas de Luiz Beltrão e às ações de entidades como a Intercom que deram prosseguimento e incentivo à produção e à circulação de pesquisas na área⁸.

O desenvolvimento de pesquisas a partir das iniciativas da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, instalada em 1996 na Metodista, também foi primordial para “o fortalecimento das identidades culturais regionais e locais, e o resgate das pesquisas em comunicação da América Latina, articulação acadêmica internacional entre pesquisadores latino-americanos” (Santana, 2017, p. 10), o que deu origem e reconhecimento ao Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-americano, sobretudo a partir da virada do século⁹.

O interesse de José Marques de Melo

Apósaspáginasdeesclarecimentodaatuaçãohumanística e a defesa pela brasilidade de José Marques de Melo que antecedem

8. Sobre a projeção brasileira na Escola Latino-americana de Comunicação, conferir o texto de José Marques de Melo (1999).

9. Sobre a Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento regional, sugiro conferir o texto “Cátedra, um olhar retrospectivo” publicado no *Anuário Unesco* sobre o importante papel das pesquisas desenvolvidas sob a coordenação do professor Marques de Melo de 1996 a 2018 (Santana, 2017).

este último tópico, as razões pelas quais o intelectual se dedicou às Ciências da Comunicação são relativamente óbvias. Em uma perspectiva profissional e intelectual, poderíamos considerar que o seu maior objetivo era dar projeção mundial aos estudos comunicacionais brasileiros e latino-americanos na formação de um campo sedimentado, estruturado e bem localizado. No entanto, ainda não nos é possível enxergar claramente esses interesses se não considerarmos que suas iniciativas tratam de meios para alcançar um fim: o bem-estar social.

Enfrentamos um grande desafio histórico: superar o “mutismo” do homem brasileiro, evitando que a palavra permaneça como privilégio de poucos. Não se trata de apenas favorecer a loquacidade dos cidadãos, mas de fomentar a difusão de conteúdos socialmente relevantes, de modo a nutrir o discurso coletivo (Marques de Melo, 2010, p. 10).

Há razões óbvias para seguir com esse pensamento. Primeiro, que seu propósito começa na própria decisão de fazer jornalismo e contribuir com o campo, que posteriormente se expande para a defesa da Comunicação. Segundo, pela sua própria noção de atuação profissional em prol da sociedade. Em outras palavras, seu trabalho busca trazer significado e incentivo a uma “ação coletiva”, ou seja, “cruzada disposta a preservar a saúde do planeta e tornar melhores as condições de vida dos seus habitantes” (Marques de Melo, 2010, p. 11). Essa atuação vai ao encontro da lógica da comunicação como prática de liberdade em uma noção freireana em que a educação dialógica não é simplesmente uma transferência de saber, mas um encontro de sujeitos que põe em xeque a significação dos seus significados (Freire, 1983).

Tanto é que os estudos da própria perspectiva teórica da Comunicação para o Desenvolvimento quanto o da Folkcomunicação estão entrelaçados na noção da realidade

brasileira no decorrer do processo de desenvolvimento capitalista enfrentado no Brasil principalmente a partir da década de 1960. Concluía-se que à medida que a sociedade avançava, se distanciavam cada vez mais os grupos e seus ideais, com a criação de entraves na comunicação que se refletiam nas diferenças sociais, econômicas e culturais (Beltrão, 2014)¹⁰.

Abandonados à própria sorte, por uma libertação tardia ocorrida no final do século XIX, os remanescentes da escravidão agravaram o êxodo rural, engrossando as comunidades marginais que deram origem às favelas hoje espalhadas pelos cinturões metropolitanos. Nesses guetos, eles se comunicam de forma rudimentar. Valendo-se de expressões folkcomunicação enraizadas nas tradições étnicas, vão se adaptando às cidades. E defrontam-se empaticamente com as expressões culturais geradas pelos fluxos massivos (cinema, disco, rádio, televisão) resultantes das descendências culturais europeias (Marques de Melo, 2015b, p. 18).

Por essa perspectiva, Marques de Melo (2015b) defende que o Estado deve reconhecer a Comunicação e se abrir às políticas públicas de comunicação frente às demandas do século XXI em consideração à exclusão comunicacional de grande parte da população brasileira. Trata-se, portanto, de reduzir o impasse institucional, no que se refere ao quadro de exclusão social e da indigência educacional a partir da avaliação e da projeção de ações para a construção de políticas coerentes com a realidade brasileira.

Breves considerações

O grande legado de José Marques de Melo foi brevemente apresentado nas páginas anteriores e está intrinsecamente

10. Juntamente com Camila Escudero e Guilherme Moreira Fernandes, propus o cruzamento entre a Folkcomunicação e a Comunicação para o Desenvolvimento, cf. Santana *et al.* (2023).

relacionado à sua produção intelectual e humana. Intelectual porque a partir de toda experiência que adquiriu e das funções que assumiu durante toda a sua vida construiu uma vasta obra que, sem dúvidas, não será esquecida e nem apagada. Humana, por sua vez, porque carregou em suas veias o sangue de um cidadão de um gueto alagoano capaz de semear afetos para além das fronteiras do fazer ciência e conquistar lugar no coração de todas e todos aqueles que, assim como eu, tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Ao professor Marques, ao seu legado e a todos os seus seguidores e seguidoras, amigos, amigas e familiares, peço perdão por propor em tão poucas páginas apresentar aspectos de uma trajetória de vida jamais se resumiria em um capítulo ou um livro. Obviamente estou fora do seu tempo, das grandes experiências que viveu, fora de muitos dos laços de afeto que Marques de Melo estabeleceu durante sua jornada em vida. Mas reconheço a necessidade de registrar parte de sua breve passagem em minha vida para demonstrar, nas linhas que escrevi, o que aprendi com o mestre e o quanto a minha trajetória deve à sua existência. Talvez essa tenha sido, desde a sua partida, a maneira que encontrei de registrar a sua importância não só no campo científico, mas na vida de quem ainda acredita que é possível tornar esse mundo um lugar melhor.

Referências

Beltrão, L. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

Fernandes, G. M. et al. Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación Online**, v. 20, p. 60-71, 2021.

- Freire, P. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- Freire, P. **Educação e mudança**. 38 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- Furtado, C. **Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1959.
- Furtado, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- Gobbi, M. C. Parte 1 – formação e trajetória acadêmica. In: Gobbi, M. C. (org.). **José Marques de Melo** (Série Grandes nomes da Comunicação). Recife: Unicap; Estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001. p. 11-68.
- Marques de Melo, J. **Comunicação, opinião e desenvolvimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- Marques de Melo, J. **Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- Marques de Melo, J. Escola Latino-Americana de Comunicação – gênese, crescimento, perspectiva. In: Marques de Melo, J.; Gobbi, M. C. (Org.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.
- Marques de Melo, J. **História do pensamento comunicacional: cenários e personagens**. São Paulo: Paulus, 2003.
- Marques de Melo, J. O Campo da comunicação no Brasil. In: Marques de Melo, J. (org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008a.
- Marques de Melo, J. **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Maud X, 2008b.
- Marques de Melo, J. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008c.
- Marques de Melo, J. **Os caminhos cruzados da comunicação**:

política, economia e cultural. São Paulo: Paulus, 2010.

Marques de Melo, J. **Brasil democrático**: comunicação e desenvolvimento. Brasília: Ipea, 2011.

Marques de Melo, J. José Marques de Melo: A prima pobre das ciências sociais. [Entrevista cedida a] Mariluce Moura. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, Ed. 201, nov. 2012. Disponível em: <revistapesquisa.fapesp.br/jose-marques-de-melo-a-prima-pobre-das-ciencias-sociais>. Acesso em: 01 out. 2023.

Marques de Melo, J. Introdução. In: Marques de Melo, J.; Fernandes, G. M. (orgs.). **Pensamento comunicacional brasileiro** – o legado das Ciências Humanas III: Mídia e Consumo. São Paulo: Paulus, 2015a. p. 27-40.

Marques de Melo, J. Políticas públicas de comunicação: desafios brasileiros na era digital. In: Schmidt, C.; Valente, H.; Prados, R. M. **Mídia e políticas culturais**. São Paulo: Ícone, 2015b. p. 52-64.

Marques de Melo, J. A comunicação serve para que?": Prof. Marques de Melo e sua trajetória de jornalismo comunitário, resistência civil e comunicação para o desenvolvimento. [Entrevista cedida a] Thomas Tufte. **Intercom RBCC**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 169-185, maio/ago. 2018.

Santana, F. Cátedra, um olhar retrospectivo. Anuário Unesco/ Metodista de Comunicação Regional, Ano 21 n. 21, p. 9-12, jan./dez. 2017.

Santana, F. **O Caranguejo e a construção da identidade cultural de Aracaju**: uma análise folkcomunicacional. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

Santana, F. *et al.* Aproximações teóricas e metodológicas entre a Folkcomunicação e a Comunicação para o Desenvolvimento (C4D). **Intercom RBCC**, São Paulo, v. 46, p. 1-16, 2023.

Mattos, S. **O Guerreiro Midiático**: biografia de José Marques de Melo. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Intercom, 2014.

José Marques de Melo e Paulo Freire: dois nordestinos comprometidos com a Educação

Ricardo Costa Alvarenga

Pensar sobre as proximidades entre duas figuras tão importantes como José Marques de Melo e Paulo Freire é uma tarefa fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque ambos eram apaixonados pela Educação e entendiam que nela estava a chave para a transformação da sociedade e difícil pela complexidade de suas fortunas críticas ao campo científico. Trata-se efetivamente de duas figuras de extrema importância para o Brasil.

Neste texto busco resgatar elementos que são característicos da pessoa do professor José Marques de Melo e que dialogam diretamente com a reflexão de Paulo Freire. Primeiramente é importante destacar que ambos são nordestinos. São dois homens que deixaram o Nordeste em um determinado momento de suas histórias para ganhar o mundo com suas reflexões, mas que acima de tudo têm no Nordeste a sua base, a sua formação inicial e sem dúvidas as marcas do seu pensamento. Esse é um fato importante, pois nos ajuda a entender e reforçar a identidade do Nordeste, também como um espaço de produção de conhecimento e geração de intelectuais.

1. O presente texto foi apresentado pelo autor durante a live realizada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) sobre as aproximações entre Paulo Freire e José Marques de Melo em 2021.

Temos, assim, dois grandes nordestinos: Paulo Freire com toda sua contribuição que nos ajuda a pensar a Educação e professor José Marques de Melo com tudo que fez no campo da Comunicação. Dentre seus grandes feitos, a provocação para criação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), que é a nossa principal sociedade científica do campo. Trata-se de dois homens, que são referências para mim tanto como professor, quanto pessoa e profissional da comunicação.

Selecionei cinco trechos de obras do Paulo Freire que na minha perspectiva remetem diretamente às características do professor José Marques de Melo. Assim, desenvolvo esse texto construindo uma ligação, entre o que diz Paulo Freire e a prática, a “práxis”, como diria ele mesmo, do professor Marques de Melo.

O primeiro destaque é para a frase em que Paulo Freire diz o seguinte: “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”. Quem teve a oportunidade de conviver mais de perto com o professor Marques de Melo sabe que ele era a materialização dessa frase de Paulo Freire. O professor Marques estava com a vida toda entregue, impregnada pela prática da educação, pelo desejo da educação. Ele teve uma vida toda entregue à docência. Sem reservas. Ele estava ali disponível, ele se aproximava, ele se fazia próximo.

O professor Marques de Melo era essa pessoa que se impregnou, que impregnou de sentido tudo aquilo que fazia. E por isso, ele educava a todo instante. Recordo com muita saudade das diversas oportunidades que tivemos de encontro na Universidade Metodista de São Paulo, também na Intercom. Como seu orientando de mestrado e doutorado tive a possibilidade de conviver e de aprender com esse grande mestre que, sem dúvida nenhuma, impregnou de sentido toda a sua prática educacional.

Um segundo trecho da reflexão de Paulo Freire, que trago nesse momento, é justamente “O amor é um ato de coragem”. Paulo Freire fala de coragem e de proximidade para viver plenamente a dimensão do amor na prática educacional e o professor Marques de Melo teve essa relação de entrega, de compromisso efetivo com a docência, permitido a todos nós que estávamos próximos também uma relação afetiva, uma relação democrática com seus orientandos, uma relação de participação, onde era possível estabelecer um vínculo a partir da proximidade. Neste sentido, emergem diversas lembranças afetuosas como as de visitá-lo na sua casa, almoçar, conversar, aprender e conviver com ele.

Acredito que o fato de o professor Marques de Melo conseguir ensinar através da convivência, da relação, é algo muito característico da sua trajetória e que dialoga diretamente com essa perspectiva da educação como uma prática de liberdade de Paulo Freire. Em sua grande maioria, os orientandos do professor Marques de Melo conseguiram trazer consigo essa característica dele. Eu, por exemplo, tenho também uma relação de muito carinho e de muito respeito pela professora Cicilia Peruzzo, que foi orientanda dele e que também carrega essa característica de manter-se próxima e, através dessa relação de proximidade, ela educa, ela fortalece, ela cria vínculos e, assim, transforma e gera impacto.

Com o professor Marque de Melo era nítido que havia um diálogo, uma disposição, uma disponibilidade para o contato e para interação. Acho que isso é um ponto fundamental de pensar, particularmente nos dias de hoje. Atualmente, enquanto professor, me inspiro muito nesses dois professores porque são pessoas que me motivaram, que me mobilizaram para todos os avanços que dei na minha trajetória.

Uma terceira frase de Paulo Freire, que me chama muito atenção e que trago para compartilhar aqui, nesse momento,

é a frase em que ele dizia: “Educar trata-se de aprender a ler a realidade para em seguida poder reescrever essa realidade”. Isso me recorda muito do professor Marques de Melo, especialmente pelo seu desejo por novos projetos, por impulsionar sempre uma reflexão sobre o que estava acontecendo.

Lembro com clareza da pesquisa *Um dia na Imprensa Brasileira*, em que analisamos uma série de jornais de todas as regiões do Brasil, essa pesquisa surgiu do olhar atento do professor aos fenômenos e movimentos da atualidade. Ele estava sempre muito atento e nos provocava nesse processo. Então, para ele, de fato, a educação passava por essa lógica de aprender a ler a realidade e lendo essa realidade, nós poderíamos transformá-la.

Essa inquietação do professor Marques de Melo para ler a realidade sempre nos tirava do comodismo, pois havia algo, novos projetos e muitos e-mails. Lembro dele às terças-feiras na Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, na Universidade Metodista de São Paulo. Ali passávamos na sua sala e logo ele apresentava um projeto, uma proposta nova de interação. Esse movimento de estar olhando a realidade e a partir desse olhar transformar é algo que é muito característico da obra de Paulo Freire e da prática e produção intelectual do professor José Marques de Melo.

Importante destacar também todo o compromisso que o professor Marques de Melo teve ao longo da sua história na construção e no desbravamento de áreas de pesquisa. Destaco aqui o protagonismo do professor na leitura e no movimento de aprender com a realidade, exemplos concretos são o impulso que deu para os estudos sobre a Escola Latino-americana de Comunicação. Além de, lá no início de sua trajetória acadêmica, quando escreveu sobre *Comunicação/Incomunicação no Brasil* (1976), *Comunicação e Liberdade* (1981) e *Leitura Crítica da Comunicação* (1985), bem como todo o papel que ele teve na

formação de instituições que deram respostas sociais muito importantes dentro dos seus contextos e aqui eu destacaria, por exemplo, a União Cristão Brasileira de Comunicação e, a própria Intercom.

A penúltima reflexão de Paulo Freire que eu relaciono diretamente com a obra e com a práxis do professor Marques de Melo, é justamente a frase que diz: “Os homens se educam entre si, mediados pelo mundo”. O professor sempre buscou valorizar aquilo que o aluno tinha, ele buscava perceber a potencialidade desse aluno. Recordo-me que eu estava no primeiro semestre do mestrado e como eu pesquisava Comunicação e Religião, ele já me convidou para um evento na Intercom para falar sobre *As reflexões do Papa Francisco sobre Comunicação* e eu estava acabando de chegar, mas ele percebeu em mim um potencial para refletir sobre aquilo e investiu.

Perceber o processo educacional, o processo de aprendizagem, mediado por essas interações, por esses fenômenos, é algo muito marcante na figura do professor Marques de Melo. Ele sempre impulsionava, sempre percebia no outro o seu potencial. Muitos tiveram a oportunidade de conhecer o professor de perto e foram impulsionados por ele em algum aspecto, em um algum âmbito da sua vida.

Eu tive muitas experiências assim e sou muito grato por tudo isso. Nesse sentido, o professor Marques de Melo agia muito como esse docente que direciona e encaminha. Acredito que de fato, ele entendia a importância da perspectiva de uma formação que se dá dessa interação com o contexto, com o mundo. Somos sujeitos sociais, inevitavelmente, somos formados a partir desse contato com o outro.

Na minha última reflexão Paulo Freire diz: “é necessário ler o mundo para poder transformá-lo”. Sempre percebi no professor Marques de Melo essa provocação, de partir do

nosso lugar, de partir das nossas referências, para transformar a realidade. Eu mesmo cheguei para fazer mestrado com o professor Marques de Melo em 2015 e fui muito bem acolhido e sempre falava que após os estudos de Pós-Graduação pretendia voltar para o Maranhão, meu estado de origem, para contribuir com a minha terra e o professor sempre me incentivava a voltar e contribuir com o desenvolvimento da minha região. Por fim, diria que a relação entre as reflexões e provocações de Paulo Freire e a prática do professor Marques de Melo são perfeitamente identificadas, afinal foram dois nordestinos profundamente apaixonados e comprometidos com a educação e com a transformação social.

Referências

Freire, P. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Ed. Paz e Terra, 1996.

Marques de Melo, J. **Comunicação & Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981.

Marques de Melo, J. **Para Uma Leitura Crítica Da Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

Marques de Melo, J. (org.). **Comunicação/Incomunicação no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1976.

As grandes lições de um mestre que sempre se comportou como discípulo.

José Marques de Melo e a consolidação do campo comunicacional no Brasil

Orlando Maurício de Carvalho Berti

O querido mestre, humano, mais que humano

Falar do professor José Marques de Melo (nascido em 15 de junho de 1943, na cidade de Palmeira dos Índios – Alagoas – e falecido em 20 de junho de 2018, com 75 anos de idade, em São Paulo – São Paulo) não é só tratar sobre a história e feitos de alguém que dedicou toda a vida ao compartilhamento do conhecimento e às melhorias sociais do Brasil, mas também é trazer para todas as gerações, atuais e futuras, o merecido reconhecimento de alguém que dedicou a vida inteira a compartilhar o bem, via conhecimento, formando milhares de discípulos e discípulas, que continuam irradiando seus ideais, seus escritos e, principalmente, fortalecendo o que ele construiu em várias décadas de história em prol do campo comunicacional brasileiro. O professor Marques de Melo não só tem ligação direta, mas é elemento central para a consolidação, a ampliação e a multiplicação de ideias e ideais sobre o campo comunicacional brasileiro. Se hoje temos uma área consolidada enquanto lugar de saber e que tem merecido espaço científico, isso é dado por conta do trabalho do professor.

Sem José Marques de Melo, o campo comunicacional brasileiro estaria, certamente, vinte anos atrás (ou mais) em

relação ao que é hoje: um campo científico plural, regionalizado, múltiplo e positivamente polêmico em termos do que pensa e age, instigando, mais e mais, a formação de bons comunicadores em nível de graduação e pós-graduação. Pois foi o digníssimo professor um dos organizadores e desbravadores desse campo no Brasil. Ele, entre perseguições, isolacionismos, arrogâncias e até desuniões, conseguiu ser o agregador de ideias e pensadores e, via Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), fundada na década de 1970, conseguiu colocar o Brasil no *hall* dos países em que há uma maior consolidação do campo comunicacional em nível planetário. Várias outras sociedades foram fundadas nos anos posteriores, todas praticamente originárias de membros e com inspiração nos trabalhos organizativos e grupos liderados pelo professor José Marques de Melo.

Sabia ouvir, sabia provocar, sabia inspirare, principalmente, era a humildade em pessoa. Dos debates dos almoços ao Grupo de São Bernardo

Retratar o querido mestre alagoano (nordestino igual a mim e igual a milhares de retirantes do saber, que saíram de suas terras para alcançar sonhos no Sudeste para uma melhor formação) também é mostrar um ser humano, super-humano, alguém que se preocupava gigantescamente com quem estava a seu redor, seja física ou virtualmente. Sou mais que testemunha de tudo isso.

O professor José Marques de Melo foi alguém que não distinguia se você era estudante de graduação ou de pós-graduação, ou se você era um mestrando ou um catedrático, se você era professor em início de carreira ou com dezenas de publicações, se era advindo de um grande centro do país ou oriundo dos rincões do Brasil profundo. Ele, em sua humildade

ímpar, sempre fazia questão de escutar e estar presente. Parecia um monge, tamanha a sua paciência e atenção. Nunca o vi gritar com ninguém e muito menos se estressar.

Era incrível sua capacidade de humildade e humanidade. Pontos que até hoje levo em consideração e são inspiradores para nosso alunado.

Quantas e quantas vezes o vi tratando com uma singeleza paterna todos os colaboradores da universidade, independente de função, salário e formação! Quantas e quantas vezes não fomos testemunhas de sua atenção ímpar fora dos ambientes universitários, a todos os tipos de pessoas. Era o mesmo em sua singeleza.

O vi tomando essas atitudes e compartilhando sua imensa simpatia não só no Brasil, mas também fora do país, em vários eventos acadêmicos em que estivemos juntos. Era o mesmo José Marques de Melo, para todas e todos, sem distinção. O mesmo sorriso, a mesma voz mansa, o mesmo poder de atenção e aquela energia provocativa que sempre nos fazia crer que podíamos fazer mais.

O aluno mais novato na Universidade Metodista de São Paulo (onde esteve presente nos últimos 30 anos de sua vida acadêmica e onde o destino nos colocou cara a cara) até o reitor eram tratados do mesmo jeito pelo professor Marques de Melo.

Esse ponto humano do saudoso docente certamente nos fez e nos faz lembrar que, mais que títulos, a humanização do processo e o saber escutar fazem parte de nossa evolução.

Sou testemunha ocular desses dois tipos de situação.

O quanto ele fazia questão de conversar com o reitor da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) ao lado dos estudantes, bem no meio da Praça de Alimentação, sem nenhuma cerimônia ou luxo, muito menos levando em conta sua trajetória

de ter alçado aquela instituição, inicialmente localizada em um bairro operário da cidade de São Bernardo do Campo (região metropolitana de São Paulo), ao mundo.

Foi o professor Marques de Melo que tornou vivo, e pujante o Grupo de São Bernardo, que é a geração de centenas de mestres e doutores saídos da Universidade Metodista de São Paulo (sou um deles) que estão atuando em todos os estados brasileiros e em muitos cantos fora do país. Muito do quanto esse grupo foi, e continua emblemático, pode ser consultado em texto seminal do próprio professor José Marques de Melo na *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, a Revista da Intercom, em 1999, e em anos depois em várias publicações, principalmente da Editora da Universidade Metodista de São Paulo. O Grupo, como muitos gostavam de provocar, era uma máquina de publicações, principalmente do entendimento sobre uma comunicação realmente social, edificante e que desse respostas diretas aos problemas do cotidiano, tão carentes (ontem e hoje) em um Brasil que permanece paradoxal.

Nós, ex-alunos, ex-orientandos, discípulos convictos, admiradores e fãs (no meu caso: com mais de 12 anos de convivência com o querido mestre; iniciando como voraz leitor de seus livros – que chegou a superar a marca de uma centena, passando por aluno e depois companheiro de palestras e de muitos eventos, além de contumaz expectador de suas conversas durante os períodos na Universidade Metodista de São Paulo) sempre tivemos uma certeza (que levamos sempre para a sala de aula e ambientes de pesquisa e de extensão que frequentamos): a de que o grande mestre é aquele que se comporta como discípulo. E notamos que todas as palavras, escritos e atos do professor Marques de Melo são uma prova viva de tudo isso. Ele não era só discurso, um comunicador de gentis e sábias palavras, mas alguém de ação, aliás, de muita ação.

O digníssimo professor MM, como o chamávamos nas rodas de conversa da UMESP, sempre com muito respeito, nos deixou essa lição e nos provou o quanto tinha um coração gigantesco, bem do tamanho da quantidade de obras e seguidores que deixa pelo mundo.

A Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional na Universidade Metodista de São Paulo

Praticamente era um cartão de visitas estar em quaisquer universidades de Comunicação do planeta (tive a honra de estar em dezenas) e, sempre que era anunciado ser do Brasil, alguém perguntava se eu conhecia o professor Marques de Melo ou se tinha lido livros sobre ele.

Era praticamente um passe VIP dizer que era seu aluno e ser oriundo da universidade em que ele mantinha com muito garbo a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

A Cátedra tem como objetivo, segundo consta em seu site (2023), funções de disseminação de conhecimento produzido em toda a América Latina. Um dos pontos de grande contribuição ao campo acadêmico da Cátedra Unesco, fundada pelo professor Marques de Melo, é o emblemático *Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano*, tido como um dos maiores compêndios midiáticos da América Latina.

Este acervo é composto por tomos de pesquisas, milhares de teses, milhares de dissertações, dezenas de milhares de periódicos, entre outros materiais, alguns deles ímpares, que tratam sobre o campo comunicacional. Praticamente toda a vida do que foi sistematizado em termos da Comunicação brasileira e latino-americana está nesse acervo, que é aberto ao público e sempre foi um ponto de encontro dos discípulos do professor Marques de Melo na Universidade Metodista de São Paulo.

Era naquele espaço, de muitas mesas e muita receptividade, que ele atendia o alunado, o professorado e tantas outras categorias que ali o procuravam para o aumento de conhecimento.

A Cátedra, enquanto esteve sob a coordenação do professor Marques de Melo, promoveu centenas de publicações e dezenas de eventos, a maioria pontos iniciais de inspiração a jovens pesquisadores, atualmente a maioria inseridos em postos de sucesso profissional e social em universidades (públicas e privadas) e também em empresas (estatais e privadas).

Aquele lugar foi o pontapé inicial de muitas pesquisas emblemáticas. Vários alunos e alunas que entravam inicialmente como alunos especiais no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UMESP desenhavam e inspiravam dissertações, teses e pesquisas de pós-doutorado naquele lugar. É como se ali fosse uma fonte de conhecimento. No mínimo, tinha uma energia diferente, instigava inspiração e proporcionava debates incríveis.

O professor Marques de Melo adorava estar entre os presentes, ouvir e, com seu estilo ímpar, nos provocar com sua voz de monge. Por aquelas mesas da Cátedra Unesco passaram centenas de pessoas.

Aliás, foi em uma das mesas da Cátedra Unesco da UMESP que estivemos juntos pela última vez. O professor já definhava em sua saúde física, mas permanecia com uma memória de elefante. Sua última pergunta foi como estava e o que estava pesquisando o professor Evandro Alberto de Sousa, um amigo em comum e de grande carinho mútuo.

O professor Evandro Alberto de Sousa, tempos depois, foi eleito o primeiro professor de Comunicação para uma reitoria de uma universidade pública no Nordeste. Ele atualmente comanda a Universidade Estadual do Piauí.

Um legado que precisa continuar com a chama acesa. Ninguém substituirá o professor Marques de Melo, mas precisamos que suas ideias e ideais permaneçam mais que pujantes e promovendo a sedimentação do campo comunicacional brasileiro

O falecimento do professor Marques de Melo é a certeza que nos deixa o corpo físico, mas que seus ensinamentos só se fortalecem e provam o quão generoso foi. Um ponto a ser levado em conta, principalmente para a geração tão afamada de ser desmemoriada, é o quanto o professor lutou, agiu e foi emblemático no campo comunicacional brasileiro – e se hoje podemos realizar vários debates, em vários espaços privilegiados, muito foi dado por conta da ação do professor José Marques de Melo.

Idos alguns anos de sua passagem do plano físico para o plano espiritual, notamos o quando seus ensinamentos continuam válidos e atuais.

Lembro muito bem das reflexões que o professor José Marques de Melo fez na obra *A Esfinge Midiática* (2004), abordando o campo do conhecimento e as provocações sobre a Comunicação, o Jornalismo, as questões midiáticas em si, tão necessárias e prementes em nossa contemporaneidade.

A convivência do querido educador com seus discípulos nos fez não só aumentar a paixão pelo campo das Ciências da Comunicação, notadamente a Comunicação Social, mas também entender o poder que possui o compartilhamento dela e de suas interfaces sociais, com suas implicações diretas na realização de uma dissertação (Berti, 2009), uma tese (Berti, 2014) e um trabalho de pós-doutorado (Berti, 2017), todos com forte inspiração nas aulas, orientações e momentos de ensino do professor José Marques de Melo. Aliás, foi o professor o meu entrevistador na seleção de doutorado, fazendo uma pergunta

crucial que faço até hoje a todas e todos que seleciono: por que estudar conosco? E quais as contribuições que você pode dar para o mundo?

Muito do que o nobre professor pregava, e eternizou em seus escritos, casa exatamente com os conceitos contemporâneos de socialização do conhecimento. Aliás, a palavra *compartilhamento* é tão modal, mas, antes disso, na prática e no coração, já era feito pelo professor José Marques de Melo. Era comum sempre nos presentear com livros, sendo, até hoje, um dos maiores escritores e sistematizadores do campo comunicacional em língua portuguesa. Seus ensinamentos, segundo seu currículo na Plataforma Lattes (2023), proporcionaram 173 livros, 154 capítulos de livros, 238 artigos em revistas, 94 orientações de dissertações, 45 orientações de doutorado, seis supervisões de pós-doutorado. Até sua última atualização, fazia questão de levar o nome da Universidade Metodista de São Paulo em seus escritos e em sua história.

Memórias e consequências da honra da convivência com o professor José Marques de Melo

Sou fruto direto disso, muito pela convivência com o professor Marques de Melo (em eventos, na leitura de seus livros e, principalmente, na sala de aula, sendo seu aluno, em duas edificantes disciplinas, uma delas – *Pensamento Comunicacional Latinoamericano* – cujos ensinamentos e leituras levo até hoje) e também com minha querida orientadora Círcia Peruzzo, primeira aluna de Mestrado em Comunicação do Programa de Pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo, sem mais, nem menos, orientada pelo professor Marques de Melo.

Este texto é para refletir um professor Marques de Melo fora daquelas grandes conferências, além dos holofotes (em que

ele sempre soube se portar de maneira simples e longe de egos), longe dos grandes eventos.

Mas também é para mostrar um José Marques de Melo que sempre procurou ser um aprendiz, que sempre esteve atento, que sempre foi sorridente – e que nunca o vimos triste, reclamando da vida ou então se negando a ajudar alguém. Mesmo nos últimos anos, fisicamente doente, mas com uma memória gigantesca, não o vimos vacilante. Se há um depoimento pessoal que posso dar é o de que nunca o vi reclamar ou estar envolto em fofocas ou disputas, mesmo sendo testemunha de algumas situações que, a meu ver, foram dignas de pena por parte de um colega do professor Marques de Melo que queria voltar-se contra ele. O que o professor fez? Vivenciou para a promoção daquele que, por alguns momentos, queria prejudicá-lo.

Parafraseando Friedrich Nietzsche (2018), o professor Marques de Melo era humano, demasiadamente humano, em sua forma mais positiva de ser.

E essa sua humanidade foi mais que emblemática como ser vivente físico, mas que permanece em vida por mais de cem livros e centenas de escritos, a maioria bem atual e bem necessária no contexto comunicacional contemporâneo.

Incrível como, mesmo em tempos em que se recuperava de grave doença, lembrava-se de fatos, atos e nomes. Tinha uma memória de elefante. Lembrava das vezes que tinha ido ao nosso Piauí, do que tinha feito e até de muitas pessoas com quem tinha conversado. E tudo era verdade. Era um exímio ligador de pontos e colecionava histórias, muitas ainda não contadas publicamente e que são dignas de futuras coletâneas (utilizando muito seus jargões: que tal um livro contando isso? Tenho certeza de que este não será suficiente para trazer nem 10% das memórias e dos contributos do professor MM...).

O professor Marques de Melo era um incentivador, um provocador nato. Novamente, termos usados em sua mais nobre essência. E tive a honra, tanto como estudante de Mestrado, quanto de Doutorado e de Pós-doutorado (os três cursos feitos na Universidade Metodista de São Paulo), de ter uma convivência direta e praticamente semanal com o nobre professor.

Ser aluno dele era ter a certeza de ter aulas que valiam por uma disciplina inteira a cada semana. Era a certeza de salas lotadas de alunas e alunos, bem como de que, no primeiro dia de aula, seríamos presenteados com a farta bibliografia feita e organizada pelo professor. Ele era praticamente um midas da socialização de conhecimento em livros.

Ele e suas equipes de organizadores faziam questão de compartilhar praticamente tudo o que era produzido nos mais de dez eventos que o professor organizava anualmente nos mais diferentes rincões do país. Eram eventos que falavam desde as interfaces da Comunicação com a Saúde, bem como com a Comunicação Comunitária, com o Desenvolvimento Regional, com a Religião, com o próprio mercado, com as tecnologias atuais, com a Folkcomunicação e a própria História da Comunicação, além do maior evento da área no Brasil (e um dos maiores do mundo), o congresso anual da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) –, que, em seus mais de 45 anos, tinha os dedos, mãos e pés, e muito DNA, do professor Marques de Melo. Não é à toa que a Intercom permanece, ano após ano, mesmo passados alguns do falecimento do docente, homenageando-o. Não é exagero: é a preservação de uma memória que permanece instigando e promovendo as novas gerações.

As nossas terças-feiras eram sempre de certeza de que o professor chegaria cedo à Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

Ele não dirigia. Pegava carona com alguém ou era trazido pelo seu filho, o professor Marcelo Briseno, um querido contemporâneo de pós-graduação, que nunca fez questão de dizer de quem era filho. Herdou do pai não só a inteligência e o amor pelo campo comunicacional, mas também a simplicidade. Um parêntesis: o professor Marques de Melo era muito família, falava muito da dona Sílvia (querida esposa e supercompanheira), bem como se orgulhava de cada uma das peripécias de seus netos. Um, inclusive, mesmo criança, já arriscava seus primeiros passos como escritor. Mais um a herdar a socialização do conhecimento na família.

Após adentrar a Cátedra, o professor perguntava às suas secretárias (por muitos anos, a querida Damiana Oliveira, e, depois, a queridíssima Rônia Barbosa) como estavam, queria saber o que ocorreu em sua ausência, cumprimentava o restante da equipe e dirigia-se à sua sala. Por muitos anos, era recebido por sua fiel escudeira, a queridíssima professora Maria Cristina Gobbi, que alçou voos maiores e foi ser professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Era notório em sua sala (de pouco menos de dez metros quadrados) o boneco que fizeram para ele (uma espécie de bichinho de ventríloquo de, aproximadamente, 90 centímetros de altura, por meio metro de largura). Era como se o boneco fosse seus olhos em sua ausência. A gente até brincava que não era para entrar na sala enquanto o professor não estivesse, pois o boneco estaria vendo tudo o que ocorria ali.

Em suas rotinas às terças, o professor Marques de Melo atendia algumas pessoas e se dirigia à sala de aula, geralmente a 421 (a maior de todas), no quarto andar do Edifício Capa.

O professor Marques de Melo adorava mandar nos chamar e nos apresentar papéis. Quase sempre andava com papéis, que tinham uma característica em comum: raramente

passavam de uma lauda. O que quer que fosse, quase que como um material cartesiano, a ideia tinha de caber em apenas uma lauda. E, podem ter certeza, cabia. daquelas folhas, nasciam artigos, eventos, projetos, dissertações e teses.

O espaço da Cátedra Unesco era o preferido para a gente ler e debater; afinal, tínhamos às nossas mãos obras e mais obras, poderíamos falar a plenos pulmões (inclusive nas discussões mais acaloradas) e ainda tínhamos a honra de estar a poucos metros do mestre. Aliás, ele nunca ficava de portas fechadas. Sua porta estava sempre aberta e, sempre que íamos às máquinas de café e água, ele via quem passava e, não raro, mandava nos chamar ou pessoalmente fazia isso.

Medo?

Que nada!

Todo chamado era a certeza de uma aula particular sobre o mundo da Comunicação.

E tivemos muitas.

Certeza, elas valiam por cursos inteiros.

Todas as vezes que víamos aqueles calhamaços, poderíamos ter certeza de que eram algum dos seus inúmeros desafios. Ou, no mínimo, algum material que pedia para que lêssemos e déssemos nossas opiniões.

Ele adorava fazer isso.

Era um ouvinte contumaz.

Tinha em mente (na sua grandiosíssima mente!) dezenas de eventos, muitas produções e sabia, de cor, o que cada ponto daquele significava. Era um verdadeiro general, só que suas estratégias eram para a socialização de conhecimento.

Um dos grandes momentos dos nossos tempos de Universidade Metodista de São Paulo eram os almoços nas tardes de terça-feira.

Depois de quase duas horas e meia de aula (que ocorriam entre às 10h40 e 13h10), o professor fazia questão de reunir seus discípulos. Mais questão fazia ainda de pedir o mesmo que comíamos. Não tinha distinção entre a simplicidade de nossos almoços. Na verdade, estava ali mais para ouvir. Era um excelente ouvinte e, geralmente, só se manifestava quando era instigado. Aí, poderia ter certeza, mostrava-se um exímio mestre, tendo nos dado a lição de que era um excelente aprendiz.

O professor Marques fazia sempre questão de falar de seu período na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), onde trilhou seus primeiros passos no campo das Ciências da Comunicação. Era o maior admirador de seu grande mestre, o professor Luiz Beltrão (1918-1986), tendo feito questão de passar décadas provando o quanto os ensinamentos do mestre foram basilares no campo comunicacional. Ali, estavam os passos iniciais para seus tantos ensinamentos e dezenas de anos dedicados à prática, reflexão e vivência científica do campo da Comunicação Social.

O mestre também nos brindava sobre questões de debates que foram chave no campo comunicacional latino-americano, uma terceira via, construída quase à base de mantra entre as epistemologias do Norte, notadamente norte-americanas e europeias (tão usadas e dicotomizadas em nossa realidade).

Quando abria o acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, um apanhado de milhares de livros, revistas científicas e materiais mimeografados, disponibilizados ao acesso público na Cátedra Unesco de Desenvolvimento Regional, no terceiro andar do Edifício Capa, na Universidade Metodista de São Paulo, nos mostrava raridades do nosso campo. Dezenas de dissertações e teses no campo comunicacional só tiveram sucesso mediante o que foi encontrado nesse acervo.

Milhares de outros materiais foram produzidos balizados nesse acervo e nas consequências dele, principalmente na preocupação substancial do professor Marques de Melo em resgatar, reconstruir e refazer a História da Comunicação no Brasil (só para citar um dos tantos subcampos do conhecimento comunicacional que o nosso mestre trilhou).

O professor José Marques de Melo pode não ter sido o mais genial, o mais incrível e o melhor cientista da história do Brasil, mas, com certeza, todos os seus ensinamentos inspiraram gerações e continuarão a inspirar e a formar corações e mentes em prol de vidas mais dignas e mais sedentas por paz e conhecimento.

Somos, eu e nossas dezenas de estudantes que formamos anualmente, provas vivas de que ser mestre é ser aprendiz.

Com certeza, do Olimpo dos Grandes Mestres da Ciência, o professor Marques de Melo nos envia energias positivas, hoje no descanso dos justos.

De lá, querido professor Marques, tenha certeza de que o senhor ajudou, e continuará ajudando, muita gente a construir um Brasil e um mundo melhores. Muito obrigado! O senhor sabe o quanto agradei e continuarei grato por tamanho compartilhamento de carinho e respeito!

Referências

Berti, O. M. C. **Os processos comunicacionais nas rádios comunitárias legalizadas do Sertão do Piauí.** São Bernardo do Campo: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Umesp – Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

Berti, O. M. C. **Processos comunicacionais nas rádios comunitárias do Sertão brasileiro que estão na Internet.** São Bernardo do Campo: Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Umesp – Universidade Metodista de São Paulo, 2014.

Berti, O. M. C. **Teorias da Comunicação Comunitária** – faces e interfaces nas comunidades contemporâneas. São Bernardo do Campo: Relatório de pós-doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Umesp – Universidade Metodista de São Paulo, 2017.

Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. **O que é a Cátedra Unesco-Umesp para o Desenvolvimento Regional**. Disponível em: <metodista.br/pesquisa/insercoes/catedra-unesco>. Acesso em: 01 set. 2023.

Marques de Melo, J. **A Esfinge Midiática**. São Paulo: Paulus, 2004.

Marques de Melo, J. O Grupo Comunicacional de São Bernardo: ideias hegemônicas e perfil sociográfico. São Paulo: **Revista da Intercom**, v. 22, n. 1, 1999, pp. 57-68.

Nietzsche, Friedrich. **Humano, demasiadamente humano**. São Paulo: La Fonte, 2018.

Plataforma Lattes. **Currículo Lattes do Professor José Marques de Melo**. Disponível em: <lattes.cnpq.br/4271609139942812>. Acesso em: 07.set.2023.

José Marques de Melo, os gêneros jornalísticos e eu: caminhos cruzados em autorreflexão

Francisco de Assis

“Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”

(João Guimarães Rosa)

O fragmento de *Grande sertão: veredas* tomado como epígrafe (Rosa, 2019, p. 224) diz sobre a relação dialógica implícita em certo modo de construir saberes. Na perspectiva aí ilustrada não há uma hierarquia em que se situa em posição dominante aquele que detém o conhecimento e em lugar dominado o que é alvo de seu ensinamento – supostamente o que nada sabe. Ao contrário, o movimento sugerido pela palavra roseana é de troca, a situar os aprendizes como sujeitos que também têm algo a oferecer a seus tutores, os quais, por sua vez, revisam e atualizam repertórios e visões de mundo a partir dessa interlocução. Tal premissa, sem dúvida, foi a que assinalou minha história com José Marques de Melo, que me orientou no mestrado e no doutorado, defendidos na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em 2009 e em 2014, respectivamente.

A dialogia preparou terreno para que combinássemos nossas perspectivas. Minha ideia original de conceituar, na pesquisa de mestrado, o jornalismo de variedades, que eu havia

praticado como repórter – objetivo, de fato, alcançado (Assis, 2009) –, se transformou, com os direcionamentos dados pela orientação, em um amplo programa de estudos, a partir do qual alguns significativos trabalhos foram desenvolvidos. Tema de minhas principais investidas durante a fase de formação e o qual ainda revisito, em paralelo à dedicação a outros recortes, os gêneros jornalísticos se me apresentaram como opção teórico-metodológica precisamente pela necessidade de alinhamento ao que podemos chamar de “coração” da pesquisa empreendida por Marques de Melo em sua longa trajetória acadêmica. Da iniciação científica, orientada, em 1963, por Luiz Beltrão – *A crônica policial na imprensa do Recife*, republicada 40 anos depois na revista *Idade Mídia* (Marques de Melo, 2003a) –, até seus últimos trabalhos, entre os quais o livro *Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais* (Marques de Melo; Assis, 2020), que estávamos organizando quando ele subitamente nos deixou, em 2018, os frutos da produção jornalística estiveram em sua mira com o compromisso primeiro de subsidiar o ensino de jornalismo no Brasil. Essa centralidade no contexto de uma vasta produção é reconhecida no seu próprio dizer; a resposta dada a Mariluce Moura, editora da revista *Pesquisa Fapesp*, que o questionou sobre qual seria sua principal contribuição ao campo da Comunicação no país, não deixou dúvidas:

Aquilo a que venho me dedicando há quase 50 anos, com muita atenção, são os gêneros jornalísticos. Tenho uma proposta de classificação dos gêneros no país em cinco vertentes: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário ou de serviços e o diversional, que, equivocadamente em minha opinião, chamam de jornalismo literário. Vivemos numa sociedade onde o hedonismo predomina e os jornalistas precisam fazer algum tipo de matéria que seja mais atraente para o cidadão comum, que não sejam só os fatos do cotidiano, daí o

jornalismo diversional. Meu texto mais antigo 'nesse sentido é minha tese de livre-docência na USP, inicialmente publicada como Opinião no jornalismo brasileiro, depois republicada com algumas alterações, como Jornalismo opinativo, no qual basicamente estudei só os textos opinativos. E estou escrevendo um livro, que não sei se vou concluir, sobre os gêneros jornalísticos no Brasil. É uma tarefa hercúlea, fiz só 30% e precisaria agora parar para pesquisar. Eu quero partir de Hipólito da Costa e chegar ao jornalismo de hoje. Quero passar pela imprensa do século XIX quando ela começa a se tornar empresarial à imprensa do século XX, já industrial, e chegar à imprensa de hoje (Marques de Melo, 2012a, p. 33).

Foram 55 anos de vida dedicados a compreender as maneiras como a imprensa se organiza. O resultado ecoa. Não por menos, sua classificação dos gêneros é considerada a principal obra sobre o tema em circulação no mundo lusófono (Santos *et al.*, 2021, p. 33; Sousa, 2013, p. 183-185; Chaparro, 2008, p. 108). Dados recentes do Google Acadêmico, a despeito de os sabermos incompletos, reforçam a assertiva: seu livro *A opinião no jornalismo brasileiro*, que na terceira edição recebeu o nome de *Jornalismo opinativo* (Marque de Melo, 1985; 1994; 2003b), é citado 1.106 vezes². Além disso, outros sete trabalhos de mesmo mote, sendo três deles realizados a quatro mãos comigo – a coletânea *Gêneros jornalísticos no Brasil* e os artigos *A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos* e *Gêneros e formatos*

1. Nota do autor: muito embora Marques de Melo tenha se referido à tese de livre-docência, defendida em 1983, como o texto mais antigo, podemos inferir que, no contexto da entrevista, tenha ele querido se referir ao trabalho mais consolidado a tal respeito. Como estamos demonstrando, os gêneros do jornalismo já apareciam como aspecto considerado em sua produção acadêmica desde a década de 1960, quando ainda aluno de graduação.

2. Perfil disponível no endereço <scholar.google.com.br/citations?user=3t9SG8oAAA&hl=pt-BR>. Os dados aqui mencionados correspondem aos identificados em busca realizada no dia 8 de setembro de 2023.

jornalísticos: um modelo classificatório, este último publicado em português e em inglês (Marques de Melo; 2010, 2013, 2016a, 2016b) – e quatro com assinatura individual – o livro *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*, a entrevista *O desafio do estudo dos gêneros* e os artigos *Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão*, *Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos* e *Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro* (Marques de Melo, 1992b 2003c, 2009a, 2010a, 2010b) –, contabilizam mais 577 citações.

Meu objetivo neste capítulo é fazer uma leitura sobre como essa questão aparece na obra legada por meu orientador. Partilho, para tanto, o que com ele aprendi sobre os gêneros jornalísticos, entremeando a exegese de seu pensamento com reminiscências sobre os 12 anos de convívio, período no qual o tema em pauta foi não só um interesse em comum, mas o elo entre o experiente professor e o jovem estudante. Fazendo jus à ideia aventada por Guimarães Rosa, reserve-me ainda o direito de elaborar a crítica a seu trabalho, algo que me sinto à vontade em fazer, porque já aparece na minha tese (Assis, 2018, p. 341-345) e em outros textos (Assis, 2015, 2022), permitida pela grandeza daquele que me orientou, aberto a receber o conflitante como parâmetro a repensar o já estabelecido – a tal respeito, veja-se que sua revisão do quadro classificatório dos gêneros, que se alterou sensivelmente entre o fim do século XX e o início deste, levou em conta justamente as provocações de outro de seus alunos: Manuel Carlos Chaparro (1998, 2008). Isto está registrado.

O sotaque luso-brasileiro de Manuel Carlos Chaparro sem dúvida facilitou sua aproximação à fortuna jornalística acumulada pela universidade espanhola. Foi natural seu diálogo com Martínez Albertos, Lorenzo Gomis, Josep Maria Casasús e outros teóricos dos gêneros jornalísticos na Espanha europeizada, entre eles [Teun A.] Van Dijk. Para superar o “equivoco”

perpetrado por Buckley, no século XVIII, gerador do que denomina “ilusão da objetividade”, Chaparro revisita a fonte seminal da teoria do jornalismo, encontrando em [Tobias] Peucer a chave da sua classificação para os gêneros jornalísticos, em sintonia com a “práxis” lusófona. Ao binômio “informação-opinião”, ele contrapõe a alternativa “relato-comentário”. Se não altera substancialmente a compreensão dos gêneros jornalísticos, sua contribuição adquiriu relevância pela precisão que atribuiu ao conceito de gênero, entendido como categoria abrangente, ou classe, agrupando suas variantes em espécies, o que ajudou a ordenar o universo textual, neutralizando a tendência à fragmentação a que minha geração foi induzida pelos pioneiros no estudo dos gêneros jornalísticos. Assimilando positivamente a contribuição taxonômica de Chaparro, convencido da sua utilidade metodológica e do seu valor epistemológico, revisei a classificação contida em minha tese de livre docência, adotando o esquema que corresponde funcionalmente às peculiaridades do jornalismo nesta conjuntura de transição milenar. Ou seja, identificando os cinco gêneros consagrados pela cultura jornalística brasileira – informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário –, cujas variantes estilísticas passaram a ser agrupadas em formatos, incorporando a terminologia usual nos estudos midiáticos [...], e subdivididos em tipos, espécies discursivas que exibem singularidades geoculturais ou traços corporativos. Essa atualização histórica está devidamente explicitada na entrevista que concedi à revista Pauta Geral, n. 5, na edição cujo [núcleo] temático é dedicado aos gêneros (Marques de Melo, 2010b, p. 27-28, grifo nosso).

A postura crítica aqui assumida, forjada pela formação atenta ao pensamento latino-americano, mestiço por essência – algo que o próprio Marques de Melo me ensinou –, não é afronta, mas respeito à sua obra e compromisso com o fazer

científico. É busca por unidade na diversidade, na certeza de que os questionamentos contribuem para os avanços necessários à ciência. Sorte a minha, como exposto, ter chegado ao doutoramento com liberdade para argumentar, liberdade esta que só poderia ser concedida por alguém ciente do valor da autonomia para o progresso do conhecimento.

Já se passaram cinco anos desde sua morte, mas a ausência ainda me sensibiliza. Por isso mesmo, teço este relato com o fio do afeto, o qual, segundo Cremilda Medina (2018, p. 11), plasma o “signo da relação”, em busca da “interação social criadora” – algo que representa nossa história. Não se trata de uma abordagem sentimentalista, mas o afeto é parte importante da apreciação. Afeto que me levou a São Bernardo do Campo para cursar a pós-graduação *stricto sensu*. Afeto que me fez aderir à problemática dos gêneros jornalísticos como campo de pesquisa. Afeto que me fez conhecedor – decifrador? – das ideias de Marques de Melo. Afeto que, enfim, me faz ter saudade do meu mestre e me perceber afeto às linhas que agora redijo.

O interesse (dele e meu) pelos gêneros jornalísticos

Nunca escondi a profunda admiração que nutri por José Marques de Melo desde o curso de jornalismo, cursado na Universidade de Taubaté (Unitau), quando tive contato com seus livros. *Estudos de jornalismo comparado* (Marques de Melo, 1972a) foi nosso primeiro mediador. Outros títulos se somaram à lista de leituras, entre aulas ditas teóricas e práticas, mas não era o bastante. Do interior paulista, recém-graduado, fui em busca de dar continuidade à formação sob sua tutela. O ano era 2007. Primeiro, em janeiro, matriculei-me no curso de especialização em Jornalismo Cultural da UMESP, como estratégia para me aproximar da instituição

e para direcionar o olhar e as leituras ao aprofundamento requerido da pós-graduação. Depois, em agosto, marquei uma conversa com o professor, que me recebeu na Cátedra Unesco/Metodista para o Desenvolvimento Regional, do qual era diretor-titular. Lembro-me bem daquele dia. Meio sem jeito, diante daquele que tanto admirava, disse-lhe sobre meus interesses na pesquisa, a problematização – ainda pobre – que extraí da prática profissional e de como o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PósCom) seria espaço para desenvolver o que ambicionava. O encontro valeu-me um convite para acompanhar a disciplina Gêneros da Comunicação de Massa, que ele ministraria no programa ao longo do semestre. Nas semanas seguintes, bati ponto religiosamente em suas aulas, nas manhãs de terça-feira, ocasiões em que as ideias sobre o objeto em comum afloravam nas discussões e nos tensionamentos que o ambiente universitário viabiliza.

Eu já conhecia bem a classificação contida em *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, bibliografia utilizada durante a graduação e que havia tomado como parâmetro em algumas investidas. Mas sabia pouco sobre seus avanços. Ao participar das aulas da pós-graduação como ouvinte, compreendi que o quadro contido na tese de livre-docência de Marques de Melo (2003b, p. 65) já havia sido alterado significativamente, sem que as instituições de ensino tivessem incorporado a nova versão. Ao menos, era este o meu caso, porque, até ali, só tivera aulas com professores que se valiam da classificação de *gêneros informativos e opinativos*, a qual por vezes era alvo de críticas deles próprios, que a julgavam incompleta – uma desatualização em certo sentido já revertida, mas não incorporada pela bibliografia corrente. Havia um descompasso entre o conhecimento produzido e o conhecimento em circulação, e resolver esse impasse foi a primeira tarefa a mim atribuída.

No início de 2008, já aluno regular do PósCom, recebi a incumbência de cuidar dos trâmites de organização do que viria a ser a coletânea *Gêneros jornalísticos no Brasil*, publicada dois anos depois pela editora da própria UMESP (Marques de Melo; Assis, 2010). Um material valioso porque rompia a incompreensão sobre o atual estágio do pensamento de Marques de Melo a respeito dos gêneros, ao mesmo tempo em que marcava uma efeméride: seus 50 anos no jornalismo, profissão na qual ingressou em 1959 (Marques de Melo, 2009c, p. 25). Na apresentação, à qual dei o título *Um livro que faltava*, expliquei o contexto em que a obra surgia:

As pesquisas sobre gêneros jornalísticos, especificamente no cenário brasileiro, têm avançado consideravelmente nos últimos anos, mas com iniciativas dispersas, muitas vezes difíceis de serem reunidas. Estudos realizados no âmbito dos programas de pós-graduação da área resultam, constantemente, em papers apresentados em congressos, em alguns artigos publicados em periódicos e, é claro, em dissertações e teses. Porém, mesmo quando são produzidos dentro de uma mesma instituição – como é o caso da Universidade Metodista de São Paulo –, o acesso ao conjunto desses materiais nem sempre é tão fácil, uma vez que eles acabam sendo direcionados para publicações distintas ou ficam arquivados em diferentes acervos. O desafio de reunir essas produções e, até mesmo, a pouca difusão das reflexões acabam provocando uma má interpretação das propostas taxionômicas já conhecidas. Um exemplo: a obra mais difundida sobre o assunto, principalmente nos cursos de graduação em Jornalismo do país, é a tese de livre-docência do Prof. José Marques de Melo, principalmente a sua edição de 2003, que tem como título *Jornalismo Opinativo*; porém, as considerações ali esboçadas refletem um panorama conjuntural da década de 1980, e a própria percepção do autor já tomou outras dimensões, por conta da atual realidade da

imprensa brasileira (que tem novos contornos, se comparada à época mencionada). Mas o problema não é o uso dessa obra que, de fato, apresenta contribuições nem um pouco desatualizadas; a questão é que, sem que conheçam as novas propostas elaboradas na última década, professores e alunos chegam a questionar por que motivos o autor desconsidera – ou por que razões é “contra” – os gêneros interpretativo, diversional e utilitário. Por essas razões é que este é um livro que faltava. É necessário que as recentes discussões sobre os gêneros jornalísticos – pelo menos parte delas, uma vez que existem diferentes vieses da compreensão desse objeto – sejam compartilhadas com a comunidade acadêmica, a fim de que estimulem novos olhares (Assis, 2010, p. 9-10).

Esse livro sacramentou a nova “classificação Marques de Melo”, estimulando seu reforço em outras produções preparadas na mesma época (Marques de Melo, 2009b; 2012b). Seu conteúdo teve o mérito de oferecer não apenas o panorama organizado das formas de expressão jornalística em cinco gêneros – *informativo*, *opinativo*, *interpretativo*, *diversional* e *utilitário* – e em seus respectivos formatos, como também o esboço de um amplo referencial que o sustenta, retomando aspectos já discutidos e incorporando novas perspectivas. Conquanto incompleto, o que fizemos possibilitou dar a conhecer o estado da arte da pesquisa que realizávamos desde o PósCom da UMESP e que começava a ser ampliado a partir do novo grupo de pesquisa (GP) Gêneros Jornalísticos, criado em 2009, no âmbito da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Vale acrescentar que a coordenação executiva do referido GP, fundado por Marques de Melo, esteve sob minha responsabilidade nos quatro primeiros anos, isto é, até 2012. Após esse período, distanciei-me do coletivo, por algumas razões, entre elas o fato de que considerei a condução imediatamente posterior

equivocada e desarticulada. Só retornei às suas sessões em 2020, já na ausência do professor e com a liderança de Marli dos Santos.

O interesse de meu orientador pelos gêneros jornalísticos adveio, sem dúvida, do entendimento de que aprender a profissão de jornalista requer não apenas dominar seus artifícios, mas situá-los em fundamentos. Seu despertar para tal percepção se deu logo cedo. Não por acaso, muito jovem, enfrentou a pressão familiar – que lhe desejava uma profissão de melhor estatura, como a engenharia – e prestou prova para ingresso na primeira turma do curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), cujas aulas tiveram início no primeiro semestre de 1961. Em um contexto em que a formação de jornalista em nível universitário era escassa e não exigida, o já “repórter comunitário” foi perspicaz ao notar que o aprendizado do fazer no cotidiano da própria imprensa não seria suficiente para apreender a complexidade do jornalismo. Semelhante argúcia se identifica no vislumbrar, também cedo, as várias materialidades da prática jornalística como definidoras, em última instância, daquilo que a profissão é e oferece.

Examinando suas primeiras publicações acadêmicas – a mencionada pesquisa de iniciação científica (1963); seu livro de estreia no mercado editorial, *Comunicação social: teoria e pesquisa* (1970); o igualmente lembrado *Estudos de jornalismo comparado* (1972a); e mesmo outras obras menos conhecidas, como *Reflexões sobre temas de comunicação* (1972b) –, verificamos que, desde as incursões pioneiras na pesquisa e no estudo sobre os fenômenos jornalísticos, os gêneros são mobilizados como horizonte teórico-metodológico propício para fazer diagnósticos sobre o comportamento da imprensa, bem como são considerados já em primeira hora como matéria importante de ser posta em reflexão. Se não com a mesma verticalidade com que o fará nos anos 1980, a

partir da tese de livre-docência e de iniciativas subsequentes, nesses textos seminiais a questão já é minimamente levantada – e isso certamente sob a influência de Beltrão (1969; 1979; 1980), seu professor na Unicap e autor brasileiro que primeiro se aprofundou nessa problemática, e de Jacques Kayser (1964), que considerou os gêneros como um critério de seu método morfológico de jornalismo comparado, bastante em voga na América Latina durante a segunda metade do século XX, ao qual Marques de Melo teve acesso por intermédio do orientador e no qual, posteriormente, se aprofundou durante o período em que foi aluno do Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (CIESPAL)³. Fátima Feliciano (2003, p. 141) destaca que,

ainda em Pernambuco, Marques de Melo coordenaria uma pesquisa em 1963 na Cátedra de Técnica de Jornal (regida por Beltrão) sobre a Crônica policial na imprensa do Recife. Este trabalho foi realizado por alunos da Unicap, caracterizando-se, desta forma, como a primeira Iniciação Científica em Comunicação no país. Essa equipedaria ênfase à análise que privilegiava, antes de qualquer coisa, a abordagem científica de temas, começando com um sorteio de datas, para o recolhimento do material jornalístico para análise e conseqüente início do projeto (como preconiza a Estatística), e seguia os rumos descritos por Kayser, ao realizar a mensuração do espaço físico das matérias, para, finalmente, conceber conclusões. Esta mesma metodologia inspirada por Kayser foi empregada em outras pesquisas importantes de Marques de Melo e equipes.

3. Marques de Melo cursou, concomitantemente, os cursos de graduação em Jornalismo, na Unicap, e em Ciências Jurídicas e Sociais, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), formando-se, respectivamente, em 1964 e 1965. Ainda em 1965, matriculou-se no curso de Ciências da Informação Coletiva, oferecido em Quito (Equador), pelo CIESPAL, em nível de pós-graduação, o qual concluiu no ano seguinte

Ainda que não tenha tido a oportunidade de ser aluno de Kayser – que faleceu em 1963⁴, dois anos antes de sua ida ao CIESPAL –, Marques de Melo incorporou seus pressupostos em várias pesquisas – como atesta Feliciano (2003) – e lhe dedicou vários textos, como o capítulo inicial de *Estudos de jornalismo comparado*. Na introdução de *Gêneros jornalísticos no Brasil*, vai mesmo reconhecer que

há um consenso, entre os pesquisadores do jornalismo, a respeito do pioneirismo de Jacques Kayser no estudo contemporâneo dos gêneros jornalísticos. Como diz Sonia Parratt [...], “as contribuições de Kayser parecem ter tido tanto peso que constituem sem dúvida o verdadeiro germe dos estudos encetados posteriormente sobre gêneros, especialmente no sul da Europa e em vários países da América Latina” (Marques de Melo, 2010c, p. 13).

O mais importante desta anotação é observar que a dedicação de Marques de Melo aos gêneros jornalísticos decorre de sua relação, direta ou mediada, com os mestres. Muito me agrada considerar que, no início do século XXI, tenha eu me aproximado do mesmo objeto de modo análogo, tornando-o tema de minhas dissertação e tese e privilegiando-o em diversos trabalhos. Nessa eleição que brota da “interação social criadora” (Medina, 2018, p. 11), várias gerações se conectam e constroem conhecimento em inter-relação. O que penso a tal respeito, não obstante os avanços alcançados por meus próprios feitos, carrega também as ideias dos que me precederam. O que tenho articulado sobre os gêneros, resultado do coletivo, contém muitas digitais, impressas nesse modo de produção intelectual

4. Falecido em janeiro de 1963, Kayser foi diretor-adjunto do Institut Français de Presse, vinculado à Université Paris-Panthéon-Assas, no âmbito do qual desenvolveu seu método. De 1960 a 1962, ministrou cursos no CIESPAL, a partir de onde sua proposta de análise da imprensa foi difundida para a América Latina, quer por interlocutores, quer por textos editados pelo próprio centro, em espanhol, idioma que facilitou sua recepção no continente.

a longo curso, que não é fruto do acaso, mas do acúmulo de repertório que se renova a cada contribuição, sem abdicar do que antecessores ofereceram, com acertos e erros, cujo valor pede deferência.

Entre avanços e contradições: em tempo, a crítica

Faz bem olhar criticamente para a classificação formulada e atualizada por Marques de Melo até pouco antes de morrer. Dispondo-as em quadros ilustrativos, percebemos mudanças nos componentes, o que dá base para tecer comentários acerca de suas dimensões teóricas e metodológicas.

Num primeiro momento, temos a proposta de 1983, contida na tese de livre-docência, mais simples, que reconhece poucos gêneros, agrupados em categorias:

Quadro 1 - Classificação dos gêneros jornalísticos formulada por José Marques de Melo em 1983

Categoria	Gêneros
Jornalismo informativo	Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista
Jornalismo opinativo	Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura, Carta

Fonte: Marques de Melo (2003b, p. 65).

Na sequência, encontramos a classificação revista, que separa gêneros (agrupamentos definidos por critério funcional) e formatos (desdobramentos em formas específicas). Uma observação é merecida: muito embora apareça consolidada só no final dos anos 2000, em livros há pouco indicados (Marques de Melo; Assis, 2010; Marques de Melo, 2009b), a classificação vinha sendo retrabalhada desde o final dos 1990, mas de modo disperso – reiteramos –, em textos de difícil acesso (Marques de Melo, 1998), numa época em que anais de congressos eram

publicados em CD-ROM, ou em materiais didáticos restritos aos alunos do PósCom da UMESP (Marques de Melo, 2006a; 2006b). Durante uma década, portanto, a “nova classificação” do professor padeceu de uma espécie de invisibilidade, razão pela qual demorou a ser assimilada pela comunidade acadêmica, inclusive – e principalmente, talvez – no âmbito do ensino.

Quadro 2 - Classificação dos gêneros jornalísticos revista por José Marques de Melo entre 1998 e 2006

Categoria	Formatos
Informativo	Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista
Opinativo	Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura, Carta
Interpretativo	Análise, Dossiê, Perfil, Enquete, Cronologia
Diversional	História de interesse humano, História colorida
Utilitário	Indicador, Cotação, Roteiro, Serviço

Fonte: Marques de Melo (2009b, p. 36).

Por fim, recuperamos a última atualização, feita quando de uma investigação coletiva que marcou os 50 anos da monografia *Um dia na imprensa brasileira*, que o professor desenvolveu no CIESPAL, em 1965, a partir do método de Kayser, e cujos resultados foram publicados em *Comunicação social: teoria e pesquisa*, no capítulo *Estudo comparativo de três jornais brasileiros* (Marques de Melo, 1970, p. 135-167). A nova investida, divulgada na coletânea *Jornalismo comparado: um dia na imprensa brasileira* (Pereira et al., 2016), seguiu parte do mesmo protocolo, privilegiando dois de seus aspectos⁵: a análise morfológica, cujas categorias funcionais corresponderam justamente aos gêneros e formatos (Quadro 3), e a de conteúdo.

5. Além da morfologia (descrição e apresentação gráfica dos jornais analisados, com identificação dos parâmetros de decodificação textual) e do conteúdo (análise das temáticas e sua relação com os espaços ocupados nas publicações),

Quadro 3 - Classificação dos gêneros jornalísticos atualizada por José Marques de Melo em 2015

Categoria	Formatos
Jornalismo informativo	Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista
Jornalismo opinativo	Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura, Carta
Jornalismo interpretativo	Análise, Dossiê, Perfil, Enquete, Cronologia, Infográfico
Jornalismo diversional	História de vida, História de interesse humano, História colorida, História de viagem, Narrativa pitoresca
Jornalismo utilitário	Indicador, Cotação, Roteiro, Serviço, Obituário

Fonte: Pereira *et al.* (2016, p. 15-16).

O primeiro aspecto que se destaca nos três quadros é a matriz funcionalista que os guia. Isso é algo que permanece em toda a obra do autor aqui referido, e não apenas no que diz respeito aos gêneros – sua tese de doutorado, a primeira em Jornalismo no país, dedicada aos fatores socioculturais que atrasaram a implantação da imprensa no Brasil, recorre ao mesmo paradigma de análise (Marques de Melo, 1973). Bem se sabe que o funcionalismo é alvo de muitas críticas, por alinhar-se à preservação do *status quo* – portanto, à ideologia dominante – e por desconsiderar a inserção do objeto analisado no processo histórico em que se insere (Beltrán, 1981, p. 17; Lopes, 2005, p. 57). No caso do jornalismo, esse direcionamento tende a reproduzir o senso comum, acriticamente, conferindo-lhe certo ar de cientificidade, sem lograr êxito em construir teoria (quanto a isso, vale dizer que o tratamento que Marques de Melo conferiu

a pesquisa de 1965 considerou uma terceira categoria – origem e fonte das informações –, dedicada a conhecer a procedência geográfica das fontes consideradas pelos jornais focalizados.

aos gêneros nunca alcançou status teórico, mantendo-se, do início ao fim, como proposta de classificação, com lacunas – a serem ditas na sequência – que por vezes deixam em aberto até mesmo o sentido que o termo “gênero” adquire no seu conjunto).

Ao assumir o ônus do funcionalismo, o professor arriscou equilibrar a fragilidade do modelo com argumentos retirados da teoria crítica e com diálogo com os frankfurtianos – o que, em parte, busquei explicar em outra ocasião (Assis, 2011). No seu modo de compreensão, seria esta a característica do pensamento comunicacional latino-americano, expressão daquilo que configura nossa identidade: a mestiçagem. A defesa é a de que, no contexto das lutas que marcam a história do continente – incluindo as lutas epistemológicas –, desenhou-se uma tradição científica autóctone, com a combinação de diferentes parâmetros e perspectivas. Uma ciência mestiça, portanto.

A atitude de deslumbramento em relação às teorias e metodologias forâneas traduz o nosso ancestral “complexo do colonizado”. Desdenhamos tudo aquilo que é nativo, peculiar, rústico, ao mesmo tempo em que recusamos as demandas populares. *Grande parte da tradição comunicacional latino-americana provém das adaptações metodológicas que fizemos de modelos importados e de soluções engenhadas que assimilamos das culturas populares.* Na formação das novas gerações de comunicadores, devemos ter coragem suficiente para recorrer ao arsenal empírico estocado pelas corporações profissionais, ajudar a sistematizá-lo e atualizá-lo a partir do referencial crítico que sempre embasou o trabalho universitário. Como corolário, devemos intensificar o resgate do pensamento comunicacional latino-americano, que vem se destacando por sua capacidade inovadora, arrojada e criativa. [...] Trata-se, agora, de potencializá-lo e de fazê-lo avançar, ocupando o espaço que nos cabe no atlas mundial das ciências da comunicação (Marques de Melo, 2018, p. 166-167, grifo nosso).

Ocorre, no entanto, que o subterfúgio do pensamento mestiço não impediu que sua obra fosse marcada por contradições. Do ponto de vista macro, do que se pode entender como um “pensamento jornalístico” (Marques de Melo, 2007), falseou no reforço de uma crença no jornalismo como vetor desenvolvimentista, deslocando essa ideia das muitas lutas implícitas no processo histórico. Francisco Rüdiger e Otávio Daros (2020, p. 153) argumentam que o autor deixou de lado “o dilema que consiste em atribuir à imprensa uma influência positiva no desenvolvimento que a reprodução dos fatores responsáveis pelo subdesenvolvimento nacional, notadamente a precária estrutura educacional, todavia bloqueia”.

De minha parte, considero que o critério funcional não é um problema em si. A opção, aliás, faz sentido no esforço de teorizar os gêneros, demonstrando ser pertinente para pensá-los, no contexto das práticas, como respostas a um jornalismo que desempenha papéis diversos, materializados em distintas formas textuais. Daí eu não ter quebrado essa tradição – mantendo-me, em certo sentido, em acordo “com o espírito cieszpalino” (Rüdiger; Daros, 2020, p. 240) –, por aceitar que se trata de um parâmetro coerente, e não por menos central na pesquisa que se ocupa do objeto tratado (Seixas, 2020, p. 312). Também não julgo equivocada sua junção com a perspectiva crítica, como tentativa de direcionar nossos modos de fazer ciência a um *ethos* autóctone e mestiço. O problema é de outra ordem, e está no hiato entre a perspectiva teórica e a leitura dos dados extraídos da empiria, resultante em classificações frágeis quanto a seus desdobramentos.

Voltemos aos quadros. A segunda coluna de todos eles exhibe nomenclaturas extraídas do empirismo, mas não necessariamente da empiria. Dizemos melhor: nem todas as subdivisões ali contidas – e isso se dá desde a pesquisa dos anos

1980 – se sustentam como formas independentes, sendo que a linha que as separa por vezes é muito frágil. É o que demonstrei em minha tese quanto à “história de interesse humano” e à “história colorida”, cujos conceitos formulados por Marques de Melo não garantem distinção suficiente para que, de fato, as compreendamos como autônomas – a segunda delas, aliás, sequer encontra ancoragem na prática brasileira (Assis, 2018, p. 342). Outro impasse: a distinção entre “artigo”, “comentário” (duas expressões de opinião constantes já em 1983) e “análise” (formato de interpretação que aparece nos Quadros 2 e 3). Difícil encontrar, nos artifícios profissionais, elementos suficientes para distinguir esses três modos de dizer sobre certos assuntos, bem como separar a ênfase opinativa da ênfase analítica – possivelmente interpretativa (leia-se: explicativa) –, quando esta é mobilizada por agente do campo com liberdade para se posicionar.

As contradições vão além, quando comparamos os Quadros 2 e 3, especialmente quanto ao gênero diversional, ao qual me dediquei no doutorado. Nas conclusões da pesquisa concluída em 2014, justifiquei razões teóricas e práticas para concluir ser equívoco reconhecer a autonomia da “história colorida”. Quando foi realizada a pesquisa coletiva de 2015 – portanto, um ano após minha defesa –, uma das primeiras coisas que me chamou a atenção foi ver, junto ao gênero diversional, uma lista maior ainda de formatos, que reiteravam o erro que tentei corrigir e endossava outros. Ora, considerar “história de vida” e “história de viagem”, a partir do critério funcionalista, é um equívoco, porque coloca um tema específico – biografia ou turismo, no caso – como tônica de algo que deveria ser definido, dentro de parâmetros coerentes, na combinação de uma função com um traço de codificação, ou, nos termos do próprio Marques de Melo (2003b, p. 62 e 64), do agrupamento dos

gêneros conforme a “intencionalidade determinante através dos relatos que se configuram” e da “natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos”, isto é, da “estrutura do texto ou das imagens e sons que representam e reproduzem a realidade”.

Para fixar a crítica apenas nesse gênero, note-se também que a “narrativa pitoresca” padece do mesmo problema. (Aliás, some-se a isso o fato de que, no contexto específico do trabalho de 2015, esses três formatos são nomeados, mas não conceituados. A fragilidade, pois, é ainda maior, porque na ausência do conceito, qualquer reconhecimento empírico que se faça não tem valor taxonômico.) A questão, me parece, tem dupla razão: de um lado, a liberdade oferecida por meu orientador, a mim e a meus colegas – de cujos trabalhos, em nível pós-graduado, foram extraídos os pormenores do Quadro 3 –, nem sempre foi bem aproveitada, porque por vezes descomprometida com o rigor do método (daí classificarem formas sem autonomia); de outro, havia uma certa simpatia, de sua parte, pelas descobertas dos alunos, muitas vezes sem submetê-las ao ajuizamento necessário para que fossem assimiladas.

Tudo isso resulta em uma classificação não apenas incompleta como também questionável em vários pontos. Se há avanços visíveis entre os Quadros 1 e 2, também há, em ambos, mas especialmente no segundo deles, elementos contraditórios e com fraco embasamento, situação agravada no Quadro 3, em que, reforçamos, são exibidos itens sem conceituação. Na tradição de estudos sobre gêneros jornalísticos no Brasil, acentua-se – e temos dito isso em várias oportunidades – um baixo aprofundamento teórico e uma ausência de marco epistemológico (Assis, 2022), vacilo responsável por panoramas como estes, disparatados e que acabam por validar o senso comum, igualmente afetado por incoerências.

Como disse antes, minha tese confronta os enquadramentos dados até então ao jornalismo diversional, propondo condicioná-lo à prática da “reportagem de interesse humano”, formato que se apoia no *interesse humano* não como valor-notícia, mas como recurso expressivo (Assis, 2018, p. 80). Durante sua elaboração, não houve censuras a esse entendimento, o que me leva a crer que meu orientador considerou a hipótese válida. Contudo, faltou-nos tempo para, posteriormente à defesa, dialogar e amadurecer mais a proposição, bem como fazer revisões necessárias em outros gêneros, de modo a ajustar sua proposta classificatória – é por isso que, em um dos nossos últimos textos em coautoria (Marques de Melo; Assis, 2016, p. 50-51), não sugeri apresentar alterações, e assim mantivemo-nos fiéis ao que ele havia configurado à época em que organizamos *Gêneros jornalísticos no Brasil*.

No fundo, não houve condições para que Marques de Melo pudesse, no entardecer da vida, repensar a classificação à luz desta e de outras críticas. A julgar pelo movimento que o levou a assimilar parâmetros explorados por Chaparro (1998, 2008), é bastante possível que, em circunstâncias mais favoráveis que a de seus últimos anos⁶, tivesse ele ponderado suas considerações com mais estreitamento à relação teoria-empíria e fazendo valer a criatividade mestiça que tanto defendeu, sem prescindir do compromisso primeiro com o rigor metodológico. Mas se faz justo e necessário reconhecer: esse caminho, que pode levar a uma teoria, propriamente dita, dos gêneros jornalísticos foi aberto por seus esforços. Cabe-nos, por agora, ir no sentido que seguidamente nos indicava o mestre, qual seja, o de avançar a partir dos estudos seminais que deixou, proposital e generosamente, à espera de quem os

6. Em 2015, o professor já estava profundamente afetado pela doença de Parkinson, com função motora comprometida, o que lhe impedia de executar tarefas simples, como digitar no teclado do computador.

pudesse retomar, redirecionar e ressignificar. O julgamento aqui sentenciado, reiteramos, não desqualifica seu legado, mas convida a aprofundá-lo e a lhe garantir permanência, para que não seja desconsiderado pelos equívocos que necessitam ser revistos.

A efeméride, o legado e o afeto

Na celebração de 80 anos do nascimento de José Marques de Melo, conveio refletir sobre sua dedicação aos gêneros jornalísticos, porque o ano – 2023 – igualmente demarca a efeméride dos 60 anos de sua incursão nesse terreno, com o estudo inicial sobre a crônica, destacado de início (Marques de Melo, 2003a), formato posteriormente explorado em trabalhos mais consistentes (Marques de Melo, 1992a, 2002). Daquela primeira experiência decorreu a história de um pesquisador que deu ênfase à classificação tipológica do jornalismo, perseguida obsessivamente durante décadas e tendo sido deixada como obra inacabada, o que condiz com seu espírito – como sinalizado, era comum que o professor tratasse diversos temas ou aspectos em abordagens primárias, deixando-as como convite para que outros, geralmente seus orientandos, os explorassem. Avançar nessas veredas é um modo de honrar o seu legado.

Sobre minha mesa de trabalho, junto ao pote de canetas, vejo o boton que recebi de colegas que foram, em setembro de 2018, ao congresso da Intercom⁷, por ele fundada, em 1977, e que, assim como os gêneros jornalísticos, ocupou lugar central em suas ações. *#SomosTodosMarquesDeMelo* – é o que está escrito na pequena peça, homenagem reveladora da gratidão de centenas de pessoas que com ele conviveram e que foram seus convivas na partilha intelectual sempre aberta. Mais que frase de efeito,

7. O 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação foi realizado em Joinville (SC), de 2 a 8 de setembro de 2018.

característica de um tempo marcado por *hashtags* que expressam solidariedade e afeto, esse “somos todos” representa muitos de nós. Representa minha formação pós-graduada, minha projeção acadêmica, minha gratidão também. Representa o que aprendi sobre o jornalismo, com as obras, com as aulas ou, mesmo – e principalmente –, com o caminhar livre a que fui estimulado. “Valorizo os estudantes que andam com as próprias pernas e pensam com a própria cabeça, sem necessidade de endeusar ou demonizar personagens, agradando ou hostilizando autores, nem ficar em cima do muro, aderindo ao que parece politicamente correto”, escreveu ele, em texto no qual reconhece minha dedicação ao trabalho de tornar pública sua nova classificação dos gêneros (Marques de Melo, 2010c, p. 18-19).

Nos caminhos de liberdade intelectual, perguntando coisas e vendo-me num jogo de espelhos com o orientador, reconheci a sabedoria traduzida por Guimarães Rosa e procurei também me tornar um mestre que “de repente aprende”. Assim tenho buscado mediar o conhecimento – produzido e articulado – a meus alunos. Com a escuta atenta, para acolher o que deles provém como indicadores a repensar continuamente o que estudamos. Reverencio, assim, não só as gerações mais novas, alvo da minha atenção, mas também as gerações que me antecederam. E é nesse ato que faço a memória de meu mestre, recuperando seu pensamento, atualizando suas considerações – como as que respeitam aos gêneros jornalísticos – e mantendo viva a sua contribuição, que não se pode desprezar. Aspiro, com isso, retribuir um pouco do muito que dele recebi.

Referências

Assis, F. Dez anos depois, algumas considerações a fazer: ensaio sobre a necessidade de uma epistemologia dos gêneros jornalísticos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 45., 2022, João Pessoa. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2022.

Assis, F. **Jornalismo diversional**: fundamentos teóricos e modos de fazer. Florianópolis: Insular, 2018.

Assis, F. Gêneros jornalísticos: antologia sincrônica. In: Pereira, C. J. et al. (org.). **Fortuna crítica de José Marques de Melo**: liderança e vanguardismo. São Paulo: Intercom, 2015. p. 185-200.

Assis, F. Contribuições do funcionalismo e da teoria crítica para os estudos sobre gêneros jornalísticos. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 215-233, 2º sem. 2011.

Assis, F. **As variedades no jornalismo brasileiro**. 2009. 254 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

Beltrán, L. R. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 6, p. 5-36, set. 1981.

Beltrão, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

Beltrão, L. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.

Beltrão, L. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

Chaparro, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

Chaparro, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998.

Feliciano, F. Iniciação científica em jornalismo: o trabalho pioneiro de Marques de Melo. **Idade Mídia**, São Paulo, ano 2, n. 3, p. 137-143, jun. 2003.

Kayser, J. **El periódico**: estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada. Quito: Ciespal, 1964.

Lopes, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

Marques de Melo, J. Ciências da Comunicação na América Latina: itinerário para ingressar no século XXI. In: Covi Druetta, D.; Cimadevilla, G. (org.). **Del mimeógrafo a las redes digitales**. Narrativas, testimonios y análisis del campo comunicacional en el 40 aniversario de ALAIC. São Paulo: Alaic, 2018. p. 161-169.

Marques de Melo, J. A prima pobre das ciências sociais. Entrevista concedida a Mariluce Moura. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 201, p. 26-33, nov. 2012a.

Marques de Melo, J. **História do jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012b.

Marques de Melo, J. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010a.

Marques de Melo, J. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: Marques de Melo, J.; Assis, F. (orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010b. p. 23-41.

Marques de Melo, J. Introdução. In: Marques de Melo, J.; Assis, F. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010c. p. 13-22.

Marques de Melo, J. Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., Curitiba, 2009. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009a.

Marques de Melo, J. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009b.

Marques de Melo, J. **Vestígios da travessia**: da imprensa à internet – 50 anos de jornalismo. São Paulo: Paulus, 2009c.

Marques de Melo, J. Pensamento jornalístico: a moderna tradição brasileira. **Intercom** – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 15-40, jul./dez. 2007.

Marques de Melo, J. **Formatos jornalísticos**: evidências brasileiras. Pesquisa realizada no jornal “Folha de S. Paulo”, 28/03/2005. 2006a. (Original do autor).

Marques de Melo, J. **Gêneros da comunicação de massa**: análise dos gêneros e formatos jornalísticos. 2006b. (Original do autor).

Marques de Melo, J. A crônica policial na imprensa do Recife. **Idade Mídia**, São Paulo, ano 2, n. 3, p. 144-156, jun. 2003a.

Marques de Melo, J. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003b.

Marques de Melo, J. O desafio do estudo dos gêneros. Entrevista concedida a Tattiana Teixeira. **Pauta Geral**, Salvador, n. 5, p. 11-20, 2003c.

Marques de Melo, J. A crônica. In: Castro, G.; Galeno, A. (org.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 139-154.

Marques de Melo, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

Marques de Melo, J. La crónica como género periodístico en la prensa luso-brasileña e hispanoamericana: contrastes y confrontaciones. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 34, p. 67-72, 1992a.

Marques de Melo, J. (org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992b.

Marques de Melo, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

Marques de Melo, J. **Sociologia da imprensa brasileira**: a implantação. Petrópolis: Vozes, 1973.

Marques de Melo, J. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972a.

Marques de Melo, J. **Reflexões sobre temas de comunicação**. São Paulo: ECA-USP, 1972b.

Marques de Melo, J. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1970.

Marques de Melo, J. (coord.). Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da

revista “Veja”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. **Anais...** São Paulo: Intercom, 1998.

Marques de Melo, J.; Assis, F. (Org.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro, São Paulo: PUC-Rio, Loyola, 2020.

Marques de Melo, J.; Assis, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom** – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016a.

Marques de Melo, J.; Assis, F. Journalistic genres and formats: a classification model. **Intercom** – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-54, jan./abr. 2016b.

Marques de Melo, J.; Assis, F. A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos. In: Seixas, L.; Pinheiro, N. F. (Org.). **Gêneros: um diálogo entre Comunicação e Linguística**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 19-38.

Marques de Melo, J.; Assis, F. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

Medina, C. **A arte de tecer afetos: signo da relação 2 – cotidianos**. São Paulo: Casa da Serra, 2018.

Pereira, C. J. et al. (org.). **Jornalismo comparado: um dia na imprensa brasileira**. Blumenau: Edifurb, 2016.

Rosa, J. G. **Grande sertão: veredas**. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Rüdiger, F.; Daros, O. Análise crítica do pensamento jornalístico de José Marques de Melo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 238-269, ago. 2020.

Santos, M. dos et al. (org.). **Jornalismo, gêneros e formatos: estado da arte e diálogos contemporâneos**. Blumenau: Edifurb, 2021.

Seixas, L. Por uma outra classificação: redefinição de gênero jornalístico. In: Marques de Melo, J.; Assis, F. (Org.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro, São Paulo: PUC-Rio, Loyola, 2020. p. 311-327.

Sousa, J. P. José Marques de Melo: expoente dos estudos jornalísticos no mundo lusófono. In: Moraes, O. J.; Laurindo, R.; Jaconi, S. (Org.).

EntreNações e Inter-relações: Marques de Melo e a comunicação em diálogos. São Paulo: Intercom, 2013. p. 183-197.

Sobre os autores e organizadores



Sobre os autores e organizadores

ANA CAROLINA TEMER

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer é jornalista, pós-doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora do PPGCOM da Universidade Federal de Goiás e Pesquisadora Visitante no PPGCE da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

FERNANDA BRUGNEROTO SOARES

Pós-graduada em Marketing pela Universidade de Sorocaba. MBA em Marketing pela ESAMC - Sorocaba. Docente da ESAMC (Athon) durante 10 anos. Profissional de Marketing, Comunicação e Eventos há 27 anos. Mestre de Cerimônias da Câmara Municipal de Sorocaba desde 2014. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba, 2019.

FLÁVIO SANTANA

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2020) e Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Tiradentes (2016). Atua como Editor na Editora Recriar. Coordena o projeto de

Iniciação Científica “Comunicação para a Transformação do bairro Morada do Sol a partir da Folkcomunicação e da Comunicação Comunitária”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI). É, também, Diretor Financeiro (gestão 2022/2024) da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom) e editor da Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social (Iniciacom). Integra o Grupo de Pesquisa (GP) em Jornalismo e Diversidade Cultural da Universidade Federal da Paraíba (Grujordi/UFPB) e o GP Folkcomunicação da Intercom. Foi Editor do Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação (JBCC) e supervisionou projetos de pesquisa na Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional sob orientação do prof. Dr. José Marques de Melo.

FRANCISCO DE ASSIS

Doutor em Comunicação Social. Jornalista. Professor do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Consumo e Identidades Socioculturais (CiCO), na mesma instituição. Autor, entre outros, do livro Jornalismo diversional: fundamentos teóricos e modos de fazer (Insular, 2018) e das coletâneas Gêneros jornalísticos no Brasil (Universidade Metodista de São Paulo, 2010) e Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais (PUC-Rio, Loyola, 2020). Foi contemplado com o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação em 2022.

GENIO NASCIMENTO

Mestre e doutor em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi. Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo. É colaborador da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação desde 2004, coordenador da Expocom - Exposição e Prêmio de Pesquisa Experimental em Comunicação e coordenador do Fórum Ensicom (Seminário sobre Ensino de Comunicação). É vice-coordenador do GP Cinema da Intercom. Editor da Insólita - Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário. Membro dos Grupos de Pesquisa “Estudos do Horror e do Insólito na Comunicação - (UAM/CNPq)”. Sócio e editor na Gênio Editorial.

IEDA CRISTINA BORGES

Doutorado em Ciências, pelo do Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, da Universidade de São Paulo (USP) - Faculdade de Saúde Pública (FSP), linha de pesquisa Saúde, Ciclo de Vida e Condições Sociais, Mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade de Marília (2009) e, especialista nas áreas da: Educação, Ciências da Informação e História e Mídia. Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp Bauru . Atualmente, é docente titular do Centro Universitário de Adamantina - UniFAI. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase nos seguintes temas: jornalismo, mídia impressa, imprensa regional, comunicação organizacional, assessoria de comunicação, comunicação interna, projetos experimentais em jornalismo, trabalhos de conclusão de curso (TCC), tratamento da informação, comunicação e saúde/rádio

educativa. E, na área de pesquisa e metodologia científica. Doutora, docente concursada do Centro Universitário de Adamantina (FAI), coordenadora dos cursos de graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e de Design.

IVANISE HILBIG DE ANDRADE

Jornalista, Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestre em Estudos de Linguagens, área de concentração Linguística e Semiótica, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pós-Doutorado em Comunicação na Sciences Po - Lyon (2023/2024). Professora adjunta na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atuando no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Póscom/UFBA). Diretora de Comunicação da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação em duas gestões (2020-2023 e 2023-2026).

JUÇARA BRITTES

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Até 2019, foi professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), instituição na qual exerceu os cargos de Chefe do Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social (DECSO) e de vice-diretora do Instituto de

Ciências Sociais Aplicadas (ICSA). Aposentou-se em 2016, permanecendo como professora voluntária na UFOP até 2020.

LAIANNY MARTINS SILVA EFEL

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (2015 - 2017), linha de pesquisa Mídia e Cidadania. Aluna participante do Projeto de Pesquisa “Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da mídia” - Projeto Casadinho Procad UFG ? UFRJ. cursou disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) através do projeto Procad Casadinho (UFG/UFRJ - 2015/2). Participante do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPQ: Bases Epistemológicas da leitura crítica da mídia. Especialista em Revisão de Textos, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) (2021 -2023). Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing, pela Universidade Federal de Goiás (UFG) (2012 -2013). Especialista em Inovação em Mídias Interativas, pela Universidade Federal de Goiás (2016-2018). Especialista em Docência na Educação Profissional, Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus Senador Canedo (2021-2022). Especialista em Docência Superior Online: mediação, interação e práticas pedagógicas, pelo Centro UniAraguaia (UniAraguaia) - (2021-2022). Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2010), e em Planejamento de Transporte pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (2007). Integra equipe editorial de

periódicos acadêmicos. Integra ainda o Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Formação de Profissionais da Educação (GEPPFOR), da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais, faz parte da Diretoria de Divulgação e Tecnologia.

MARLI DOS SANTOS

Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), coordenadora da pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero e dos grupos de pesquisa Gêneros Jornalísticos da INTERCOM e Estudos de Jornalismo da ALAIC. Tem estágio pós-doutoral em Comunicação pela UFG.

MONICA MARTINEZ

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, é professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, São Paulo, Brazil. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), onde conduz pesquisas na Linha Análise de Processos e Produtos Midiáticos e é líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Literário e Narrativas de Transformação Pessoal e Social (JORLIT). É vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Teorias do Jornalismo da Intercom (2023-2025). Professora visitante da École des Hautes Études en Sciences de l'Information et de la Communication (Celsa) da Sorbonne Université (França, 2020), é pesquisadora associada ao Laboratoire des Pratiques et Identités Journalistiques (LaPIJ-ULB, Bélgica),

e membro da Rede Groupement d'Interêt Scientifique (GIS Journalisme). Ex-presidente da SBPJor, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (2017-2019), entidade onde é chair do International Relations Committee. É chair do Global Enrichment Committee da IALJS (International Association for Literary Journalism Studies). Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, tem pós-doutorado pela UMESP e estágio de pesquisa pós-doutoral junto à Universidade do Texas em Austin (EUA). Tem mestrado em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, especialização em Psicologia Junguiana pelo Ijep e graduação em Comunicação (Jornalismo) pela UMESP. Pesquisa Jornalismo Literário, Mulheres Jornalistas e Psicologia Analítica. Atua como psicanalista junguiana com prática clínica em São Paulo e online no país e exterior.

NARA LYA CABRAL SCABIN

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), tendo desenvolvido estágio pós-doutoral em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Diretora Editorial (2023-2024) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão (2021-2024) da Intercom.

ORLANDO MAURÍCIO DE CARVALHO BERTI

Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), com estágio doutoral na Universidad de Málaga, na Espanha. Professor, pesquisador e extensionista do Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto – Teresina – e colaborador do campus Professor Barros Araújo – Picos (Sertão do estado)). E-mail: berti@uespi.br

PAULO CELSO DA SILVA

Concluiu o doutorado em 2000 e o Mestrado em 1995, ambos no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Cursei as licenciaturas de Geografia (1987) e Filosofia (1989) na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba. Desde 1995 atuo como professor titular da Universidade de Sorocaba e, a partir de 2006 no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura. Meus projetos e pesquisas estão inseridos na Linha de Pesquisa Mídias e Práticas Socioculturais, e envolvem as áreas de Comunicação, Mídia, Cidade, Geografia, Filosofia, Música com ênfase na Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: Smartcity, comunicação e cidade, geografia da comunicação, mídia e movimentos sociais urbanos, políticas públicas, cidadania, participação cidadã e música. Desde 2001 desenvolvo projetos de pesquisa que abordam as políticas públicas de alcance tecnocomunicacional na smartcity: principalmente no projeto 22@barcelona no campo das Geografias da comunicação. Sou membro do GP

Geografias da comunicação das INTERCOM, atualmente como vice-coordenador. Membro do CEP - Comitê de ética em pesquisa - períodos 2023 - 2025. Coordenador nacional da Red Internacional América Latina, África, Europa, El Caribe (ALEC) Territorio(s), Poblaciones Vulnerables y Políticas Públicas y OCUPA - Organización internacional para el fomento de una cultura de paz. Membro fundador do Centro de Memória Operária de Sorocaba/SP/BR.

RAÚL FUENTES NAVARRO

Professor e pesquisador mexicano, tem se dedicado a investigar a pesquisa da comunicação e a profissionalização da área, na América Latina, de modo geral, e no México, de modo específico. Por causa desse interesse, suas investigações estão voltadas para Teorias da Comunicação, Epistemologias da Comunicação e Metodologias de Pesquisa em Comunicação. As décadas de dedicação à área levaram à produção de 26 livros, 85 capítulos e mais de 120 artigos em revistas especializadas. Nesta entrevista, Fuentes Navarro compartilha algumas impressões sobre os desafios para estudar a comunicação em países latino-americanos.

RICARDO COSTA ALVARENGA

Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em Comunicação Organizacional pela Universidade Estácio de Sá. Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Estácio de São Luís. Possui pesquisas na área de Comunicação e Religiões, com foco na América Latina.

Professor e Pesquisador Visitante no Curso de Jornalismo do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Religião da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Membro do Grupo de Pesquisa COMUNI - Grupo de Pesquisa em Comunicação Comunitária e Local. Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Professor de Graduação e Pós-Graduação nas áreas de Comunicação Social e Educação. Palestrante, assessor e consultor em comunicação para instituições civis e religiosas.

SÉRGIO BARBOSA

Mestre em Ciências da Religião/Sociologia da Religião pelo PPGCR/UMESP (1997), jornalista diplomado pelo IMS/UMESP (1983), cursou Publicidade e Propaganda (IMS/UMESP) e Teologia (FTIMB). Desenvolveu atividades Acadêmicas como Pesquisador-Colaborador da Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (1998/2018). Participou dos Projetos de Implantação dos Cursos de Publicidade e Propaganda (1999) e Jornalismo (2001) da FAI/UNIFAI, também, como Coordenador dos respectivos Cursos por meio do DE.COM-Departamento de Comunicação (2004/2008). Jornalista Responsável e Diretor-Executivo da Rádio Cultura FM de Adamantina (1999/2007), bem como, Coordenou o Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu de História e Mídia (2007). Participou dos Projetos de Implantação e Coordenação dos Cursos de Publicidade e Propaganda/Jornalismo (2012/2014)

da FACCAT (Tupã). Atuou como coordenador-executivo em diversos eventos com iniciativa da Cátedra Unesco/ Metodista com Promoção e execução da FAI/UNIFAI (1999-2008). Organizador e Autor de Artigos e Resenhas em Revistas/Livros publicados na área da Comunicação. Autor de mais 3.000 artigos publicados em jornais, revistas e sites da Região da Nova Alta Paulista (1999/2020). Articulista semanal de sites: Jorge Zanoni (Dracena), Siga Mais, Life Fm e Adamantina.Net (Adamantina) e Acontece Oeste e Ocnet (Osvaldo Cruz) e do Jornal O Pacaembuense (Pacaembu). Editor e Redator da Fanpage Empório Sebar (Adamantina). Professor Universitário aposentado da UNIFAI/Adamantina, SP (1999 até 2023). Desenvolve atividades profissionais nas áreas de Consultoria e Assessoria em Comunicação Organizacional em Adamantina e região. Mestre, professor aposentado do Centro Universitário de Adamantina (FAI), docente do curso de graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

SÉRGIO MATTOS

Professor doutor em Comunicação pela Universidade do Texas, Austin, Estados Unidos. Professor Associado do Colegiado de Comunicação/Jornalismo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

“Comunicação, na verdade, não é uma área autônoma de pesquisa. Como todas as ciências aplicadas, ela incorpora contribuições que vêm das demais ciências, das exatas e das humanas”

José Marques de Melo